



ANAIS DE HISTÓRIA DE ALÉM-MAR Vol. IV (2003)

ISSN 0874-9671 (impresso/print)

ISSN 2795-4455 (electrónico/online)

Homepage: <https://revistas.rcaap.pt/aham>

Os Descobrimentos Portugueses em The Principal Navigations de Richard Hakluyt

Rogério Manuel Puga 

Como Citar | How to Cite

Puga, Rogério Manuel. 2003. «Os Descobrimentos Portugueses em The Principal Navigations de Richard Hakluyt». *Anais de História de Além-Mar* IV: 63-131. <https://doi.org/10.57759/aham2003.37802>.

Editor | Publisher

CHAM – Centro de Humanidades | CHAM – Centre for the Humanities

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Universidade NOVA de Lisboa | Universidade dos Açores

Av.^a de Berna, 26-C | 1069-061 Lisboa, Portugal

<http://www.cham.fcsh.unl.pt>

Copyright

© O(s) Autor(es), 2003. Esta é uma publicação de acesso aberto, distribuída nos termos da Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0 (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt>), que permite o uso, distribuição e reprodução sem restrições em qualquer meio, desde que o trabalho original seja devidamente citado.

© The Author(s), 2003. This is a work distributed under the terms of the Creative Commons Attribution 4.0 International License (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>), which permits unrestricted reuse, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.



As afirmações proferidas e os direitos de utilização das imagens são da inteira responsabilidade do(s) autor(es).

The statements made and the rights to use the images are the sole responsibility of the author(s).

OS DESCOBRIMENTOS PORTUGUESES EM *THE PRINCIPAL NAVIGATIONS* DE RICHARD HAKLUYT

por

ROGÉRIO MIGUEL PUGA *

«[...] there is no man alive today can tell you so much about unknown peoples and lands [...] who is named Raphael [...] (he is Portuguese by birth) [...]»

THOMAS MORE, *Utopia*, pp. 6-7.

Richard Hakluyt (1552?-1616) ¹ colecciona, traduz e compila um vasto número de narrativas de viagem europeias, sobretudo na sua *magna opera*, *The Principall Navigations, Voyages and Discoveries of the English Nation* ²

* Investigador do Centro de História de Além-Mar da Universidade Nova de Lisboa e bolsheiro da Fundação Oriente.

¹ Para uma cronologia biobibliográfica de Richard Hakluyt veja-se D. B. e A. M. QUINN, «A Hakluyt Chronology», in D. B. QUINN (ed.), *The Hakluyt Handbook*, vol. 1, Segunda Série, Londres, 1974, pp. 263-331 (obra doravante designada *H. H.* seguida do número do volume); L. E. PENNINGTON, «Secondary works on Hakluyt and his circle», in D. B. QUINN (ed.), *H. H.*, 2, pp. 576-610; D. B. QUINN, C. E. ARMSTRONG e R. A. SKELTON, «The Primary Hakluyt Bibliography», in *H. H.*, 2, pp. 461-575; E. LYNAM (ed.), *Richard Hakluyt and his successors: A volume to commemorate the centenary of the Hakluyt Society*, Londres, 1946; Albert GRAY, *An Address on the occasion of the trecentenary of the death of Richard Hakluyt: 23 November, 1916, with a note on the Hakluyt family*, Londres, 1917; Clement MARKHAM, *Richard Hakluyt: His Life and Work: with a short account of the aims and achievement of the Hakluyt Society. An address delivered by Sir Clements Markham, on the occasion of the fiftieth anniversary of the foundation of the society, December 15th, 1896*, Hakluyt Society, Londres, 1896, sobretudo pp. 4-17.

² Obra de título completo *The Principall Navigations, Voiages and Discoveries of the English Nation made by Sea or over Land to the most remote and farthest distant quarters of the earth, at any time within the compass of these 1500 years*. A edição alargada apresenta duas variantes no título: *The **Principal** Navigations, Voyages, **Traffiques**...* (negrito nosso). Edição por nós utilizada: Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, 8 volumes, col. «Everyman's Library», introdução de John MASEFIELD, Dent, Londres, 1962. Trataremos as fontes das duas edições como um todo, excepto os prefácios e as cartas-dedicatórias, uma vez que essa distinção se encontra

(primeira edição, 1589, edição ampliada, 1598-1600)³, trabalho continuado mais tarde por Samuel Purchas (c. 1575-1626)⁴, recorrendo a inúmeros manuscritos deixados pelo seu «mestre». Ao longo de *The Principal Navigations* – «[...] the prose epic of the modern English nation»⁵ [...] – Hakluyt publica diversos episódios de viagens de nações estrangeiras quer em África e nas Índias Orientais quer nas Índias Ocidentais, referindo muitas das fontes inglesas a presença de viajantes e comerciantes lusitanos nas partes do globo por onde navegadores ingleses se aventuram, na senda das rotas comerciais portuguesas⁶. Referências e relatos que analisaremos, de forma a concluir sobre a importância das fontes e do «[...] saber [...] de experiência feito [...]»⁷ dos descobridores e mercadores do Sul da Europa na Inglaterra isabelina, bem como de diversos aspectos da empresa de Hakluyt, tais como a tradução⁸ e utilização das fontes ibéricas⁹. Quando da publicação de *The Principal Navigations*, Portugal encontra-se sob o domínio filipino, sendo a católica Espanha um dos inimigos da Inglaterra protestante¹⁰, incluindo Hakluyt na sua obra uma descrição da derrota da Armada Invencível (1588),

sobeiramente esclarecida em inúmeros estudos da obra (veja-se A. M. e D. B. QUINN, «Contents and sources of the Three Major Works», in *H. H.*, 2, pp. 334-460). Doravante indicamos apenas o nome da fonte, o volume das *Navigations* e as respectivas páginas.

³ A segunda edição ampliada de *Principal Navigations* coincide com a formação da *East India Company* (1600), sendo Hakluyt consultor da nova Companhia, redigindo apontamentos e informações, sobretudo sobre a Índia, de forma a serem utilizados durante as viagens da organização até 1615, ano da morte deste. (Cf. M. F. STRACHAN, «Hakluyt's use of the material available to him: India», in *H. H.*, 1, p. 212.)

⁴ A propósito da literatura de viagens inglesa do século XVI, veja-se George B. PARKS, «Tudor travel literature: a brief history», in *H. H.*, 1, pp. 97-132.

⁵ J. H. PARRY, «Hakluyt's view of British history», in *H. H.*, 1, p. 7.

⁶ Sobre a relação dos Descobrimentos portugueses com a economia europeia e ultramarina veja-se Vitorino Magalhães GODINHO, s.v. «Complexo histórico-geográfico», in Joel SERRÃO (dir.), *Dicionário de História de Portugal*, vol. II, Porto, s.d., pp. 130-135; *idem*, *Os Descobrimentos e a Economia Mundial*, 4 volumes, Lisboa, 1981-1983, *passim*.

⁷ Luís de CAMÕES, *Os Lusíadas*, Porto, 1987, IV, 94.

⁸ Sobre o estilo da linguagem de Hakluyt (uso de estrangeirismos e de vocabulário exótico) e as suas traduções vejam-se N. E. OSSELTON, «Hakluyt's language», in *H. H.*, 1, pp. 23-30; F. M. ROGERS, «Hakluyt as a translator», in *H. H.*, 1, pp. 37-47; G. P. B. NAISH, «Hakluyt's nautical terms», in *H. H.*, 1, pp. 31-36.

⁹ Na introdução de Richard HAKLUYT, *The Principall Navigations*, 1983, p. xii, David Beers QUINN e Raleigh Ashlin SKELTON afirmam: «Hakluyt does not print from Spanish or Portuguese histories anything derogatory to the English.» A propósito da disseminação de informação relativa aos Descobrimentos portugueses veja-se Luís Filipe THOMAZ, «Expansão portuguesa e expansão europeia – reflexões em torno da génese dos Descobrimentos», in *Stvdia*, n.º 47, 1994, pp. 371-415; António Augusto Banha de ANDRADE, *Mundos Novos do Mundo. Panorama da Difusão, pela Europa, de Notícias dos Descobrimentos Geográficos Portugueses*, Lisboa, 1972; J. S. da Silva DIAS, *Os Descobrimentos e a Presença Cultural do Século XVI*, Lisboa, 1988.

¹⁰ Sobre a guerra marítima entre Inglaterra e Espanha, nomeadamente em relação à questão que envolve D. António Prior do Crato, veja-se: A. L. ROWSE, «The Sea-Struggle with Spain» e «The Armada and After», in *The Expansion of Elizabethan England*, Londres, 1955, pp. 238-265 e 266-326, respectivamente.

enumerando alguns episódios e feitos que envolvem tripulações e embarcações portuguesas, entre os «papistas» espanhóis¹¹, aparecendo ambos os espaços ibéricos como entidades separadas, até porque a Inglaterra apoia D. António Prior do Crato aí exilado durante algum tempo¹². Aliás, a aneção de Portugal facilita os planos de corsários (*sea dogs*) como *Sir Francis Drake* e *Sir Walter Raleigh* que desejam a todo o custo enfraquecer as rotas comerciais marítimas de Filipe II e, conseqüentemente, o seu «tesouro real», espaço e poder de manobra¹³.

A função do cronista, de acordo com J. H. Parry, seria a de registar e glorificar, e não apenas explicar: «There was a principle of selection: that of national patriotism. The chroniclers wrote not only to inform and amuse, but also to celebrate, to extol.»¹⁴ Hakluyt recolhe de crónicas medievais alguns episódios que envolvem cruzados e reis que, directa ou indirectamente, se relacionam com a gesta marítima inglesa, sendo a obra fruto de todo um saber e de uma prática acumulados quer durante a sua formação académica em Oxford¹⁵ quer durante as muitas conversas com viajantes e

¹¹ Emanuel van METERAN, «The miraculous victory atchieved by the English Fleete...», vol. 2, pp. 371 ss.: «Portugal furnished and set foorth under the conduct of the duke of Medina Sidonia generall of the Fleete, ten Galeons, two Zabraes, 1.300. mariners, 3300. Souldiers, 300. Great pieces, with all requisite furniture.»

¹² Sobre a presença do Prior do Crato e das suas relações com a corte inglesa e outros portugueses nas terras além-Mancha veja-se Rogério Miguel PUGA, «The (anti) "Lopez Plot": the tragic end of a Portuguese in the court of Elizabeth I», in *Actas da Conferência Internacional Gloriana's Rule: the Life, Literature and Culture of Elizabethan England*, realizada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 5 a 7 de Junho de 2003, no prelo.

¹³ Cf. Rogério Miguel PUGA, «The «Lusiads» at Sea and the Spaniards at War in Elizabethan Drama: Shakespeare and the Portuguese Discoveries», in Holger Michael KLEIN e José Manuel GONZALÉZ (eds.), *Shakespeare Yearbook: Shakespeare and Spain*, vol. XIII: *Shakespeare and Spain*, Lewiston, Queenston, Lampeter, 2002, pp. 90-114.

¹⁴ J. H. PARRY, *op. cit.*, p. 3. O autor compara a obra do cronista inglês William CAMDEN (1551-1623) – *Britannia*, 1586; *Annales*, 1615-25-27 –, à de Hakluyt, seu amigo e colaborador na recolha de material, afirmando: «Unlike Camden, Hakluyt was not a writer of history. He was a geographer, a propagandist of overseas adventure, a collector and editor of first-hand narratives of travel. He handled his material with the care and judgement of a good historian, but made no attempt to compact it as continuous narrative, preferring to let his sources speak for themselves [... and] make available the best and latest information on trades and places which English men might profitably exploit.» (*Idem, ibidem*, p. 4.)

¹⁵ A este respeito veja-se G. R. CRONE, «Richard Hakluyt, geographer», in *H. H.*, 1, pp. 8-14. O autor defende que a abordagem geográfica («Cosmographie») de Hakluyt é sobretudo empírica: «His interest was primarily in people and their actions, in the geographical environment as the setting in which they voyaged, explored and developed the resources bestowed upon man by his Creator [... the] newly-revealed space.» (*Idem, ibidem*, p. 14.) A respeito da cartografia e da utilização de mapas portugueses por parte de Hakluyt veja-se R. A. SKELTON, «Hakluyt's maps», in *H. H.*, 1, pp. 48-73. De acordo com o autor, um agente de Raleigh encomenda um mapa ao cartógrafo português exilado em Paris, André Homem – «[...] the prince of cosmographers of this age [...]» –, referindo ainda outras fontes cartográficas portuguesas disponíveis na altura. D. António Prior do Crato mostra a Hakluyt, em 1584, na cidade de Paris, «[...] «an olde excellent mappe» by Verrazzano [...]» (*idem, ibidem*, p. 51). Sobre a literatura geográfica inglesa

mercadores seus conhecidos e/ou amigos ¹⁶, quer ainda através de leituras de obras como as traduções de Richard Eden, *The Decades of the Newe World or West India* (1555), e *The History of Travayle in the West and East Indies...* (1577), entre outras ¹⁷. O seu primo homónimo, «[...] a Gentleman of the Middle Temple [...]» ¹⁸, é outro dos seus mestres, cujo saber e dedicação lhe

anterior a Hakluyt veja-se E. G. R. TAYLOR, *Tudor Geography 1485-1583*, Londres, 1930. Os próprios navegadores ingleses faziam uso de mapas portugueses, chegando mesmo a corrigir a informação neles contidos, como informa uma das fontes publicadas por Hakluyt: «This cape of Buena Esperanza is set down and accompted for two thousand leagues from the yland of Java in the Portugall sea carts: but it is not so much almost by an hundred and fiftie leagues, as we found by the running of our ship.» (Francis PRETTY, «The admirable and prosperous voyage of the Worshipfull Master Thomas Candish...», vol. 8, p. 251.)

¹⁶ No prólogo da primeira edição, Hakluyt agradece ao seu primo, Master Richard Hakluyt, a *Sir John Hawkins*, cujas viagens (1562-9) geram conflitos entre a Inglaterra e Espanha, e a *Sir Walter Raleigh* as inúmeras informações cedidas, aludindo ainda, por diversas vezes, aos feitos do corsário *Sir Francis Drake*, *sea dogs* cuja acção Isabel I encoraja (Cf. David McDOWELL, *An Illustrated History of Britain*, Londres, 1993, p. 73). De acordo com Helen WALLIS, «Hakluyt's use of the materials available to him: The Pacific», in *H. H.*, 1, p. 232, durante uma conversa com Simão Fernandes – um piloto de Lisboa –, em Março de 1604, Hakluyt toma conhecimento da viagem de Queirós do Peru (1595). Sobre a expansão e as viagens inglesas quinhentistas vejam-se W. W. HUNTER, *History of British India, 1500-1700*, 2 vols., Londres, 1899-1900; Julian S. CORBETT, *Drake and the Tudor Navy, with a History of the Rise of England as a Maritime Power*, 2 vols., Londres, 1917; L. STONE, «Elizabethan Overseas Trade», *The Economic History Review*, n.º 1, 1949, pp. 30-58; James A. WILLIAMSON, *The Age of Drake*, Londres, 1952; A. L. ROWSE, *The Expansion of Elizabethan England*, Londres, 1955; David W. WATERS, *The Art of Navigation in England in Elizabethan and Early Stuart Times*, Londres, 1958; T. S. WILLIAM, *Studies in Elizabethan Foreign Trade*, Manchester, 1959 (sobretudo em relação a Marrocos e à fundação da «Barbary Company»), pp. 92-312; G. R. ELTON (ed.), *England under the Tudors*, Londres, 1960, pp. 330-394; Michael STRACHAN, *The Life and Adventures of Thomas Coryate [?1577-1617]*, Oxford, 1962; R. R. SELLMAN, *The Elizabethan Seaman*, Londres, 1962; Lacey Baldwin SMITH, *The Elizabethan Epic*, Londres, 1966; Theodore K. RABB, *Enterprise and Empire: Merchant and Gentry Investment in the Expansion of England, 1575-1630*, Cambridge (Mass.), 1967; *Sir Walter RALEIGH, Selected Writings*, Manchester, 1984; Kenneth R. ANDREWS, *Trade Plunder & Settlement: Maritime Enterprise & the Genesis of the British Empire, 1480-1630*, Cambridge, 1984; Maria Helena de Paiva CORREIA e Maria Eduarda Ferraz de ABREU, «A Era das Descobertas», in *Literatura Inglesa I – Época Renascentista*, Lisboa, 1996, pp. 29-47.

¹⁷ Também as *sea-ballads* inglesas referem as (des)aventuras marítimas inglesas e portuguesas, nomadamente *Sir Andrew Barton*. Para um estudo desta balada veja-se Miguel ALARCÃO, «The Scramble for the Seas: the Ballad Evidence of *Sir Andrew Barton*», *op. cit.: Uma Revista de Estudos Anglo-Americanos*, n.º 1, Associação Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos, 1998, pp. 25-37.

¹⁸ Cf. Richard HAKLUYT, «The Epistle Dedicatorie in the First Edition, 1589», vol. 1, p. 1. Hakluyt tem, na companhia deste seu familiar, a oportunidade de identificar «[...] all the known Seas, Gulfs, Bayes, Straights, Capes, Rivers, Empires, Kingdomes, Dukedomes, and Territories of each part [...]». O seu trabalho, conforme indicado pelo próprio («The Epistle Dedicatorie in the Second Volume of the Second Edition, 1599», vol. 1, p. 37): «[...] having begun at the highest Antiquities of this realme under the government of the Romans; next under the Saxons; and thirdly since the conquest under the Normans, I have continued the histories unto these our dayes.» Na «Epistle Dedicatorie in the Third Volume of the Second Edition, 1600», vol. 1, p. 49, o autor continua a comentar o «methode» subjacente à escrita e organização

servem de motivação, enquanto a aprendizagem de línguas estrangeiras, nomeadamente a portuguesa, é apresentada como um requisito e uma mais-valia para a sua tarefa: «[...] I found extant either in the Greeke, Latine, Italian, Spanish, Portuguese, French, or English languages [...].»¹⁹

Recorrendo aos *topoi* do saber livresco e do saber de experiência feito, o geógrafo confessa que durante a sua estada em França ouvira e lera exaltações às façanhas marítimas de diversas nações, não se observando o mesmo em relação à sua: «[...] both heard in speech and read in books other nations miraculously extolled for their discoveries and notable enterprises by sea, but the English of all others for their sluggish security, and continuall neglect of the like attempts especially in so long and happy time of peace [...].»²⁰ Esta ausência, bem como o fervor patriótico, são então apontados como os motivos que levam à publicação da obra, defendendo Haluyt:

[...] the industrious labors, and painefull travells of our countrey men: for stopping the mouthes of the reproachers, my selfe [...] determined notwithstanding all difficulties, to undertake the burden of that worke wherin all others pretended their ignorance [...] these voyages lay so dispersed, scattered, and hidden in severall hucksters hands [...].²¹

Publicada um ano após a derrota da Armada Invencível, esta colectânea de textos surge no período inicial da afirmação naval inglesa, adquirindo um papel fundamental para a justificação do crescimento e desenvolvimento da nação de Isabel I, sendo também as navegações um marco de transição na

da sua obra: «And albeit my worke do carry the title of The English voyages, aswell in regard that the greatest part are theirs, and that my travaile was chiefly undertaken for preservation of their memorable actions, yet where our owne mens experience is defective, there I have bene careful to supply the same with the best and chiefest relations of strangers.» Daí o recurso às fontes portuguesas. Para a leitura da correspondência entre Richard Hakluyt e o seu primo veja-se E. G. R. TAYLOR (ed.), *The Original Correspondence of the Two Richard Hakluys*, 2 vols., Londres, 1935. Nesta mesma obra (vol. 2, p. 332) encontra-se um texto de Richard HAKLUYT, «the elder», «Inducements of the Liking of the Voyage Intended Towards Virginia» (1585) que problematiza diversas questões em torno da colonização e comércio ingleses:

«To plant Christian religion without conquest, will bee hard.
Trafficke easily followeth conquest: conquest is not easie.
Trafficke without conquest seemeth possible, and not uneasie.
What is to be done, is the question.»

¹⁹ Richard HAKLUYT, «The Epistle Dedicatorie in the First Edition, 1589», vol. 1, p. 2. Esse mesmo conhecimento possibilita a leitura de autores quer portugueses quer franceses, como André THEVET (*La cosmographie universelle*, 1575), que Thomas NICOLS refere como autor de algumas imprecisões («A description of the fortunate islands...», vol. 4, p. 23).

²⁰ Richard HAKLUYT, «The Epistle Dedicatorie in the First Edition, 1589», vol. 1, p. 2. Entre Outubro de 1583 e Janeiro de 1584, em Paris, Hakluyt ter-se-á encontrado duas vezes com D. António Prior do Crato, bem como com alguns dos seus capitães e pilotos. Como já referimos, no Verão de 1584 D. António mostra a Hakluyt um mapa-mundo em que se encontra representada a passagem do Noroeste. (Cf. D. B. e A. M. QUINN, «A Hakluyt Chronology», in *H. H.*, 1, pp. 280 e 284.)

²¹ Richard HAKLUYT, «The Epistle Dedicatorie in the First Edition, 1589», vol. 1, p. 3.

história da Inglaterra, conforme afirmam diversos estudiosos da expansão isabelina:

Nothing – with the exception perhaps of our literature – illustrates more clearly and decisively than our sea-history [...]: the backwardness, in the first half of the sixteenth century, of this country left behind by the new discoveries, impulses, experiences of the Renaissance in Europe, and the sudden catching up with a swoop of the national spirit [...].²²

A compilação tem, portanto, como objectivo cantar a coragem e glória dos viajantes ingleses, enquanto a Inglaterra luta pela «abertura» do *mare clausum*: «[...] men full of activity, stirrers, abroad, and searchers of the remote parts of the world, so in this most famous and peerlesse government of her most excellent Majesty [...] in compassing the vaste globe of the earth.»²³ Tentando provar o carácter inovador da sua obra, Hakluyt assume-se como cantor das gloriosas façanhas das dinastias nacionais, sobretudo a Tudor, dirigindo uma pergunta retórica ao destinatário de uma das suas epístolas-dedicatórias, na qual as possessões portuguesas se encontram indirectamente referidas:

[...] who ever heard of Englishmen at Goa before now? What English shippes did heeretofore ever anker in the mighty river of Plate? [...] double the famous cape of Bona Speranza, arive at the Isle of Santa Helena, & last of al returne home most richly laden with the commodities of China, as the subjects of this now flourishing monarchy have done?²⁴

Os prefácios e as dedicatórias das várias edições de *The Principal Navigations* veiculam quer os objectivos quer a forma como o geógrafo trabalha as fontes publicadas, bem como a disposição de temas e a sua noção de História²⁵. No prefácio da primeira edição, dirigido ao «[...] favourable [...] Good Reader [...]», o *editor* familiariza o leitor com o «método e a ordem» subjacentes ao seu trabalho, bem como com a tradução das fontes «[...] whether it were a Latine, Italian, Spanish or Portingall discourse [...]»²⁶.

²² A. L. ROWSE, *op. cit.*, p. 158.

²³ Richard HAKLUYT, «The Epistle Dedicatorie in the First Edition, 1589», vol. 1, p. 3. As viagens exclusivamente inglesas apresentadas na obra de Hakluyt são sobretudo de carácter diplomático, comercial e, também, religioso (por exemplo, a Jerusalém: vol. 2, pp. 441-42).

²⁴ *Idem*, «The Epistle Dedicatorie in the First Edition, 1589», vol. 1, pp. 3-4.

²⁵ A propósito do conceito de História do *editor* veja-se «The Preface to the Second Edition, 1598.», vol. 1, p. 19, onde se afirma: «[...] the helpe of Geographie and Chronologie (which I may call the Sunne and the Moone, the right eye and the left of all the history) referred ech particular relation to the due time and place [...]». A obra do autor é organizada de acordo com as coordenadas tempo-espço, observando-se nesta afirmação uma abordagem consciente e auto-reflexiva em torno do ofício do historiador.

²⁶ Richard HAKLUYT, «The Preface to the First Edition: Richard Hakluyt to the favourable Reader», vol. 1, p. 6. No que diz respeito às apóstrofes e alusões ao leitor, o geógrafo informa este último de que a obra tem como objectivo «[...] the profite and pleasure [...]» (p. 12), prin-

Através do confronto das diversas fontes e do saber acumulados, o autor destaca-se dos Antigos, tópico comum na literatura humanista do Renascimento: modernos *versus* antigos²⁷, organizando o seu trabalho com base no princípio da brevidade, em torno das «[...] Navigations onely of our owne nation [...] I alleage in a few places (as the matter and occasion required) some strangers as witnesses of the things done [...]which] confirme the travels of our owne people [...]»²⁸. Hakluyt não pode deixar de referir todo o conhecimento produzido pelos Descobrimientos ibéricos dos quais retira partido e saber, não utilizando somente relatos de viagem ingleses: «I have contented my selfe with inserting into the worke one of the best generall mappes of the world onely, untill the comming out of a very large and most exact terrestriall Globe, collected and reformed according to the newest, secretest, and latest discoveries, both Spanish, Portugall, and English [...]»²⁹. Os adjetivos no grau superlativo absoluto sintético que qualificam os Descobrimientos são deveras sugestivos no que diz respeito à descrição das aventuras marítimas que importa conhecer e suplantar: «(os mais) pioneiros, (os mais) secretos, (os mais) recentes», tornando-se vital para a «velha Albion» seguir as velas ibéricas, derrotando sobretudo a inimiga Espanha, de forma a desenvolver novas rotas comerciais e consequentemente a indústria têxtil inglesa através da exportação³⁰.

Será exactamente na senda dos feitos ibéricos que Hakluyt, tal como John Rastell (c. 1475-1536) no seu interlúdio *The Four Elements* (c. 1520)³¹,

cípio presente na *Arte Poética* de HORÁCIO: «Os poetas ou querem ser úteis ou dar prazer [...]» (*Arte Poética*, Lisboa, 1984, p. 105). Em «The Preface to the Second Edition, 1598», vol. 1, p. 19, Hakluyt refere o conceito a que Wolfgang ISER, *The Act of Reading: A Theory of Aesthetic Response*, Baltimore, 1980, p. 99, chama «horizonte da expectativa» do leitor, no âmbito do estudo da Estética da Recepção: «[...] I do this second time (friendly Reader, if not to satisfie, yet at least for the present to allay and **hold in suspense thine expectation**) presume to offer unto thy view this first part of my three-fold discourse [...]» (negrito nosso). Ao longo da obra, o geógrafo vai recordando e remetendo o leitor para informação atrás fornecida (veja-se o volume 3, p. 50).

²⁷ Veja-se por exemplo Luís de CAMÕES, *Os Lusíadas*, I, 24, 26-27, 31; X, 19, 26, 79, 131, 140.

²⁸ Richard HAKLUYT, «The Preface to the First Edition: Richard Hakluyt to the favourable Reader», vol. 1, pp. 6-7.

²⁹ *Idem, ibidem*, p. 12.

³⁰ Cf. G. V. SCAMMEL, «Hakluyt and the economic thought of his time», in *H. H.*, 1, pp. 15-16. A produção de lã na Inglaterra quinhentista encontra-se em crise, facto também espelhado em *Utopia* (1565) de Sir Thomas More (1477-1535), pp. 14-15, obra que remete também para os Descobrimientos portugueses, conforme a epígrafe deste nosso trabalho: «Your sheep. [...] Now they are becoming so greedy and wild that they devour men themselves [...] For in whatever parts of the land the sheep yield the softest and most expensive wool, there the nobility and gentry [...] are not content [...]. The reason is that the wool trade [...] is concentrated in a few hands [...]» (Sir Thomas MORE, *Utopia*, Londres, 1975, pp. 14-15.) Sobre este assunto veja-se Peter J. BOWDEN, *The Wool Trade in Tudor and Stuart England*, Londres, 1962.

³¹ Em *The Four Elements*, o dramaturgo refere indirectamente as façanhas ultramarinas portuguesas e directamente Portugal, enquanto tenta exacerbar o espírito nacional inglês:

«O what a great thing had been then,
If that they that be English men

tenta estimular o espírito nacional inglês («[...] the ardent love of my country devoured all difficulties [...]») para que a nação se aventure nas lides marítimas, conforme afirma na dedicatória do primeiro volume da segunda edição de *The Principal Navigations* (1598)³². Já no prefácio desta mesma edição, Hakluyt, ao referir os contributos nacionais de diversas nações, afirma, igualando os feitos dos ingleses no Norte aos dos portugueses no Sul do globo terrestre:

[...] as for the Portugales to have found a Sea beyond the Cape of Buona Esperanza, and so consequently a passage by Sea into the East Indies; [...] Be it granted that the renowned Portugale Vasques de Gama traversed the maine Ocean Southward of Africke: Did not Richard Chancellor³³ and his mates performe the like Northward of Europe?³⁴

Might have been the first of all
That these should have taken possession,
And made the first building and habitation,
A memory perpetual
[...] To have had this dominion extending
There into so far a ground [...].»

(*Apud* Maria da Nazareth Borges da Costa FARMHOUSE, «“The Four Elements” e os Descobrimentos Portugueses», dissertação de licenciatura em Filologia Germânica, texto dactilografado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1959, p. xxxv.) A respeito da influência dos Descobrimentos portugueses na literatura inglesa do século XVI veja-se Rogério Miguel PUGA, «Shakespeare e os Descobrimentos Portugueses», *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*, n.º 7, 1998, p. 21. Desde a Idade Média, inúmeras outras obras literárias inglesas referem quer o comércio inglês com Portugal quer os Descobrimentos, nomeadamente: *The Canterbury Tales* (c. 1387), de Geoffrey CHAUCER (c. 1343-1400): «[...] with brasil, ne with grein of Portyngale [...]» (Geoffrey CHAUCER, «The Epilogue of the Nun’s Priest’s Tale», in *The Canterbury Tales*, Nova Iorque, 1957, p. 262). O poema anónimo *The Alliterative Morte Arthure* (c. 1400), edição crítica de Valerie KRISHNA, Nova Iorque, 1976, p. 68, refere os «Portyngale wines». David B. QUINN, no seu ensaio em torno do comércio entre a Inglaterra e a Península Ibérica no século XV («Edward IV and Exploration», *Mariners’ Mirror*, XXI, 1935, p. 276), refere uma frota de quatro navios ingleses que tem, em 1466, como destino Portugal. A. J. R. RUSSELL-WOOD, *The Portuguese Empire, 1415-1808*, Baltimore, 1998, p. 130, afirma que as mercadorias exportadas de Portugal para Inglaterra em 1574-76 eram produtos domésticos, bem como exóticos. Vejam-se também E. M. Carus WILSON, *The Overseas Trade of Bristol in the Later Middle Ages*, Bristol, 1937; Consuelo VARELA, *Ingleses en España y Portugal – 1480-1515: Aristocratas, Mercadores e Impositores*, Lisboa, 1998; J. A. WILLIAMSON, *The Cabot Voyages and Bristol Discovery under Henry VIII*, Cambridge, 1962.

³² Richard HAKLUYT, «The Epistle Dedicatorie in the First Volume of the Second Edition, 1598», vol. 1, p. 13.

³³ Sugestiva referência e comparação entre os feitos do mercador inglês Richard Chancellor (m. 1556) e os de Vasco da Gama, contrapondo as mesmas em termos de localização geográfica. Chancellor é piloto da expedição de Sir Hugh Willoughby (1553) em busca da passagem do Norte para a China. O seu barco é o único a chegar ao Mar Branco, de onde o navegador viaja, por terra, até Moscovo, negociando com o czar um acordo marítimo que leva, em 1555, à formação da *Muscovy Company*, detentora do monopólio do comércio com a Rússia. (Cf. J. P. KENYON, *The Wordsworth Dictionary of British History*, Heretfordshire, 1995, p. 70.) Ao longo de *Principal Navigations* o clima dos mares do Norte, entre outros do mar Cáspio («[...] frozen Sea [...]»: «A letter of Thomas Alcocke», vol. 1, p. 396), é contraposto ao ambiente dos mares por onde navega a Cruz de Cristo das velas portuguesas. Sobre as primeiras viagens

Este mesmo jogo de comparações por semelhança e dissemelhança serve ainda o propósito de contrapor o sucesso das demais nações com o da Inglaterra: «True it is, that our successe hath not bene correspondent unto theirs: yet in this our attempt the uncertaintie of finding was farre greater, and the difficultie and danger of searching was no whit lesse.»³⁵ Assim sendo, o autor continua o seu argumento recordando o leitor do facto de já Heródoto, havia então dois mil anos, ter referido directamente a Península Ibérica na sua proximidade com o continente africano. Fica portanto implícita a facilidade com que os portugueses levaram a cabo o desbravamento dos oceanos, por oposição à dificuldade extrema das façanhas inglesas nos mares do Norte. Uma teoria (político-estratégica) curiosa que dá voz àquilo a que poderíamos chamar complexo de inferioridade dos ingleses em relação à gesta marítima ibérica no século XVI, momento inicial da afirmação da Inglaterra, que se vira, agora, para costas marítimas que não as suas. Os mesmos argumentos são válidos para a Espanha, recorrendo o geógrafo para o fazer às obras de Platão³⁶ e Plínio, clássicos que o geógrafo coloca ao serviço da glória marítima inglesa, através dos seus feitos nos mares do Norte, sendo agora tempo de mudar de rumos e seguir os argonautas ibéricos pelas Índias. Hakluyt exorta a nação a sair da ilha-mãe e descobrir novas terras, riquezas e outros parceiros comerciais, retirando partido, mais uma vez, da expressividade dos adjectivos para descrever os Descobrimentos portugueses. O excerto seguinte sintetiza os argumentos avançados em relação à expansão ibérica, por comparação às navegações inglesas:

But nowe it is high time for us to weigh our ancre, to hoise up our sailes, to get cleare of these boistrous, frosty and misty seas, and with all speede to direct our course for the milde, lightsome, temperate, and warme Atlantick Ocean, over which the Spaniards and *Portugals* have made so many pleasant prosperous and golden voyages. [...] both of them in *their* East and West Indian Navigations have indured many tempests, dangers and shipwracks: yet this dare I boldly affirme; first that a great number of *them* have satisfied their *fame-thirsty* and *gold-thirsty* mindes with that *reputation and wealth*, which made all secondly, that their first attempts [...]

inglesas no Mediterrâneo veja-se Fernand BRAUDEL, *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrânico*, vol. 1, Lisboa, 1995, pp. 664-679, e acerca da utilização das fontes referentes ao Mar Cáspio e ao Ártico vejam-se W. E. D. ALLEN, «Hakluyt's use of the materials available to him: The Caspian», in *H. H.*, 1, pp. 168-175; T. E. ARMSTRONG, «Hakluyt's use of the materials available to him: The Artic», in *H. H.*, 1, pp. 254-260.

³⁴ Cf. Richard HAKLUYT, «The Preface to the Second Edition, 1598...», vol. 1, p. 20.

³⁵ *Idem, ibidem*.

³⁶ *Idem, ibidem*, p. 21: «Was not divine Plato (who lived so many ages ago, and plainly described their [Portuguese and Spanish] West Indies under the name of Atlantis) was not he (I say) instead of a Cosmographer unto them?» Os «ombros» dos autores clássicos, nos quais Hakluyt se apoia, servem para minimizar os feitos dos portugueses, elogiando as façanhas inglesas não preparadas e previstas pelos autores-guias greco-latinos. Esta mesma ideia será retomada em «The Epistle Dedicatorie in the Third Volume of the Second Edition, 1600», vol. 1, pp. 47-48.

were no whit more difficult and dangerous, then ours to the Northeast [...] the way was much longer, yet was at all seasons of the yeere open and Navigable [...] Moreover, *they* had no forren prince to intercept or molest them, but their own Townes, the Islands, and maine lands to succour *them*. The Spaniards had the Canary Islands: and so had the *Portugales* the Isles of the Açores, of Porto santo, of Madera, of Cape verd, the castle of Mina, the fruitfull and profitable Isle of S. Thomas, being all of them conveniently situated, and well fraught with commodities³⁷.

O autor refere ainda o rendível tráfico de produtos e escravos que, de forma gradual, facilitam a empresa marítima portuguesa e, conseqüentemente, a busca da fama³⁸ e do lucro. Na dedicatória do segundo volume da segunda edição, o geógrafo refere a gesta ultramarina portuguesa, contrapondo e relacionando a religião (católica) e o comércio português com «[...] Moores, and many kindes of Gentiles [...]»³⁹, de forma a defender a situação nacional inglesa e a apresentar o conteúdo desta nova edição da obra, na qual as fontes portuguesas e referências aos Descobrimientos continuam a ser uma constante, como fica claro na dedicatória através do recurso à toponímia do império português, que é utilizada ao longo dos textos com variantes gráficas⁴⁰.

Em relação à tipologia das fontes, Hakluyt coleciona, traduz⁴¹ e publica inúmeros documentos e narrativas de viagem portugueses, sobretudo mis-

³⁷ Richard HAKLUYT, «The Preface to the Second Edition, 1598...», vol. 1, pp. 22-3, itálicos nossos. O recurso aos défticos, nomeadamente pronomes demonstrativos e possessivos, contrapõe as esferas dos Descobrimientos do Sul e do Norte da Europa. A utilização destes termos no texto – destacados a itálico – informa-nos sobre o contexto de enunciação, marcando a oposição entre o «nós» (ingleses a iniciar viagem pelos mares mais quentes) e o «eles» (portugueses precursores). A respeito desta questão linguística veja-se E. BENVENISTE, *Problems in General Linguistics*, Miami, 1971.

³⁸ Outros autores que Hakluyt publica referem a fama das façanhas marítimas dos portugueses, afirmando que não é necessário enumerar estas últimas, de tão sobejamente conhecidas (Richard WILLES, «Certaine other reasons...», vol. 5, p. 120; George PECKHAM, «A true Report of the late discoveries...», vol. 6, p. 58).

³⁹ Richard HAKLUYT, «The Epistle Dedicatorie in the Second Volume of the Second Edition, 1599», vol. 1, p. 43.

⁴⁰ *Idem, ibidem*, pp. 43-44: «Cape Verde, Guinea, Benin, San Thomé, Angola, Lisbon, Goa in India, The Cape of good Hope, Azores, Cape das Agulias, Isle of S. Laurence, Isle of Ceilon, Malacca, Portugall, Pegu, Japan, China.» Ao longo de duas páginas torna-se significativa a enumeração de tantos topónimos em que os portugueses marcam presença e onde os ingleses iniciam a sua busca de lucro comercial ultramarino.

⁴¹ Sobre o desempenho de Hakluyt como tradutor e impulsionador de diversas traduções veja-se F. M. ROGERS, *op. cit.*, pp. 37-38: «Among those with whom he talked [...] was Dom António of Portugal, Prior of Crato and an unsuccessful pretender to the Portuguese throne [...]. He also talked with five or six of António's best captains and pilots, one of whom had been born in the East Indies. Hakluyt personally translated two individually published books, [...] and that by the Gentleman of Elvas – from [...] Portuguese [...] and reworked the anonymous translation of Galvão's Portuguese volume. [...] An interesting example in the enlarged edition of the *Principal Navigations* concerns what is said to be the second book printed by Europeans in China. By the Portuguese Jesuit Duarte de Sande [...].» De acordo com F. M. ROGERS, *op. cit.*, pp. 40-44, o geógrafo participou ainda nas traduções das seguintes obras que se relacionam com os Descob-

sivas e relatos, alguns dos quais tomados juntamente com embarcações alvo de actos de pirataria de súbditos de Isabel I. Com o intuito de apresentar o historial das navegações inglesas, o autor recorre a obras literárias nacionais, como é o caso de Geoffrey Chaucer («The English Knights Prologue»: *The Canterbury Tales*), a relatos orais e documentos oficiais e particulares que vai recolhendo com a ajuda de amigos e conhecidos. Das crónicas latinas de Thomas Walsingham of St. Albans (*Historia brevis... ab Edwardo Primo, ad Henricum quintum*, 1574), o editor⁴² recolhe um excerto que refere o auxílio de mercadores ingleses a D. João I quando da tomada de Ceuta, «[...] the first occasion of all the Portugall discoveries [...]»⁴³. Na *Crónica da Tomada de Ceuta*, de Gomes Eanes de Zurara, encontramos referência ao sangue inglês que corre nas veias da corte portuguesa⁴⁴, ao pedido de apoio

brimentos portugueses: Juan González de MENDOZA (1545-1618), *The Historie of the great and mightie kingdome of China [...]*, traduzido (do espanhol) por Robert PARKE; Fillipo PIGAFFETA (1533-1604), *A reporte of the Kingdome of Congo [...] Drawen out of writtinges and discourses of Odoardo Lopes [Duarte LOPES] a Portingall*, traduzido (do italiano) por Abraham HARTWELL, 1597, de título original *Relatione del Realme di Congo...* (1591).

⁴² Hakluyt participa ainda em inúmeras outras traduções de obras portuguesas que se relacionam com os Descobrimentos, das quais destacamos: António GALVÃO (1490?-1557), *The Discoveries of the World from their first originall unto the yeere of our Lord 1555. Briefly written in the Portugall tongue by Antonie Galvano, Governor of Ternate, the chiefe Island of the Malucos: Corrected, quoted, and now published in English by Richard Hakluyt, sometimes student of Christ church in Oxford, [...]*, traduzido do original em língua portuguesa: *Tratado. Que compôs o nobre & notauel capitão António Galvão...*, 1563 [retocado por Damião de Góis], publicado em Londres, no ano de 1601, por George BISHOP. Na dedicatória da edição desta tradução, Hakluyt refere a sua participação na preparação da mesma: «In all which space though I have made much enquire, and sent to Lisbon, where it seemed it was printed, yet to this day (29 October 1601) I could never obtaine the original copie; whereby I might reforme the manifold errorrs of the translator [...]» (*Apud* F. M. ROGERS, *op. cit.*, p. 43). Ainda outras traduções: Um Fidalgo de Elvas, pseud., *Virginia richly valued, By the description of the main land of Florida [...] Written by a Portugall gentleman of Elvas, employed in all the action...*, traduzida por Richard Hakluyt e publicada, em Londres, no ano de 1609, por Mathew Lownes, do original em língua portuguesa *Relaçom verdadeira dos trabalhos que ho governador dom Fernando de souto & certos fidalgos portugueses passaram no descobrimento da provincia da Frolida. Agora novamente feita por hum fidalgo de Delvas*, Évora: André de Burgos, 1557. A mesma tradução aparece publicada, com título diferente, em 1611: *The Worthye and Famous History of the Traviles [...]*. Veja-se Luís de ALBUQUERQUE, «Comentário: A contribuição portuguesa para o descobrimento da América do Norte», in *Descobrimento da Florida*, Lisboa, 1989, pp. 122-137; Rui Manuel LOUREIRO, «Portugueses no Descobrimento da Florida: A relaçam verdadeira do Fidalgo de Elvas (Elvas, 1557)», *Cadernos Históricos*, n.º VIII, Lagos, 1997, pp. 97-127. Sobre a acção inglesa na América no século XVI, veja-se A. L. ROWSE, *The Elizabethans and America*, Londres, 1959.

⁴³ Thomas WALSINGHAM, «This note following, concerning the aide of assistance of the English Marchants...», vol. 2, p. 455: «This yeere John the first king of Portugal, being principally assisted by the help of the English Marchants, and Almaines, overcame the Moores in the dominion of the King of Barbarie, putting many thousands of them to sworde, and he tooke their Citie which was very mightie, seated upon the sea, which is called Ceut in their language.»

⁴⁴ Gomes Eanes de ZURARA, *Crónica da Tomada de Ceuta*, Mem-Martins, 1982, capítulo II, p. 43: «Eras tu primeiramente de nação bárbara mais baixa de todas as nações, e agora acompanhada e guardada por força de linhagem dos reis de Espanha e da casa de Inglaterra [Filipa de Lencastre].»

por parte do rei português a Inglaterra⁴⁵ e à presença de ingleses na expedição: «Todos estes senhores fidalgos eram capitães de gente [...]. E, afora estes, eram com el-Rei aqueles estrangeiros que já dissemos, e um rico cidadão de Inglaterra, que chamavam Mondo [Arnaut] que veio a serviço de el-Rei com quatro ou cinco naos e muitos archeiros e outra gente.»⁴⁶ Ou seja, a participação inglesa nas viagens de exploração e conquista além-mares estende-se ao longo dos tempos, recuando até à Idade Média, altura em que nobres e mercadores ingleses colaboraram com as iniciativas dos reis portugueses.

1. A tradução e o recurso aos documentos portugueses como fonte de informação

«[...] compassing the vaste globe of the earth [...]», Richard Hakluyt, «Epistle Dedicatorie in the First Edition. 1589», vol. 1, p. 3.

Após o estratégico e lucrativo estabelecimento de mercadores portugueses nas costas africanas, no Extremo Oriente e no Brasil, os ingleses iniciam a sua caminhada de encontro aos seus rivais ibéricos, aventurando-se na Berberia por volta de 1551, na Guiné e Benim em 1553, nas Índias Ocidentais desde 1564 – participando no tráfico de escravos –, nas Índias Orientais por volta de 1591⁴⁷, e Hakluyt refere os documentos portugueses não só como fonte de informação em primeira mão para os navegadores e mercadores seus compatriotas, mas também como forma de recolher relatos estrangeiros das poucas viagens inglesas às Índias Orientais e Ocidentais, como o próprio *editor* indica no título de um excerto do relato do navegador português Lopez Vaz que participa na expedição à Florida comandada por Hernando de Soto (1538-1543), tendo sido capturado pelo conde de Cumberland, no Rio da Prata, em 1587:

⁴⁵ *Idem, ibidem*, capítulo XIII, p. 73; capítulo XXIX, p. 115.

⁴⁶ *Idem, ibidem*, capítulo L, p. 179.

⁴⁷ Cf. George B. PARKS, *op. cit.*, pp. 100-3. De acordo com o autor, a primeira narrativa de viagem publicada neste período é o relato de uma viagem à Guiné em 1553, incluída por Richard EDEN na sua tradução de *The Decades of the Newe Worlde* (1555), na qual a presença portuguesa é igualmente constante. Veja-se também A. L. ROWSE, *op. cit.*, pp. 173 ss. R. R. SELLMAN, *The Elizabethan Seamen*, 1962, p. 34, descreve a acção e atitude de Isabel I perante as críticas portuguesas em relação às viagens inglesas nas costas de África: «Knowing the real weakness of the Portuguese, she undertook, with tongue in cheek, to forbid her subjects to trade with any part «under the dominion and tribute of the King of Portugal». When the Portuguese claimed that all Africa was so, she replied unanswerably that if they really controlled the negroes they could forbid them to trade with the English.» Proibição que se observa em inúmeras partes do império português. Sobre a acção de D. João I veja-se João Paulo Oliveira e COSTA e Victor Luís Gaspar RODRIGUES, *Portugal y Oriente: el proyecto del rey Juan I*, Madrid, 1991.

A discourse of the West Indies and South sea written by Lopez Vaz a Portugal⁴⁸, borne in the citie of Elvas, continued unto the yere 1587. Wherein among divers rare things not hitherto delivered by any other writer, certaine voyages of our Englishmen are truely reported: which was intercepted with the author thereof at the river of Plate, by captaine Withrington and captaine Christopher Lister, in the fleete set foorth by the right Honorable the erle of Cumberland for the South sea in the yeere 1586⁴⁹.

Deste mesmo título, que tem também a função de sumário do relato, destacamos o interesse que as informações veiculadas pelo texto suscitam no geógrafo, bem como o facto de este último referir que recorre à narrativa – traduzida do português após a captura da mesma juntamente com o seu autor – para transcrever descrições de viagens inglesas na América Latina, nomeadamente as de *Sir Francis Drake* e *John Oxenham*, uma vez que também os rivais do Continente descrevem as invectivas dos «hereges nórdicos» em territórios ibéricos.

1.1. *Brasil: «land of the parrots»*

Richard Hakluyt recorre às fontes portuguesas para descrever os domínios ibéricos, demonstrando grande interesse pelas terras de Vera Cruz. O relato de Lopez Vaz, no que diz respeito ao Brasil, descreve as riquezas naturais de interesse para a coroa portuguesa e para os viajantes ingleses que se aventurem pelas costas da América do Sul:

[...] betweene the sayd Iland and Fernambuck⁵⁰ runneth the mightie river Marannon whereof (both because of the greatnesse and the riches contayned therein) I must needes make some relation, in regarde I have

⁴⁸ Na primeira edição de *The Principall Navigations*, Lopez Vaz é apresentado como «Spaniard», sendo essa informação corrigida na segunda edição. Tal facto leva a que estudiosos da obra de Hakluyt refiram a nacionalidade do navegador como espanhola, por exemplo David Beers QUINN e Raleigh Ashlin SKELTON na introdução de *The Principall Navigation and Voiages & Discoveries of the English Nation*, Cambridge, 1965, p. xiv.

⁴⁹ Richard HAKLUYT, *op. cit.*, vol. 8, p. 153. Hakluyt adquiriu uma antologia de leis de Duarte de Meneses sobre o governo português das colónias africanas e asiáticas (c. 1534-87: *incipit* «Foral dos usos e costumes dos Canaris lavradores desta ilha de Goa», *British Library: Additional MS 28433*), na qual inscreve o seu nome. O geógrafo poderá ter traduzido esta colectânea («A register or collection of the uses, lawes, and customes of the Canaries or inhabitants of the island of Goa and of the landes thereunto belonging»), cujo original pode ter sido o «The notable intercepted register of Matricula, of the whole government of the Easte India», retirado da nau portuguesa *Madre de Dios*, em 1592 (Cf. D. B. e A. M. QUINN, «A Hakluyt Chronology», in *H. H.*, 1, p. 295).

⁵⁰ O relato do piloto português Vaz Lopes, publicado por Hakluyt, informa que «[...] Fernambuck so named by the Indians, but in Portugall it is called Villa de Olinda» (Vaz LOPEZ, «A discourse of the West Indies and South sea...», vol. 8, p. 172). De facto, Olinda é uma das principais povoações da capitania de Pernambuco [Cf. Marcus CARVALHO, s.v. «Pernambuco, capitania de», in Maria Beatriz Nizza da SILVA (coord.), *Dicionário da História da Colonização Portuguesa no Brasil*, Lisboa, 1994, colunas 627-632].

promised to speake of every place that is of any value in all the Indies. [...]. The fame of this river was straightway spread through Spaine and Portugal, insomuch that a Gentleman of Portugall called Lewis de Melo asked license of Don Juan the third, then king of Portugall to goe and conquere the sayd river: for from the mouth of this river to the mouth of the river of Plate, is that part of America which the kings of Portugall (according to the partition made betweene them and the kings of Spaine) doe holde [...] ⁵¹.

O autor do texto refere ainda a descoberta, a progressiva exploração e os processos de povoamento do Brasil, bem como o conflito de interesse entre os reinos ibéricos:

This coast of Brasill was first discovered by Pedro Alvarez Cabral, in the second voyage which the king of Portugall caused to be made to the East Indies: and the foresayde Pedro Alvarez tooke possession of this land for the king of Portugall: whereupon the king Don Emanuel hearing newes thereof sent presently shippes to discover the whole countrey, and found it to be part of America otherwise called the West Indies: for which cause there grewe some controversie betweene him and the king of Spaine [...] they agreed in the end, that the king of Portugall should holde all the countrey that he had discovered, the which was (as I have said) from the river of Marannon to the river of Plate [...] ⁵².

Em relação aos gentios autóctones, Lopes Vaz aproxima-se da representação do Índio brasileiro na Literatura Portuguesa de Quinhentos ⁵³: «Most

⁵¹ Lopez VAZ, «A discourse of the west Indies and South sea...», vol. 8, pp. 164 e 166, respectivamente.

⁵² *Idem, ibidem*, p. 171.

⁵³ Vide Sérgio Buarque de HOLANDA, *Visão do Paraíso: Os Motivos Edénicos no Descobrimeto e Colonização do Brasil*, Rio de Janeiro, 1959; M. C. Osório DIAS, «O Índio do Brasil na Literatura Portuguesa dos Séculos XVI, XVII e XVIII», Tese de Licenciatura, F. L. U. Coimbra, 1961; Serafim LEITE, «As raças do Brasil perante a ordem teológica, moral e jurídica portuguesas nos séculos XVI a XVIII», in *Actas do V Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros*, vol. III, Coimbra, 1965, pp. 230-254; *idem*, *Suma Histórica da Companhia de Jesus no Brasil (Assistência de Portugal (1549-1760))*, Lisboa, 1965; Jaime CORTESÃO (ed.), *A Carta de Pêro Vaz de Caminha*, Lisboa, 1967; Rui LOUREIRO, «A visão do índio brasileiro nos tratados portugueses de finais do século XVI», in António FERRONHA (coord.), *O Confronto do Olhar. O Encontro dos Povos na Época das Navegações Portuguesas*, Lisboa, 1990; João da Rocha PINTO, «O Olhar Europeu: A invenção do índio brasileiro», in Francisco Faria PAULINO (coord.), *Nas Vésperas do Mundo Novo: Brasil*, Lisboa, 1992, pp. 49-72; Manuela Carneiro da CUNHA (org.), *História dos Índios no Brasil*, São Paulo, 1992; Manuel Viegas GUERREIRO, *A Carta de Pêro Vaz de Caminha lida por um etnógrafo*, Lisboa, 1992; Jorge COUTO, *A Construção do Brasil: Ameríndios, Portugueses e Africanos do início do povoamento a finais de Quinhentos*, Lisboa, 1997, *passim*; Ana Maria de AZEVEDO, «O Índio brasileiro (o «olhar» quinhentista e seiscentista)», in Fernando CRISTÓVÃO (coord.), *Condicionantes culturais da Literatura de Viagens: Estudos e Bibliografias*, Lisboa, 1999, pp. 303-335; Rogério Miguel PUGA, «Da Baía Cabralia ao Maranhão: o exotismo enquanto estética do diverso», in *Actas do Congresso «Portugal-Brasil: Memórias e Imaginário»*, organizado pelo Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para a Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimetos Portugueses, Novembro de 1999, vol. II, Lisboa, 2000, pp. 327-338; *idem*, «O olhar através do género: A imagem do índio brasileiro na Literatura Por-

of the naturall inhabitants of this countrey are very rude, and goe starke naked both men and women, and are man-eaters; for which cause they make warees one against another to get men to eate; they are stout and good bow-men.»⁵⁴ São igualmente descritas as «[...] habitation[s] of Christians [...]», onde também os navegadores franceses marcam presença⁵⁵: Olinda, Porto Seguro, Espírito Santo, Rio de Janeiro e Santos, cidade sobre a qual o autor afirma, tal como acontece noutros apontamentos sobre as relações anglo-ibéricas no Brasil:

A few yeeres past there came two English ships into this harbour which were going for the Streights of Magellan. Who being in this port, there came thither three of the king of Spaines ships, and fought with the Englishmen, but the Englishmen sunke one of their ships, and therefore the king commanded a fort to be made, to the ende that no English shippes that were bound for the streights of Magellan should victuall there [...]»⁵⁶.

Mais uma vez, o conflito de interesses políticos, económicos e religiosos geram lutas marítimas, como sucede sobretudo ao largo dos arquipélagos do Oceano Atlântico.

1.2. *Madeira*

Para além das muitas referências à Madeira como referente geográfico e posto de abastecimento, a descoberta do arquipélago encontra-se envolta pela chamada «lenda de Machim». A acção deste episódio amoroso tem lugar na vila de Machico, e de acordo com João Cabral do Nascimento, o relato parece remontar à primeira metade do século xv, sendo que «[...] a hipótese da veracidade histórica está a ganhar outra vez terreno [...]»⁵⁷. O texto português mais antigo que se refere à lenda é a *Relação* de Francisco Alcoforado (1427), igualmente referida por Jerónimo Dias, no *Manuscrito* de

tuguesa de Quinhentos», in Fernando CRISTÓVÃO (coord.), *O Olhar do Viajante: Dos Navegadores aos Exploradores*, Coimbra, 2003, pp. 177-230.

⁵⁴ *Idem, ibidem*, p. 172.

⁵⁵ Lopez VAZ, «A discourse of the west Indies and South sea...», vol. 8, p. 173.

⁵⁶ *Idem, ibidem*.

⁵⁷ Cf. João Cabral do NASCIMENTO, s.v. «Machim, lenda de», in Joel SERRÃO (dir.), *Dicionário de História de Portugal*, vol. IV, Porto, s.d., pp. 119-120. A respeito do descobrimento da ilha da Madeira vejam-se: Armando CORTESÃO, «A História do Descobrimento das Ilhas da Madeira por Roberto Machim em fins do século XIV», *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. xxiii, 1973; Jean FONTVIELLE, «A lenda de Machim», in *Actas do Congresso Internacional de História dos Descobrimientos*, vol. III, Lisboa, 1961, pp. 197-238; Miguel Jasmim RODRIGUES, s.v. «Machim, Lenda de», in Luís de ALBUQUERQUE (dir.), *Dicionário de História dos Descobrimientos Portugueses*, Lisboa, vol. II, 1994, pp. 635-636. Damião PERES, *História dos Descobrimientos Portugueses*, Porto, 1943, p. 51, apresenta a possibilidade de esta lenda ter sido inventada durante o reinado de Filipe II de Espanha, para legitimar o descobrimento do arquipélago por parte dos espanhóis.

Valentim Fernandes, e por António Galvão (?-1557) no seu *Tratado* (1563). É aliás desta última obra que Hakluyt recolhe o texto, ao rever a tradução anónima para inglês do *Tratado dos Descobrimentos*, que vem a publicar em 1601⁵⁸. O editor transcreve em *The Principal Navigations* este episódio com o seguinte título: «The voyage of Macham an English man, wherein he first of any man discovered the Iland of Madera, recorded verbatim in the Portugall history, written by Antonio Galvano.»⁵⁹ O título informa que o inglês Machim foi, portanto, o primeiro «descobridor» da ilha, conferindo o facto de tal façanha se encontrar registada na História de Portugal maior verosimilhança à mesma aos olhos dos leitores ingleses.

1.3. Oriente

As inúmeras fontes portuguesas que relatam o tráfico das riquezas de e para determinadas localidades no Oriente⁶⁰ são de todo o interesse para viajantes e mercadores ingleses, publicando Hakluyt relatos como o de Frei Pedro de Lisboa, que descreve o «[...] great magnificence and rich traffike of the kingdome of Pegu [...]»⁶¹. O autor da missiva informa o seu primo «That this king of Pegu is the mightiest king of men, & the richest that is in these parts of the world [...]. It is the best and richest countrey in all this east India; and it is thought to be richer than China»⁶². Será então fácil entender as razões pelas quais o geógrafo publica esta fonte, pois o texto informa ainda da avareza e ambição dos portugueses que residem e comercializam naquelas paragens, levando-os a destruir a igreja cristã quase terminada para manter secreta a sua presença no território, não fossem os estrangeiros ter conhecimento da lucrativa actividade comercial que aí tem lugar, concluindo «Our Portugals which are here in this realme are woorse people then the Gentiles»⁶³.

⁵⁸ De acordo com Ruy d'Abreu TORRES, s.v. «Galvão, António», in Joel SERRÃO (dir.), *Dicionário de História de Portugal*, vol. III, p. 98, a tradução publicada por Hakluyt é reimpressa em edição bilingue pelo vice-almirante Bethune para a Hakluyt Society, em 1862, que «[...] com a sua reconhecida autoridade, classificou Galvão de «fundador da geografia histórica» [...].

⁵⁹ Volume 4, pp. 20-21.

⁶⁰ A respeito do império português no Oriente veja-se Artur Teodoro de MATOS, *O Império Português do Oriente nos anos de 1581-1588: Estrutura Administrativa e Económica. Alguns elementos para o seu estudo*, Ponta Delgada, 1980; *idem*, *Portugal na rota das especiarias: de Malaca à Austrália/ From Malaca to Australia: Portugal on the Seaway to Spices*, Lisboa, 1995; *idem*, *Na Rota da Índia: Estudos de História da Expansão Portuguesa*, Macau, 1994.

⁶¹ Frey Peter of LISBON, «A briefe relation of the great magnificence...», vol. 4, p. 240. Sobre Pegu veja-se: Luís Filipe THOMAZ, *De Malaca a Pegu*, Lisboa, 1966; A. PHAYRE, *History of Burma*, Londres, 1967 [1883]; *idem*, «On the History of Pegu», *Journal of the Asiatic Society of Bengal*, n.º 42, 1873; M. COLLIS, *Na Terra da Grande Imagem*, Porto, 1944.

⁶² Frey Peter of LISBON, *op. cit.*, pp. 240 e 241, respectivamente.

⁶³ *Idem, ibidem*, p. 241.

Os portugueses são também seres humanos exóticos para os nativos da Birmânia, uma vez que estes últimos questionam o autor da carta acerca da sua lei e religião⁶⁴, recusando converter-se à religião católica, pois já os seus pais morreram na «lei do diabo». Em relação à religião dos nativos, o autor português elabora uma curiosa teoria em torno das guerras entre Espanha e Inglaterra:

I am afrayd that the warres which his Majesty hath with England will be the utter undoing and spoile of Spaine: for these countreys likewise are almost spoiled with civill warres [...] Here is an Indian which is counted a Prophet, which hath prophesied that there will be a Dragon arise in a strange countrey, which will do great hurt to Spaine⁶⁵.

Não deixa de ser curiosa a semelhança fonética entre o implacável «Dragon» e o apelido Drake, sendo esta carta redigida um ano após a derrota da Armada Invencível de Filipe II de Espanha e I de Portugal. As lutas entre ambos os países têm lugar também no mar, consolidando a Inglaterra, após a derrota da Armada espanhola, cada vez mais o seu poder marítimo, enquanto Isabel I apoia D. António Prior do Crato a lutar contra Filipe de Castela. É neste âmbito que o corsário *Sir Francis Drake* se relaciona com a história de Portugal no período entre 1581 e 1595, pois o auxílio a Portugal subjulgado por Espanha prende-se com o desígnio inglês de destruir o poder naval de Filipe II. A frota de Drake viaja até Portugal em 1589, para tentar colocar o Prior do Crato no trono nacional, e os ataques à Corunha, a Peniche e Cascais encontram-se igualmente descritos num dos documentos publicados por Hakluyt, da autoria de Antonie Winkfield, que neles participa⁶⁶. Entre as fontes portuguesas incluídas na obra encontra-se também a descrição da viagem de Francis Drake à cidade de Nombre de Dios, em 1586. O relato é assinado pelo já referido Lopez Vaz, nascido em Elvas, começando da seguinte forma: «There was a certaine English man named Francis Drake who having intelligence how the towne of Nombre de Dios in Nueva Espanna, had but small store of people remaining there, came on a night, and entered the [...] the towne, without doing any harme [...]»⁶⁷. Mais tarde, os ingleses

⁶⁴ A esta mesma troca de saberes chama Francis BACON (1561-1626) «inter-knowledge» em *New Atlantis (The Advancement of Learning and New Atlantis)*, Oxford, 1980, p. 224.

⁶⁵ Frey Peter of LISBON, *op. cit.*, p. 241.

⁶⁶ Antonie WINKFIELD, «A true discourse written (as is thought) by Colonel Antonie Winkfield...», vol. 4, pp. 306-355. O documento refere as guerras entre partidários de D. António e de Filipe II de Espanha («the Invader»), bem como os inúmeros generais ingleses que lutam, no mar e por terra, em Peniche, Cascais, Lourinhã, Loures, Torres Vedras, Lisboa e Setúbal, entre outros locais.

⁶⁷ Lopez VAZ, «The first voyage attempted and set forth...», vol. 7, pp. 62-63. Também no oitavo volume se encontra um outro excerto do relato deste autor, no qual é descrita a viagem de Drake ao rio da Prata (vol. 8, pp. 45-47). Numa secção intitulada «The Two Famous Voyages: Happily perfourmed round about the world, by Sir Francis Drake, and M. Thomas Candish [...]» (vol. 8, pp. 48-75), Hakluyt relata a circum-navegação de Drake, iniciada em 1577, durante a

lançam o medo por toda a localidade, que abandonam posteriormente para caçar «tesouros» ao longo da costa da América espanhola ⁶⁸. O autor português descreve ainda outras viagens de navegadores ingleses ao Novo Mundo motivadas pelas notícias do espólio que Drake recolhe na «Nova Espanha», viagens que dão origem a novas trocas comerciais e conflitos entre ingleses e ibéricos ⁶⁹.

2. Referências aos Descobrimientos Portugueses nas fontes inglesas e europeias

[...] And this I find to have bin the course that both the Spaniards and Potugals tooke in [...] their discoveries & conquests.

RICHARD HAKLUYT, «To the right honourable...», vol. 6, p. 229.

[...] How dangerous it is to attempt new Discoveries, either for the length of the voyage, or the ignorance of the language, the want of Interpreters, new and unaccustomed Elements and ayres, strange and unsavoury meates, danger of theeves and robbers, fiercenesse od wilde beastes and fishes, hugenesse of woods, dangerousnesse of Seas, dread of tempestes, feare of hidden rockes, steepenesse of mountaines, darkenesse of sudden falling fogges, continual paines taking without any rest, and infinite others.

GEORGE BEST, «A true discourse of the three Voayges of discoverie...», vol. 5, p. 171.

As referências ao reino de Portugal nos documentos oficiais ingleses recuam até à Idade Média – altura em que se forma a mais velha aliança ⁷⁰ do mundo – por entre documentação relativa ao comércio da Liga Hanseática. No *mandate* e na «carta mercatória» ⁷¹ de Eduardo I (1239-1307),

qual se cruza com embarcações portuguesas, e percorre estabelecimentos portugueses. A visita do navegador inglês à América Latina volta a ser descrita no volume 8, pp. 181-89. «The famous voyage of Sir Francis Drake into the South sea...», vol. 8, p. 51, descreve a relação dos portugueses com os nativos do arquipélago de Cabo Verde: «The Island is fayre and large, [...] rich and fruitfull, and inhabited by the Portugals, but the mountains and high places of the Island are sayd to be possessed by the Moores, who having bin slaves to the Portugals, to ease themselves, made escape to the desert places of the Island, where they abide with great strength.» A presença dos portugueses nas diversas ilhas é, para os ingleses, prova de que estas são «commodious» (*idem, ibidem*, p. 52).

⁶⁸ A respeito dos materiais utilizados por Hakluyt relativamente à América Latina veja-se K. R. ANDREWS, «Hakluyt's use of the materials available to him: Latin America», in *H. H.*, 1, pp. 243-243.

⁶⁹ Richard HAKLUYT, «The voyage of Master Andrew Barker of Bristol...», vol. 7, p. 69.

⁷⁰ Sobre o Tratado de Windsor (1386) veja-se Luís Adão da FONSECA, *O Essencial sobre o Tratado de Windsor*, col. «Essencial», n.º 20, Lisboa, 1986.

⁷¹ «A mandate of King Edward the first concerning outlandish merchants», vol. 1, p. 112; «The great Charter granted unto forreine marchants by King Edward the first...», vol. 1, pp. 112-113.

encontram-se presentes as medidas que esse mesmo rei toma em relação aos mercadores estrangeiros («[...] outlandish merchants [...]»), entre os quais se encontram os portugueses. Outro documento relativo à política externa inglesa publicado por Hakluyt, *The Libel of English Policy* (c. 1436), já estudado no âmbito dos Estudos Anglo-Portugueses ⁷², tem como título do seu segundo capítulo «Of the commodities of Portingalle. The second Chapter» (total de 24 linhas) ⁷³. Trata-se de uma declaração de amizade luso-inglesa por comparação à relação menos amistosa que os ingleses encontram junto dos flamengos. O *editor* afirma sobre o documento: «[...] the Libel of English policie, exhorting all England to keepe the sea [...] shewing what profite coometh thereof, and also what worship and salvation to England, and to all English-men [...]», argumento repetido no final da transcrição ⁷⁴. O mercador londrino Robert Thorne, tendo morado em Sevilha, exorta também Henrique VIII (1491-1547) a participar na lucrativa empresa marítima rumo às Índias Orientais, «[...] to enlarge [...] dominions and kingdoms [...]» ⁷⁵, demonstrando assim a sua coragem, à semelhança dos outros soberanos europeus. Portugal e Espanha forçam e desbravam fronteiras para além dos limites marítimos até então conhecidos, pelo que Thorne, tendo em mente o Tratado de Tordesilhas, aconselha Henrique Tudor a organizar uma pequena frota que após as descobertas e viagens lhe trará glória e lucros infinitos. No entanto,

To which places there is left one way to discover, which is into the North: for that of the foure parts of the worlde, it seemeth three parts are discovered by other Princes. For out of Spaine they have discovered all the Indies and Seas Occidentall, out of Portingall all the Indies and Seas Orientall: so that by this part of the Orient & Occident, they have compassed the world ⁷⁶.

Os perigos que os ingleses enfrentam são semelhantes aos já ultrapassados pelos portugueses e espanhóis, «Yet these dangers or darkenesse hath

⁷² Veja-se o estudo de Miguel ALARCÃO, «“They bene oure frendes wyth there comoditez [...]”: uma retórica da amizade? Uma amizade retórica?», in *Actas do I Congresso de Estudos Anglo-Portugueses*, Lisboa, 6-8 de Maio de 2001 (no prelo).

⁷³ Volume 1, p. 178. Para uma tradução portuguesa do excerto mais significativo veja-se Maria Laura Bettencourt PIRES, «Acerca das mercadorias de Portugal», in *Portugal visto pelos ingleses*, Lisboa, 1981, p. 15. De acordo com a autora, este documento encontra-se incluído em *Political Poems and Songs relating to English History, composed during the period from the Accession of Edward III to that of Richard III*. Na obra de Maria Laura Bettencourt Pires encontram-se igualmente traduzidos o «Prefácio à 2.^a edição-1599» e a «Epístola dedicatória no 2.^o volume da 2.^a edição – 1599», de Richard HAKLUYT, *As Principais Navegações, Tráfegos, Viagens e Descobertas da Nação Inglesa...*, pp. 95-6, bem como o primeiro artigo do Tratado de Tagilde (1372), pp. 55-56.

⁷⁴ «Here beginneth the Prologue of the processe of the Libel of English policie [...]», vol. 1, pp. 174-202.

⁷⁵ Robert THORNE, «A declaration of the Indies...», vol. 1, p. 212.

⁷⁶ *Idem, ibidem*, p. 214.

not letted the Spanyards and Portingals and other, to discover many unknowen Realmes to their great perill». Tal como o rei de «Portingal» também os restantes governadores se deverão tornar «[...] merchants [...] of these Spiceries [...]»⁷⁷, daí que Thorne remeta para Londres mapas e informações detalhadas sobre a geografia desbravada pelos portugueses e o Tratado de Tordesilhas:

And by this Cape go the Portingals to their Spicerie. For from this cape toward the Orient, is the land of Calicut [...] Malaca, where is the principall Spicerie [...] Affrike and Barbarie. [...] For these coastes and situations of the Islands, every of the Cosmographers and pilots of Portingal & Spayne do set after their purpose. The Spaniards more towards the Orient, because they should appeare to appertain to the Emperour: & the Portingals more toward the Occident, for that they should fal within their jurisdiction⁷⁸.

Através de um excerto da *História* de Fernando Colombo, a descoberta da América por Cristóvão Colombo marca também presença na obra de Hakluyt sendo mencionada a recusa de apoio do monarca português ao descobridor: «Christopher Columbus fearing least if the king of Castile in like maner (as the king of Portugall had done) should not condescend unto his enterprise [...]»⁷⁹, enfatizando o facto de Portugal ter revelado novos mundos ao mundo [«[...] the late discovered burning Zone by Portingals, unto the world which whilom was unknowen [...]»⁸⁰]. Também Sebastião Caboto segue as rotas dos portugueses em busca das lucrativas especiarias,

⁷⁷ Robert THORNE, «The Booke made by the right worshipful M. Robert Thorne...», vol. 1, p. 218.

⁷⁸ *Idem, ibidem*, pp. 221-223. Thorne descreve de seguida a iniciativa do rei de «Portingal» no ano de 1484 para descobrir «[...] this Spicerie [...]», pedindo auxílio aos restantes reis cristãos. No entanto, «this discovering was holden for a strange thing and uncertain», pelo que os restantes reis não participaram na iniciativa, declarando o Papa que as descobertas feitas do Oriente ao Ocidente são posse do rei português. O monarca não desiste: «[...] in the yeere 1497 were discovered the Islands of Calicut, from whence is brought all the spice he hath. [...] in the yere 1492 the king of Spain willing to discover lands toward the Occident without making any such dilligence, or taking licence of the king of Portingal, armed certaine carvels, and then discovered this India Occidentall, [...] Dominica [...] and] Cuba [...]» (pp. 223-4). Thorne descreve também resumidamente os conflitos ibéricos que levam à assinatura do Tratado de Tordesilhas: «They should divide the worlde betweene them two. [...] Spaine had the situation of the lands from cape Verde, toward the Orient of ye Portingals to their 180 degrees.» (*Idem, ibidem*, p. 225.) «[...] When this foresaid consent of the division of the worlde was agreed of betweene them, the king of Portingal had already discovered certaine Islandes that lie over against Cape Verde, and also certaine part of the maine land of India [...] Brasill, [...] Cape Verde. [...] And after this computation whitout any controversy, the Islands of the spicery fal out of the Portingals domination. [...] So that nowe the Spaniards say to the Portingals, that if they would beginne their 180 degrees from the sayde Cape Verde [...] the Portingals should leave these Islands of Cape Verde and land of Brasil, if they would have part of the Spicerie of the Emperours [...]» (P. 226.) Facto que, de acordo com Thorne, leva à manipulação de mapas por parte dos portugueses.

⁷⁹ Fernand COLUMBUS, «The offer of the discovery of the West Indies...», vol. 5, p. 80.

⁸⁰ *Idem, ibidem*, p. 81.

como demonstram os documentos referentes às suas viagens⁸¹. O conhecimento dos lucros resultantes dos Descobrimentos portugueses leva então os ingleses a seguirem as caravelas lusitanas, como indica o relato de Clement Adams da descoberta de «Moscovie» em 1553:

[...] for seeing the that the wealth of the Spaniards and Portingales, by the discoverie and search of newe trades and Countreys was marveilously increased, supposing the same to be a course and meane for them also to obtaine the like, they thereupon resolved upon a newe and strange Navigation⁸².

As rotas das embarcações inglesas passam obviamente por estabelecimentos rivais, como afirma Jenkinson: «[...] and to know by what way I intended to returne into my countrey, either by the way that I came, or by the way of Ormus, and so with the Portingals ships»⁸³, dependendo a utilização dessas rotas da relação que (os países d)os mercadores, ou até mesmo (d)os seus parceiros comerciais, mantêm com os portugueses: «I durst not returne by the way of Ormus, the Portingales and wee not being friendes, fully perceiving their meaning: for I was advertised that the said Sophie meant to have warres with the Portingales.»⁸⁴ Esta presença nos quatro cantos do globo faz com que a língua portuguesa seja essencial para comunicar e comercializar com sucesso⁸⁵, inclusive a caminho da Rússia e da Pérsia,

⁸¹ Volume 5, pp. 85-92.

⁸² Clement ADAMS, «The newe Navigation and discoverie of the kingdome of Moscovia...», vol. 1, p. 267. O autor descreve a forma diferente, exótica, de viver dos russos (pp. 287 ss.), à semelhança do que os portugueses fazem dos povos com quem contactam. Um outro autor inglês reúne termos russos num pequeno glossário russo-inglês, de forma a facilitar o contacto entre mercadores (vol. 1, pp. 372-3), sendo estas listas também elaboradas noutras partes do globo. A respeito deste assunto veja-se: Maria Leonor Carvalhão BUESCU, *O Estudo das Línguas Exóticas no Século XVI*, Lisboa, 1983; Luís Filipe THOMAZ, «Os Antigos gramáticos Portugueses e a Declinação Neo-Árica», *Anais de Histórias de Além-Mar*, vol. II, 2001, pp. 7-32.

⁸³ Anth.[ony] JENKINSON, «A compendious and briefe declaration of the journey...», vol. 2, pp. 22-23. Numa outra fonte transcrita por Hakluyt, Jenkinson afirma ter visitado Portugal, bem como outros países europeus («The names of such countries...», vol. 2, p. 127). As rotas comerciais portuguesas encontram-se descritas ao longo de inúmeras fontes publicadas na obra, sendo topónimos como Cabo Verde, Brasil, Zanzibar, Etiópia, Melinde, entre muitos outros, recorrentes. No relato «The second voyage to Guinea...», vol. 4, p. 60, ocorrem diversas variantes que designam o Cabo da Boa Esperança: «[...] followeth the front of affrike, the cape of Buena Speranza, or Caput Bonae Spei, that is, the cape of good hope, by which they [Portuguese] passe that saile from Lisbon to Calicut».

⁸⁴ *Idem, ibidem*, p. 23. Ormuz é, aliás, uma referência geográfica recorrente nas viagens inglesas para a Rússia e Pérsia [vol. 2, pp. 32, 39, 45 («From Casbin to Ormus is six weeks travel»)].

⁸⁵ «Another letter of the said M. Arthur Edwards...», vol. 2, p. 40: «[...] and seene in the trade of merchandise, and one (if they can get some such) as can speake the Portingall tongue, may do them as good service, as those that shall be here two yeeres before him: for then we may buy a slave that can speake this language and the Portingall tongue also, which shall then interprete unto us in all your secret doings, not making the Russes privy [...].»

enquanto vários vocábulos dos povos com quem os navegadores lusitanos se relacionam, bem como vocábulos portugueses, entram na língua inglesa através do contacto dos viajantes de ambos os países por paragens exóticas. Entre outros «empréstimos» utilizados nas fontes recolhidas por Hakluyt existem termos como «Galeot»⁸⁶, «godon»⁸⁷ e «Canoa of India»⁸⁸.

A política de povoamento e defesa dos portos e estabelecimentos portugueses acaba também por ser adoptada pelos navegadores e comerciantes ingleses⁸⁹, retirando partido da experiência dos viajantes lusitanos conhecedores das inúmeras terras e gentes, quer a Oriente quer a Ocidente da Europa, utilizando os mercadores isabelinos embarcações portuguesas para transportar bens de Lisboa, que serve de plataforma comercial e cultural entre os novos mundos e o Norte da Europa⁹⁰. A costa portuguesa é portanto bem conhecida dos navegadores europeus, sendo um ponto de referência

⁸⁶ Thomas SANDERS, «The voyage made to Tripolis...», vol. 3, p. 147. O termo «galeot», apresentando diversas variantes gráficas («galliot» em Caesar Fredericke, «The voyage and travell...», vol. 3, p. 236), segundo Henry YULE e A. C. BURNELL, *Hobson-Jobson: The Anglo-Indian Dictionary*, Ware, 1996, p. 361: «[...] seems to come directly from the galeota of the Portuguese and other S. European nations, a kind of inferior galley with only one bank of oars [...]. It is constantly mentioned as forming part of the Portuguese fleets in India.»

⁸⁷ Caesar FREDERICKE, *op. cit.*, vol. 3, p. 245. De acordo com YULE e BURNELL, *op. cit.*, p. 38, «godown» «[is] a warehouse for goods and stores [...]», que Bluteau define como «palavra da Índia». Os «godon[s]» são ainda descritos pelo viajante inglês Ralph Fitch no relato da sua viagem pelas Índias Portuguesas (vol. 3, p. 300). O contacto entre os navegadores dá também origem ao conhecimento de inúmeros vocábulos de outras línguas, para os quais os ingleses apresentam o termo equivalente em inglês. Estas informações têm como objectivo facilitar a comunicação durante futuras viagens, pois os navegadores identificarão o termo português, conhecendo já o seu significado em inglês. «The first voyage made by Master William Towrson...», vol. 4, p. 68, afirma: «[...] found great store of a kinde of fish which the Portugals commonly fish for upon that coast, wich they call Pergosses, the Frenchmen call them Saders, and our men salt-water breames [...]», e Thomas Stevens, «A Letter written from Goa...», vol. 4, p. 236: «[...] called Cape das Agulias (in English the needles) [...]».

⁸⁸ Humphrey GILBERT, «A discourse... chapter 4», vol. 5, p. 105.

⁸⁹ Cf. Richard HAKLUYT, «Notes in writing, besides more privie by mouth...», vol. 2, pp. 214-15: «Whereas the Portingals have in their course to their Indies in the Southeast, certaine ports and fortifications to thrust into by the way, to divers great purposes: so you are to see what Islands, and what ports you have neede to have by the way in your course to the North-east. [...] then we may plant on that maine the offals of our people, as the Portingals do in Brasill [...]».

⁹⁰ Richard HAKLUYT, «The antiquitie of the trade...», vol. 3, p. 3: «Besides, the naturall inhabitants of the foresayd places, they had, even in those dayes, traffique with Jewes, Turkes, and other forreiners. Neither did our merchants onely employ their owne English shipping before mentioned, but sundry strangers, also: namely [...] Spanish and Portugale ships.» Hakluyt anexa a este seu texto uma carta de Henrique VIII para D. João III, «[...] for authorities sake [...]», sumariando o seu conteúdo: «[...] for a Portingale ship with the goods of John Gresham and Wil. Locke with others, unladen in Portugale from Chio.» (Vol. 3, p. 3.) A carta (pp. 3-5), datada de 1531, pede ao monarca português que autorize as mercadorias inglesas apreendidas nos barcos portugueses a serem enviadas para Inglaterra. Sobre a Companhia do Levante veja-se Alfred C. WOOD, *A History of the Levant Company*, Londres, 1935.

geográfico, como o atestam as menções ao «Cavo de Sant Vincente»⁹¹ e à conhecida *bay of Portugall*⁹², associada ao clima quente de Portugal: «[...] where the sunne is of the heate that it is at Rochel, in the Bay of Portugall, or in Spaine [...]»⁹³. Também na literatura inglesa quinhentista encontramos referências à famosa «baía de Portugal». Rosalind, personagem da peça *As You Like It*, de William Shakespeare (1564-1616), confessa a Celia:

Ros. – [...] My affection hath an unknown bottom, like the Bay of Portugal.⁹⁴

2.1. Oriente

Inúmeros viajantes, dirigindo-se de ou para o Oriente⁹⁵, nomeadamente para a Índia Portuguesa⁹⁶, utilizam Lisboa como ponto de passagem. O mercador veneziano Cesare Federici viaja desde 1563, durante dezoito anos,

⁹¹ «The voyage of the Susan of London to Constantinople...», vol. 3, p. 101.

⁹² JOHN LOCKE, «The voyage of M. John Locke to Jerusalem», vol. 3, p. 24: «[...] the Seas in the very port at an anker went so high as if wee had bene in the bay of Portugall with stormy weather.»; «The voiage made by Sir Richard Greenville, for Sir Walter Raleigh, to Virginia, in the yeere 1585», vol. 6, p. 133: «[...] a storme in the Bay of Portugall [...]»; «The fourth voyage made to Virginia...», vol. 6, pp. 196 e 201, respectivamente: «[...] leaving her distresses in the Bay of Portugal [...] left them in the Bay of Portugal [...]».

⁹³ RICHARD HAKLUYT, «Notes formed...», vol. 5, p. 167.

⁹⁴ WILLIAM SHAKESPEARE, *As You Like It*, IV, i, 197-8, introdução e notas de Agnes LATHAM, col. «The Arden Shakespeare», Londres, 1975. Nas notas desta edição da obra, Agnes Latham (p. 101), identifica esta baía: «the sea off the coast of Portugal from Oporto to the headland of Cintra [...]», que será então formada pela reentrância que vai desde a Foz do Douro até ao cabo da Roca. A propósito da influência da obra de Richard Hakluyt nas peças de William Shakespeare, CHARLES BOYCE, *The Wordsworth Dictionary of Shakespeare*, Hertfordshire, 1996, p. 230, afirma: «[...] As revised in 1600, this work [*The Principall Navigations*] contained a well-known map, probably the “new map with the augmentation of the Indies”, referred to in *Twelfth Night* (3.2.76-77). Some of Hakluyt’s material was gathered by John Pory, and the collection was further enlarged by Hakluyt’s friend Samuel Purchas (c. 1575-1626), who published an account of a shipwreck by William Strachey that influenced Shakespeare’s *The Tempest*.» Também o dramaturgo contemporâneo de Shakespeare, CHRISTOPHER MARLOWE, refere esta baía. Veja-se o nosso estudo «Shakespeare e os Descobrimientos Portugueses», p. 26. Sobre a actividade dos corsários ingleses na costa portuguesa consulte-se FRANCISCO RIBEIRO DA SILVA, «O curso inglês e as populações do Litoral Lusitano 1580-1640», in *Actas do Colóquio «Santos Graça» de Etnografia Marítima – Povoamento e Administração – Aspectos Sociais*, vol. 3, Póvoa do Varzim, 1985. Sobre a presença inglesa em Portugal veja-se o estudo de L. SAAVEDRA MACHADO, «Os Ingleses em Portugal», *Biblos, Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra*, vol. VIII, n.º 9, 1932, a vol. XV, tomo II, Coimbra, 1939.

⁹⁵ Sobre as fontes utilizadas por Hakluyt relativas ao Extremo Oriente veja-se D. F. LACH, «Hakluyt’s use of the material available to him: The Far East», in *H. H.*, 1, pp. 214-222. Veja-se ainda K. S. MATHEW, *Portuguese Trade with India During the Sixteenth Century*, Nova Deli, 1983.

⁹⁶ Sobre as fontes relativas à Índia Portuguesa publicadas por Hakluyt veja-se Rogério Miguel PUGA, «A Índia Portuguesa em *The Principall Navigations* de Richard Hakluyt», *Estudos Orientais*, VIII, 2003, pp. 199-250, artigo do qual esta secção sobre a Índia é uma síntese.

pelas Índias na companhia de portugueses, com quem regressa à Europa, também via Lisboa. Federici, publica posteriormente um extenso relato onde retrata diversas possessões portuguesas nas Índias Orientais, partilhando com o leitor «[...] the marvellous things I have seene in my travels in the Indies: the mighty Princes [...], the religion [...], the rites and customes [...], and how many of these countreys are abounding with spices, drugs, and jewels [...]»⁹⁷. O autor recolhe inúmeras informações, quer sobre os nativos e as relações que mantêm com os portugueses quer sobre as rotas comerciais e produtos valorizados em Ormuz, Diu, Goa e Damão; informações que decerto motivam a tradução e a publicação da fonte. O elemento exótico que ao longo das *Principal Navigations* marca uma presença constante, assume nesta fonte uma importância relevante⁹⁸. Dos costumes à flora exótica e estranha, muitos dos elementos das terras em que os portugueses imperam merecem uma descrição atenta, sendo, no entanto, a principal preocupação a de (d)escrever factos e costumes úteis para o negociante que desta forma se pode familiarizar com futuros parceiros comerciais. Em relação à sensação de estranheza presente no texto, poderemos definir exotismo como representação do Outro civilizacional e da sua singularidade⁹⁹. Como o próprio prefixo do termo indica, o exotismo, enquanto discurso sobre a alteridade, implica um movimento do olhar e dos demais sentidos para fora do Eu cultural (ocidental). A visão do *alter mundus* leva o Eu renascentista a consciencializar-se de que é também Outro no seio de um processo de «leitura» interactiva, importando conhecer os diversos Outros. O exotismo, metáfora representativa do encontro de diversas esferas civilizacionais, apresenta-se como uma questão de identidade, de pertença sócio-cultural; uma questão ontológica e também gnoseológica, um jogo de espelhos transversal a todas as manifestações artísticas filtrado quer pela sensibilidade de quem o relata quer pelo contexto histórico-cultural da sua produção e posterior recepção, apresentando-se como um fenómeno intimamente relacionado com a atitude do Eu para com o Outro, como o provam os estereótipos e *topoi* que surgem da descrição da «realidade» que se apresenta mutante aos olhos do observador-externo europeu recém-chegado e que descreve as relações (comerciais) dos portugueses há muito estabelecidos nessas exóticas paragens. A focalização exótica e a visão do Outro relacionam-se assim com a focalização de quem descreve e opina, sendo que o ponto de

⁹⁷ Caesar FREDERICKE, «The voyage and travell of M. Caesar Fredericke, Marchant of Venice, into the East India, and beyond the Indies. Wherein are contained the costumes and rites of those countries, the merchandises and commodities, aswell of golde and silver, as spices, drugges, pearles, and other jewels: translated out of Italian by M. Thomas Hickocke», vol. 3, pp. 198-9.

⁹⁸ Sobre a questão da descompartimentarização do mundo veja-se Pierre LÉON, *História Económica e Social do Mundo*, 6 vols., Lisboa, 1983, nomeadamente vol.1, pp. 9-53.

⁹⁹ Cf. Rogério Miguel PUGA, s.v. «Exotismo», in Carlos CEIA (dir.), *Dicionário de Termos Literários*, no prelo.

partida, as expectativas e os interesses de quem descreve ou mitifica outros povos é determinante para a construção dessas imagens que são tão diversas como os destinos e interesses dos viajantes. Este jogo dialéctico dá lugar a julgamentos axiológicos e conseqüentemente à analogia/comparação quer por aproximação/semelhança quer por distanciação / dissemelhança ¹⁰⁰.

Frederici, na sua descrição de Goa – que visita em 1570 –, descreve ainda o comércio da cidade: «[...] and the fleet which commeth every yeere from Portugall, which are five or sixe great shippes that come directly for Goa, arrive there ordinarily the sixth or tenth of September, and there remaine forty or fifty dayes, and from thence they goe to Cochin, where they lade for Portugall.» ¹⁰¹ Já a cidade de Bisnaga ¹⁰², de onde o autor regressa a Goa na companhia de dois mercadores portugueses, merece uma longa descrição na qual se encontra uma pitoresca imagem: «The city is very safe from theeves, for the Portugall merchants sleepe in the streets, or under porches, for the great heat which is there [...]» ¹⁰³ O comércio entre esta cidade e Goa é descrito com minúcia, e na viagem para Cochim o autor avista o forte de Onor ¹⁰⁴: «There is no trade there, but only a charge with the captaine and company he kepeth there [...]» ¹⁰⁵, bem como outras localidades e fortes portugueses da costa do Malabar. Cochim ¹⁰⁶, antiga capital administrativa até 1530, é, de acordo com Frederici, apenas suplantada por Goa, onde abunda o comércio sobretudo de pimenta ¹⁰⁷. Um curioso e representativo facto é também adiantado pelo viajante: «And by this name of Portugales throughout all the Indies, they call all the Christians that come out of the West [...]» ¹⁰⁸ De Cochim, o mercador italiano viaja para Couão [«Coulam»]

¹⁰⁰ Caesar FREDERICKE, *op. cit.*, p. 226: «Zeilan is an Iland, in my judgement, a great deale bigger then Cyprus [...]»; p. 230: «[...] two of their Barkes [...] laden with fruite, as with Mouces which wee call Adams apples [...], and with a fruit called Inani, which fruite is like our Turneps, but is very sweete and good to eat [...]»

¹⁰¹ *Idem, ibidem*, p. 211.

¹⁰² A respeito de Bisnaga veja-se: Luís Filipe THOMAZ, «L'idée impériale manueline», in *La Découverte, le Portugal et l'Europe*, Paris, 1990; Jorge Manuel dos Santos ALVES, «A Cruz, os Diamantes e os Cavalos; Frei Luís do Salvador, o Primeiro Missionário e Embaixador Português no Reino de Bisnaga (1503-1510)», *Mare Liberum*, n.º 5, 1993, pp. 9-20.

¹⁰³ Caesar FREDERICKE, *op. cit.*, p. 217.

¹⁰⁴ A respeito de Onor veja-se: Artur Teodoro de MATOS, *O Estado da Índia...*, Ponta Delgada, 1981; Sanjay SUBRAHMANYAM, *The Political Economy of Commerce: Southern India (1500-1650)*, Cambridge, 1990; A. R. DISNEY, *A Decadência do Império da Pimenta*, Lisboa, 1981.

¹⁰⁵ Caesar FREDERICKE, *op. cit.*, p. 220.

¹⁰⁶ A respeito de Cochim veja-se: Artur Teodoro de MATOS, «Some aspects of the Portuguese trade in the Malabar Coast: Cochin and the “mercadorias meudas” (1506-1508)», *Indica, Bombaim*, s.d.; Geneviève BOUCHON e Luís Filipe THOMAZ, *Voyage dans les Deltas du Gange et de L'Irraouaddy – 1521*, Paris, 1988.

¹⁰⁷ Caesar FREDERICKE, *op. cit.*, p. 221. Nesta mesma cidade, o autor assiste à imposição de novos impostos sobre a exportação da pimenta, ao que os mercadores portugueses fogem pesando e embarcando as especiarias de noite, levando à abolição deste mesmo imposto.

¹⁰⁸ *Idem, ibidem*.

e daí para outras localidades da costa da Índia, ao largo da qual comenta os benefícios da missão portuguesa ao converter os gentios: «[...] and also Cao Comori [...] downe to the lowe land of Chialo [...], the people there are as it were all turned to the Christian faith: there are also Churches of the Friers of St. Pauls order, which Friers doe very much good in those places in turning the people, and in converting them, and take great paines in instructing them in the law of Christ.»¹⁰⁹ A narrativa acompanha o movimento do viajante¹¹⁰, seguindo-se a ilha do Ceilão¹¹¹ – cujo rei é cristão, sendo a cidade Columbo «[...] a hold of the Portugales, but without walles or enemies [...]»¹¹² – e o porto de Negapatão¹¹³, situado na parte meridional da costa do Choromânde: «[...] a very great Citie, and very populous of Portugals and Christians of the countrey, and part Gentiles.»¹¹⁴ Tal como em relação a muitos dos outros locais visitados, o autor apresenta uma breve história da localidade, referindo, quase sempre, o rei nativo e a forma como os portugueses aí conquistaram e exercem o seu poder.

No que diz respeito às cartas recebidas por Hakluyt ou seus conhecidos, e por ele transcritas, são de destacar, quer pela sua quantidade (seis) quer pelas referências a estabelecimentos portugueses e a episódios aí descritos, as missivas de John Newberry. Sendo todas elas de diferentes proveniências geográficas ultramarinas, a última, remetida da prisão de Ormuz¹¹⁵, em 21 de Setembro de 1583, informa que o grupo de viajantes ingleses foi preso à chegada na cidade e que será enviado para Goa, sob a acusação de ter transportado consigo cartas de D. António Prior do Crato, pretendente ao trono

¹⁰⁹ *Idem, ibidem*, p. 223.

¹¹⁰ Sobre este assunto veja-se Manuela Sobral Blanco VELEZ, «As linhas marítimo-comerciais portuguesas no Oriente (séc. XVI-meados do séc. XVII)», in *Actas do II Seminário Internacional de História Indo-Portuguesa*, Lisboa, 1985, pp. 73-100.

¹¹¹ A respeito do Ceilão veja-se Jorge Manuel FLORES, «The straits of Ceylon and the maritime trade in early sixteenth century India: commodities, merchants and trading networks», *Moyen Orient & Océan Indien*, n.º 7, 1990, pp. 27-58; P. E. PIERIS, *Ceylon: The Portuguese Era, Being a History of the Island for the Period 1505-1658*, 2 vols., Columbo, 1913-1914; Georg SCHURHAMMER, «The History of Ceylon: 1539-1552», *Xavieriana*, Roma-Lisboa, 1964, pp. 517-527; Tikiri ABEYASINGHE, *Portuguese Rule in Ceylon – 1594-1612*, Columbo, 1966; S. ARASARATNAM, «Ceylon in the Indian Ocean Trade: 1500-1800», in Ashin Das GUPTA e M. N. PEARSON (eds.), *India and the Indian Ocean: 1500-1800*, Calcutá, 1987; León BOURDON, *Les débuts de l'évangélisation de Ceylan vers le milieu du XVI siècle*, Lisboa, 1936.

¹¹² Caesar FREDERICKE, *op. cit.*, p. 226.

¹¹³ A respeito do Negapatão veja-se: Sanjay SUBRAHMANYAM, «The Coromandel-Malaca Trade in the 16th Century : A Study of its Evolving Structure», in *Moyen Orient et Océan Indien*, tomo III, 1986; *idem*, «Trade and the Flag: The Portuguese at Negapattinam, 1530-1658», in *Improvising Empire, Portuguese Trade and Settlement in the Bay of Bengal 1500-1700*, Deli, 990.

¹¹⁴ Caesar FREDERICKE, *op. cit.*, p. 227.

¹¹⁵ As cartas encontram-se transcritas no terceiro volume, pp. 271-280. Newberry afirmou na missiva de 20 de Julho de 1583, dirigida a M. Poore: «I must goe to Ormus for want of a man that speaketh the Indian tongue.» (Vol. 3, p. 274.) As cartas de Inglaterra para Goa teriam que ser enviadas via Lisboa e a morada redigida em «Portuguese or Spanish» («His third letter ...», vol. 3, p. 280).

português. Estamos portanto perante uma acusação de espionagem inglesa, sendo a Inglaterra um país simpatizante do partido do Prior do Crato e no qual este se exila pela primeira vez de Junho de 1580 a Setembro de 1581. Newberry defende a sua inocência ao pedir a John Eldred e William Shals que intercedam por eles junto do rei de Espanha, a fim de não serem executados, pedido que repete numa segunda carta, datada de 24 de Setembro, igualmente transcrita. A sua terceira missiva, dirigida, de novo, ao «Maister Leonard Poore», é a de maior extensão, sendo enviada já de Goa, clarificando o contexto em que o grupo fora aprisionado, ficando em liberdade apenas um italiano que os acompanhara: «[...] if we had beene of any other countrey then of England, we might freely have traded with them.»¹¹⁶ O autor da carta reclama posteriormente o direito de a Inglaterra comercializar nas Índias Orientais, à semelhança das demais nações, conferindo assim à sua prisão um motivo político ultrajante para toda a nação. Para além da retenção, os portugueses não negam aos mercadores ingleses o direito de comercializar «[...] in the chiefest streete in the towne, called the Rue drette [Rua Direita], where [they] sell [their] goods [...]»¹¹⁷. Esta prisão, interrompida pelo arcebispo e dois padres jesuítas, deve-se sobretudo a três razões:

- 1) acusações falsas;
- 2) interrogatório sobre o paradeiro de D. António Prior do Crato e
- 3) o ataque de Drake a um galeão português no arquipélago das ilhas Molucas em 1579.¹¹⁸

Este último episódio demonstra a actividade de corsários ingleses em domínios marítimos portugueses, acção que se torna cada vez mais sistemá-

¹¹⁶ «His third letter to Maister Leonard Poore, written from Goa... this 20 day of Januarie. 1584», vol. 3, p. 276.

¹¹⁷ *Idem, ibidem*, p. 277. No entanto, nas páginas 278-279, Newberry informa o destinatário da sua carta de toda a burocracia-controlo alfandegário que envolve a venda desses produtos, bem como a apropriação de mercadorias pelos portugueses, a preços muito mais baixos do que os do mercado.

¹¹⁸ Uma das descrições da viagem de Drake publicadas por Hakluyt refere a passagem do navegador não só pelas Molucas, bem como pelo Brasil e Cabo Verde (vol. 8, pp. 48-75). O corsário captura, por diversas vezes, navios portugueses, estando alguns desses feitos descritos em diversas fontes transcritas na obra: «[...]we] set saile for Cape Blank, where in the way wee tooke a Portugal caravel, laden with fish called Mulletts: from thence we sailed to Cape Verde [...]. Captain Drake, now Sir Francis Drake was made master & captaine of the Caravel [...]» («The travailes of Job Hortop...», vol. 6, p. 337.) A captura deste navio português é também descrito pelo próprio Francis Drake, relatando a captura do piloto português Nuno da Silva ao largo de Cabo Verde: «The relation of a Voyage made by a Pilot called Nuno da Silva [...] borne in Porto, a Citizen and inhabitant of Guaia [...] wherein is set downe the course and actions passed in the Voyage of Sir Francis Drake that took the aforesayd Nuno da Silva at S. iago one of the Islands of Cabo Verde, and carried him along with him through the Streights of Magellan, to the Haven of Guatulco in new Spaine, where he let him goe againe.» (Vol. 8, pp. 75-87, respectivamente.)

tica, especialmente após a instauração do domínio filipino, e século XVII dentro. Este mesmo acontecimento poderá ser interpretado à luz da actuação religiosa portuguesa em Goa, pois durante o segundo período (1550-1622) dessa actuação, a cristianização intensifica-se, uma vez que «[...] com a Contra-Reforma no reino começara a ganhar vulto uma política de imperialismo religioso que pretendia fazer “do Estado Português da Índia um poderoso estado católico e de Goa um grande centro eclesiástico, um sólido foco de cultura cristã[...]”»¹¹⁹. Os dois empregados estrangeiros do arcebispo de Goa (D. Vicente da Fonseca), um dos quais «John Linscot»¹²⁰, são de extrema utilidade para o grupo aprisionado: «[...] who did [them] great pleasure [...]»¹²¹, intercedendo por ele perante as autoridades religiosas e administrativas de Goa, tal como o jesuíta inglês, Padre Thomas Stevens, e ainda um outro flamengo que crescera em Londres, Francis de Rea. Existe, portanto, uma diferença de tratamento entre os estrangeiros que viajam para o Oriente português por decisão e na companhia dos portugueses e os que aí chegam de proveniências e com objectivos incertos. Um outro viajante, Ralph Fitch, viaja igualmente durante oito anos pelas Índias portuguesas na companhia de Newberry, repetindo os factos relativos à sua prisão em Ormuz e Goa numa missiva dirigida a Leonard Poore¹²², descrevendo a sua viagem num outro longo relato¹²³, cujo título remete, desde logo, para os inúmeros locais visitados, e especialmente para os usos e costumes dos respectivos nativos. Estes apontamentos, provenientes da observação directa e de factos muitas vezes transmitidos via oral e escrita, são, em muito, fruto dos Descobrimentos ibéricos¹²⁴, descrevendo os autores as fortifi-

¹¹⁹ Cf. Maria de Jesus dos Mártires LOPES, s.v. «Índia. Goa (1510-1961)», in Carlos Moreira AZEVEDO (coord.), *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Lisboa, 2000, p. 439.

¹²⁰ «His third letter...», vol. 3, p. 278. Referência directa a Jan Huygen van Linschoten (1563-1611), como o próprio autor afirma, nascido em Enkhuysen, nos Países Baixos. Tendo vindo para Lisboa aos 16 anos, aí permanece até 1583, altura em que acompanha o arcebispo de Goa para essa mesma cidade, na qualidade de guarda-livros (Cf. Dionísio DAVID, s.v. «Linschoten, Jan Huygen van», in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, vol. 2, pp. 597-598. Um excerto do *Itinerário* é publicado por Hakluyt após o relato de viagem de Ralph Fitch (vol. 3, pp. 315-321), descrevendo mais uma vez o encarceramento de Newberry e Fitch.

¹²¹ «His third letter...», vol. 3, p. 278.

¹²² Ralph FITCH, «A Letter written from Goa by Master Ralph Fitch...», vol. 3, pp. 280-281. De acordo com M. F. STRACHAN, «Hakluyt's use of the material available to him: India», in *H. H.*, 1, p. 210, Hakluyt entrega a Newberry, antes da partida deste último para a Índia, alguns documentos com informações estratégicas e importantes para o sucesso da viagem, entre os quais se encontram apontamentos do português Francisco Fernandes, sendo curioso o facto de o geógrafo não os ter publicado, talvez devido à sua importância comercial. O editor possui, entre outros, os documentos apreendidos na nau *Madre de Dios* (1592), o «Register of the East Indies» (*idem, ibidem*, p. 211).

¹²³ Ralph FITCH, «The voyage of M. Ralph Fitch marchant of London...», vol. 3, pp. 281-315.

¹²⁴ A propósito deste tema vejam-se George B. PARKS, *op. cit.*, Alzira SEIXO e Graça ABREU (orgs.), *Les récits de voyage: typologie, historicité*, Lisboa, 1998; Fernando CRISTÓVÃO (coord.), *Condicionantes Culturais...*, 1999.

cações e defesas estratégicas portuguesas, bem como o estado de conservação das mesmas.

Para além de descrever o comércio e a administração de Ormuz, o mercador inglês anota a fisionomia e os hábitos das mulheres nativas, enquanto os seus bens são apreendidos pelo capitão do castelo, Matias de Albuquerque¹²⁵, que envia o grupo prisioneiro para Goa. Este relato complementa a informação contida nas já referidas cartas de Newberry. Tal como Fitch, outros autores publicados por Hakluyt estabelecem uma relação de continuidade com os relatos anteriormente publicados ao afirmar que não descrevem determinado local exótico porque muitos outros já o fizeram¹²⁶, chamando a atenção para o processo cumulativo de recolha e disseminação de dados que num futuro bem próximo seriam vitais para a intensificação da presença inglesa no Oriente e para o desequilíbrio da Carreira da Índia.

O excerto que se segue, da autoria de Jan Huyghen van Linschoten (1563-1611), narra igualmente a prisão de Newberry e Fitch. O literato flamengo, tendo permanecido durante cinco anos em Goa, descreve, no *Itinerário* (1595-96, tradução inglesa: 1598), os recursos humanos e naturais das Índias portuguesas. De acordo com Dionísio David, «[...] a maioria dos estudiosos é unânime em declarar que Jan Huygen serviu de conselheiro e informador aos mercadores e mareantes flamengos [...], sugerindo-se até que ele lhes revelou quais as frentes vulneráveis do Império Português [...]»¹²⁷, desvendando os seus segredos às restantes nações europeias. O excerto da obra publicado pelo geógrafo inglês, e como o próprio título indica¹²⁸, relata a prisão dos quatro mercadores ingleses que chegam a Ormuz, em Dezembro de 1583. Este episódio adquire, portanto, uma importância especial no âmbito das viagens e conquistas da Inglaterra Tudor, facto demonstrado pela quantidade e diversidade de fontes que o descreve. O texto de Linschoten complementa as cartas e os relatos de Newberry e de Fitch, afirmando que a prisão desses viajantes se deve à inveja dos italianos que se encontram em Ormuz e que intercedem junto do Capitão da cidade, acusando estes primeiros de serem espões hereges. O capitão envia-os para Goa, de forma a

¹²⁵ Matias de Albuquerque (?-1609?) regressa ao Oriente em 1576. Durante 1585 permanece em Ormuz como capitão, sendo vice-rei da Índia entre 1591 e 1597 (cf. Eduardo da Cunha SERRÃO, s.v. «AlbuquerqueMatias de», in Joel SERRÃO (dir.), *Dicionário de História de Portugal*, vol. 1, p. 78.

¹²⁶ Veja-se John ELDRED, «The voyage...», vol. 3, p. 328: «[...] of which places because many others have published large discourses, I surcease to write.»

¹²⁷ Dionísio DAVID, *op. cit.*, p. 598. A propósito de Linschoten vejamos: Rollof van GELDER *et alii*, *Souffrir pour parvenir: De wereld von Jan Huygen van Linschoten*, Harlem, 1998; Charles McKew PARR, *Jan van Linschoten – The Dutch Marco Polo*, Nova Iorque, 1964; Jonathan LANMAN, «Life on a Portuguese nao: Linschoten's voyage to India, 1583», *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. 32, 1986, pp. 279-287.

¹²⁸ Jan Huygen van LINSCHOTEN, «The report of John Huighen van Linschoten concerning M. Newberies and M. Fitches imprisonment, and of their escape, which happened while he was in Goa», vol. 3, pp. 315-321.

serem julgados, onde os padres jesuítas cobiçam o dinheiro dos prisioneiros e os convidam a ingressar na Companhia de Jesus ¹²⁹, tendo o pintor John Story ¹³⁰ aceitado o convite, facto que agrada aos religiosos pois necessitam de pintar a sua igreja. Um outro agente importante do processo de defesa e fuga do grupo de Newberry é o padre jesuíta inglês Thomas Stevens, que se encontra em Goa à chegada do mesmo. A carta ¹³¹ que este envia ao seu pai, de Goa, datada de 10 de Novembro de 1579, é a primeira descrição inglesa que se conhece da cidade de Goa, revestindo-se, portanto, de capital importância, sobretudo no que diz respeito aos conhecimentos dos portugueses e à (brevíssima) descrição da cidade. De Lisboa, Stevens parte para a Índia referindo, na sua missiva, que viajam nas embarcações portuguesas não apenas marinheiros e soldados, como também mulheres e inúmeras crianças que sofrem muito menos do que os homens adultos durante a viagem. O autor descreve o ambiente «bélico» da partida em Lisboa: «[...] how solemne it is with trumpets, and shooting of ordinance, you may imagine it, considering that they go in the maner of warre.» ¹³² Na descrição da viagem critica as atitudes da tripulação de um sumptuoso barco inglês encontrado ao largo da ilha de Porto Santo, antes de a embarcação portuguesa entrar na chamada «zona tórrida», onde os portugueses tiram partido das cuidadosas anotações e do conhecimento acumulados nas viagens anteriores ¹³³. O saber de experiência feito, através do registo da informação apreendida, torna-se também saber livresco de que os portugueses são mestres no século XVI [«[...] as we saw by experience [...]»] ¹³⁴, enquanto outro autor de relatos de viagem publicados por Hakluyt, *Sir Humphrey Gilbert* (c. 1539-1583), irmão

¹²⁹ Sobre a acção da Companhia de Jesus no Império Português veja-se Daniel ALDEN, *The Making of an Enterprise: The Society of Jesus in Portugal, Its Empire and Beyond, 1540-1750*, 2 vols., Stanford, 1996.

¹³⁰ O nome do viajante inglês é fornecido numa outra fonte publicada por Hakluyt que refere o episódio: John ELDRED, «The voyage of M. John Eldred to Trypolis...», vol. 3, pp. 326-327.

¹³¹ Thomas STEVENS, «A Letter written from Goa...», vol. 4, pp. 233-240. De acordo com M. F. STRACHAN, *op. cit.*, p. 208, esta carta terá chegado às mãos de Hakluyt através do seu primo, que conhecia a família Stevens. O documento encontra-se traduzido por Mariano SALDANHA (ed.), *Doutrina Cristã em Língua Concani por Tomás Estêvão S.J.*, Lisboa, 1945, pp. 223-236, e excertos do mesmo em Maria Laura Bettencourt PIRES, *op. cit.*, pp. 91-94. Vejam-se ainda J. Gerson da CUNHA, *The Origin of Bombay*, Bombaim, 1900, p. 167; Donald F. LACH, *Asia in the Making of Europe*, I, 1, Chicago, 1965, p. 215; J. WICKI (ed.), *Documenta Indica XI*, Roma, 1970, pp. 682-689; Ram Chandra PRASAD, *Early English Travellers in India*, Deli, 1980, p. 1; *idem*, «As Relações de Viagens dos Jesuítas na Carreira das Naus da Índia de 1541 a 1598», in Luís de ALBUQUERQUE e I. GUERREIRO (eds.), *II Seminário Internacional da História Indo-Portuguesa: Actas*, Lisboa, 1985, pp. 3-17; John CORREIA-AFONSO, «The first Englishman on the carreira da Índia», in Artur Teodoro de MATOS e Luís Filipe F. Reis THOMAZ (eds.), *A Carreira da Índia e as rotas dos Estreitos: Actas do VIII Seminário Internacional de História Indo-Portuguesa*, Angra do Heroísmo, 1998, pp. 621-625.

¹³² Thomas STEVENS, *op. cit.*, p. 234.

¹³³ *Idem, ibidem*, p. 235.

¹³⁴ *Idem, ibidem*, p. 238. Stevens parece afirmar que os navegadores também conseguem observar (sinónimo de concluir) através da experiência que vão adquirindo.

de Sir Walter Raleigh, refere em *Discourse on a North-West Passage to India* (1566) quer os ensinamentos da experiência de Fernão de Magalhães¹³⁵ quer de João de Barros enquanto autoridade sobre a China: «In like manner, John Barros testifieth that the Cosmographers of China (where he himselfe had bene) affirme that the Sea coast tendeth from thence to Northeast [...], being the furthest part that way which the Portugals had then knowledge of [...].»¹³⁶

De acordo com a carta de Stevens, os navegadores portugueses levam também a cabo a tarefa de nomear as exóticas espécies da fauna que se desvenda perante o seu olhar em movimento. O exótico marca, mais uma vez, presença em relatos de viagem rumo ao desconhecido, onde imperam doenças como o escorbuto e os perigos da natureza e humanos, gerando, portanto, a ansiedade que perpassa toda a carta de Stevens. A enumeração gradativa vai transmitindo ao destinatário da missiva a sensação de aproximação da terra, chegando o navio finalmente a Goa:

The people be tawny, but not disfigured in their lips & noses, as the moores and Cafres of Ethiopia. They [...] goe naked [...]. Of the fruits and trees that be here I cannot now speake, for I should make another letter as long as this [...] I have not seene a tree here, whose like I have seene in Europe, the vine excepted, which neverthelesse here is to no purpose, so that all the wines are brought out of Portugall. The drinke of this cuntry is good water, or wine of the Palmer tree, or a fruit called Cocos¹³⁷.

A breve descrição de Goa torna-se curiosa pela ausência da vivência portuguesa da cidade, uma vez que Stevens observa e descreve, sobretudo, os hábitos, o vestuário e a anatomia dos nativos, bem como a «estética do diverso»¹³⁸ que, segundo o próprio, a descrever de forma mais desenvolvida resultaria numa outra longa carta.

No âmbito da compilação e partilha de informação preciosa sobre a Índia portuguesa entre viajantes europeus, Hakluyt publica ainda uma lista descritiva das moedas e medidas de peso utilizadas em Ormuz, Goa, Cochim e Malaca, da autoria de William Barrett, cônsul inglês em Alepo¹³⁹, refe-

¹³⁵ Humphrey GILBERT, «A discourse..., chapter 5», vol. 5, p. 106: «[...] as Magellans experience hath partly taught us.»

¹³⁶ Humphrey GILBERT, «A discourse..., chapter 3», vol. 5, p. 103. Também Richard WILLES, «Certaine other reasons...», vol. 5, enumera vários argumentos para a importância da descoberta de uma passagem no Norte da Europa para a China, referindo e parafraseando, duas vezes, o relato de Galiote Pereira como fonte de informação essencial sobre a China (pp. 123, 129), bem como as cartas dos Jesuítas (p. 124) como fonte de dados e exemplos preciosos para os navegadores ingleses. O próprio Hakluyt refere as «Decade» de «John Barros» como importante repositório de dados relativos aos movimentos marítimos dos portugueses (Richard HAKLUYT, «To the right honourable...», vol. 6, p. 227).

¹³⁷ *Idem, ibidem*, p. 241.

¹³⁸ Expressão cunhada por Victor SEGALEN, *Essai sur l'exotisme*, Paris, 1999, p. 41.

¹³⁹ William BARRET, «The money and measures of Babylon, Balsara, and the Indies...», vol. 3, pp. 328-339. M. F. STRACHAN, *op. cit.*, p. 208, afirma que a origem destas informações não provém de fontes inglesas, nem indianas, podendo concluir-se então que têm origem em documentos portugueses.

rindo inúmeras medidas, leis e moedas de origem portuguesa, seguindo-se uma lista de impostos de mercadorias¹⁴⁰, da proveniência das mesmas¹⁴¹ e uma outra dos horários de partida e chegada das embarcações entre os diferentes estabelecimentos e feitorias portuguesas em função das monções¹⁴². Este último texto descreve minuciosamente as rotas, os pontos estratégicos de abastecimento, como a ilha de Santa Helena, e o calendário das viagens¹⁴³.

A miscigenação é igualmente um fenómeno observável pelos navegadores ingleses que registam encontros com mestiços ao largo da ilha de Java¹⁴⁴, a terceira mais vasta das ilhas da Insulíndia: «[...] he had an interpretour with him, which was a Mestizo, that is, halfe and Indian and halfe a Portugall, who could speake very good Portuguese.»¹⁴⁵ Francis Pretty, ao relatar a circum-navegação de Thomas Cavendish (Candish) descreve, de forma curiosa, um encontro entre a tripulação inglesa e dois portugueses no seio de um grupo de nativos, devendo-se a minúcia com que os navegadores portugueses são descritos ao facto de estes serem os únicos cristãos encontrados no espaço-tempo¹⁴⁶ de ano e meio, sendo este reencontro com o familiar reconfortante em mares e terras ainda desconhecidos dos ingleses:

Among all the rest of the people in one of these canoas came two Portugales, which were of middle stature, and men of marvellous proper person-

¹⁴⁰ «A note of charges from Aleppo to Goa, as followeth.», vol. 3, pp. 339-341.

¹⁴¹ «A declaration of the places from whence the goods subscribed doe come», vol. 3, pp. 341-343.

¹⁴² «The times or seasonable windes called Monsons, wherein the ships depart from place to place in the East Indies», vol. 3, pp. 343-349. Na página 348 pode ler-se: «The monson of the ships of the Moluccas arrivall in Goa: The ships which come from Portugall depart thence ordinarily betwixt the tenth & fifteenth of March [...]. The monson from India to Portugall: The shipped depart from Cochin betweene the fifteenth and last of January [...].»

¹⁴³ Uma outra fonte lista a latitude de localidades na Berberia, no Brasil, em Santa Helena e no Cabo da Boa Esperança, destacando o título que Hakluyt atribui ao texto a sua importância estratégica para os navegadores ingleses: Thomas FULLER, «Certaine **rare and special notes** most properly belonging to the voyage of M. Thomas Candish...», vol. 8, pp. 255-258, negrito nosso.

¹⁴⁴ Sobre a presença portuguesa em Java vejam-se: Luís Filipe THOMAZ, «Les portugais dans les mers de l'Archipel au XVI^e siècle», in *Archipel*, n.º 18, Paris, 1979; *idem*, s.v. «Java», in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, vol. 1, pp. 545-554; M. A. P. MAILINK-ROELOFSZ, *Asian Trade and European Influence in the Indonesian Archipelago between 1500 and about 1630*, Haia, 1962; António Pinto da FRANÇA, *Portuguese Influence in Indonesia*, Jacarta, 1970 (Lisboa, 1985).

¹⁴⁵ Francis PRETTY, «The admirable and prosperous voyage of the Worshipfull Master Thomas Candish...», vol. 8, p. 247.

¹⁴⁶ Michel Foucault descreve o navio como a heteropia por excelência, uma vez que o barco é um bocado de «[...] espaço flutuante, um lugar sem lugar, [...] que está fechado sobre si próprio e que ao mesmo tempo é deitado ao infinito do mar e que, de porto em porto, de margem em margem, [...] vai até às colónias procurar o que elas guardam de mais precioso nos seus jardins[...]», sendo portanto o barco, desde o século XVI, «[...] a maior reserva de imaginação [...]» para a civilização ocidental. (Michel FOUCAULT, «Des espaces autres», *Archi Bref*, n.º 48, 1984, p. 8).

age; they were each of them in a loose jerkin, and hose, which came downe from the waste to the ancle, because of the use of the Countrey, and partly because it was Lent, and a time for doing their penance (for they accompt it as a thing of great dislike among these heathens to wear either hose or shoes on their feete:) they had on each of them a very faire and a white lawne shirt, with falling bands on the same, very decently, onely their bare legs excepted. These Portugales were no small joy unto our Generall and all the rest of our company: For we had not seene any Christian that was our friend of a yeere and an halfe before. [...] They told us that they were no lesse glad to see us, then wee to see them, and enquired of the estate of their countrey, and what was become of Don Antonio their King, and whether hee were living or no: for that they had not of long time beene in Portugall, and that the Spaniards had always brought them worde that hee was dead ¹⁴⁷.

A tripulação inglesa é imediatamente associada pelos portugueses à figura de D. António Prior do Crato, considerado «rei de Portugal», que a Inglaterra acolhera. A política interna «portuguesa» e as mentiras por parte dos espanhóis no Oriente são motivos de conversa entre lusitanos e a tripulação de Thomas Candish que informa os portugueses da permanência do Prior do Crato na Inglaterra, bem como da guerra entre este país e a Espanha e dos cerca de vinte barcos espanhóis que a frota destruíra durante a sua viagem. Os portugueses informam, mais uma vez, os navegadores isabelinos das riquezas, dos hábitos e costumes da ilha de Java, confessando que se D. António viajasse até ao Oriente lhe seria entregue esta ilha, bem como as Molucas, a China e as Filipinas, uma vez que as Índias Orientais se encontram do seu lado. De regresso à Europa, Pretty resume a acção portuguesa na ilha de Santa Helena, bem como o seu valor estratégico:

This yland hath bene found of long time by the Portugals, and hath bene altogether planted by them, for their refreshing as they come from the East Indies: And when they come they have all things plentiful for their reliefe, by reason that they suffer none to inhabit there that might spend up the fruit of the island, except some very few sicke persons in their company, which they stand in doubt will not live untill they come home, whom they leave there to refresh themselves and take away the yeere following the other Fleete if they live so long. They touch here rather in their comming home from the East Indies, then at their going thither, because they are throughly furnished with corne when they set out of Portugal, but are meanelly victualled at their comming from the Indies, where there groweth little corne ¹⁴⁸.

O próprio Thomas Candish, numa carta enviada a *Lord Hunsdon*, membro do conselho de Isabel I, onde demonstra o sucesso da sua viagem, refere também Santa Helena, «[...] where the Portugals use to relieve themselves: and from that Iland God hath suffered me to returne into England» ¹⁴⁹. Esta

¹⁴⁷ *Idem, ibidem*, p. 248.

¹⁴⁸ *Idem, ibidem*, p. 254.

¹⁴⁹ Thomas CANDISH [Cavendish], «A letter of M. Thomas Candish...», vol. 8, p. 279.

ilha permanece em segredo até 1582, quando os navegadores ingleses, Edward Fenton e William Hawkins, deparam com ela em pleno Atlântico ¹⁵⁰, podendo estas mesmas descrições do uso que os portugueses fazem da ilha no Atlântico Sul desde 1502 ser aplicadas ao uso que os ingleses lhe darão a partir de 1659, quando John Dutton toma posse do território em nome da Companhia das Índias inglesa.

Relativamente ao Extremo Oriente, nomeadamente a Macau e ao Japão, quer o enclave luso-chinês ¹⁵¹ quer o Arquipélago do Sol Nascente ¹⁵² marcam, como vimos num outro estudo ¹⁵³, uma presença ténue e – se exceptuarmos as informações (apenas) recolhidas por Ralph Fitch na Índia ¹⁵⁴ – sempre indirecta na compilação de Hakluyt, funcionando como símbolos exóticos da luxúria e da riqueza que as mercadorias daí importadas conferem aos portugueses e com as quais os ingleses têm um primeiro contacto em Londres, após a tomada da nau *Mãe de Deus* (*Madre de Dios*) próximo dos Açores por Sir John Burrough em 1592, durante uma expedição às Índias Ocidentais ¹⁵⁵. A bordo do navio que prova ser «[...] a treasurehouse and warehouse in one» ¹⁵⁶ encontram-se mercadorias que espantam os ingleses ¹⁵⁷,

¹⁵⁰ Cf. Anthony WILD, *The East India Company: Trade and Conquest from 1600*, Londres, 2000, p. 79.

¹⁵¹ Vejam-se Rui Manuel LOUREIRO, *Fidalgos, Missionários e Mandarins: Portugal e a China no Século XVI*, Lisboa, 2000; Manel OLLÉ, *La invención de China: Percepciones y estrategias filipinas respecto a China durante el siglo XVI*, Wiesbaden, 2000, pp. 11-76.

¹⁵² Veja-se João Paulo Oliveira e COSTA, *O Japão e o Cristianismo no Século XVI: Ensaios de História Luso-Nipónica*, Lisboa, 1999, *passim*.

¹⁵³ Vide Rogério Miguel PUGA, «The Presence of the “Portugals” in Macao and Japan in Richard Hakluyt’s *Navigations*», *Bulletin of Japanese Studies*, vol. 5, 2002, pp. 81-115.

¹⁵⁴ Ralph FITCH, «The voyage of M. Ralph Fitch marchand of London by the way of Tripolis in Syria, to Ormus, and so to Goa in the East India, to Cambaia, and all the kingdome of Zelabdim Echebar the great Mogor, to the mighty river Ganges, and downe to Bengala, to Bacola, and Chonderi, to Pegu, to Omahay in the kingdome of Siam, and backe to Pegu, and from thence to Malacca, Zeilan, Cochin, and all the coast of the East India: begunne in the yeere of our Lord 1583, and ended 1591, wherein the strange rites, maners, and costumes of those people, and the exceeding rich trade and commodities of those countries are faithfully set downe and diligently described, by the aforesaid M. Ralph Fitch», vol. 3, p. 297, especialmente pp. 309-310.

¹⁵⁵ Vide Paulo GUINOTE *et alii*, *Naufrações e Outras Perdas da «Carreira da Índia» Séculos XVI e XVII*, Lisboa, 1998, p. 225.

¹⁵⁶ Alexander Frederick FALCONER, *Shakespeare and the Sea*, Londres, 1964, p. 100.

¹⁵⁷ Veja-se Russell MILLER, *The Seafarers: The East Indiamen*, Alexandria-Virgínia, 1980, pp. 8-9: «Pandemonium broke loose in England’s Dartmouth harbour [...] in 1592 when the *Madre de Dios* [...] dropped anchor [...]. She was the biggest ship anyone in Elizabethan England had ever seen, a floating castle [...] about three times the capacity of the largest English ships. [...] At Dartmouth the pillage continued as the light-fingered sailors trafficked [...]. A large share of the captured treasure was owed to Queen Elizabeth; when she heard what was happening, she sent Sir Walter Raleigh down from London to retrieve her share of the booty and discipline the looters. “If I meet any of them coming up,” Raleigh swore, “if it be upon the wildest heath in all the way, I mean to strip them as naked as ever they were born, for Her Majesty has been robbed and that of the most rare things. [...] for the merchants of London it offered a tantalizing glimpse of the cargoes they might regularly enjoy if they could break what was then a Portuguese monopoly of Eastern trade.»

desejosos de incrementar a exportação de têxteis, nomeadamente para o Oriente ¹⁵⁸.

Existem várias referências a este episódio ao longo da colectânea, mas a descrição mais detalhada encontra-se no «[...] true report of the honourable service at sea perfourmed by Sir John Burrough [...]. Sir Walter Ralegh [...]. Wherin chiefly Santa Clara of Biscay [...] was taken, and the two East Indian caraks, the Santa Cruz and the Madre de Dios were forced [...] taken and brought into Dortmund [...]» ¹⁵⁹, que relata a captura de três embarcações portuguesas ao largo da ilha do Corvo, e cuja tripulação informa os ingleses da chegada próxima de uma frota que regressa das Índias Orientais ¹⁶⁰. Após uma batalha naval, as naus são tomadas pelos ingleses ¹⁶¹: «[...] the variety and grandure of all rich commodities would be more then sufficient to content both the adventurers desire & the souldiers travell.» ¹⁶² A carga da *Madre de Dios* revela aos ingleses uma nova dimensão de exótica e rendível luxúria ¹⁶³, reforçando o tom e os detalhes da descrição essa mesma realidade:

[...] Gods great favor towards our nation, who by putting this purchase into our hands hath manifestly discovered those secret trades & Indian riches, which hithertho lay strangely hidden, and cunningly concealed from us. [...] The caracke being in burden by the estimation of the wise and experienced no lesse then 1600 tunnes had full 900 of those stowed with the grosse bulke of marchandise [...], considering the number of the persons betwixt 600 and 700 [...] ¹⁶⁴.

¹⁵⁸ Richard HAKLUYT, «The Epistle Dedicatorie in the Second Volume of the Second Edition, 1599: To the Right Honorable Sir Robert Cecil Knight, principall Secretarie to her Majestie, master of the Court of Wardes and Liveries, and one of her majesties most honourable privie Counsell», vol. 1, pp. 44-5.

¹⁵⁹ Complete title: «A true report of the honourable service at sea perfourmed by Sir John Burrough, Knight, Lieutenant generall of the fleet prepared by the honor. Sir Walter Ralegh Knight, Lord warden of the Stanneries of Cornwell and Devon. Wherin chiefly Santa Clara of Biscay, a ship of 600 tunnes was taken, and the two East Indian caraks, the Santa Cruz and the Madre de Dios were forced, the one burnt, and the other taken and brought into Dortmund the seventh of September, 1592», vol. 5, pp. 57-68.

¹⁶⁰ *Idem, ibidem*, pp. 62-63.

¹⁶¹ *Idem, ibidem*, pp. 63-65. Vide Maria Hermínia MALDONADO (ed.), *Relação das Náos e Armadas da Índia*, Coimbra, 1985, p. 95.

¹⁶² «A true report of the honourable service at sea perfourmed by Sir John Burrough...», p. 66.

¹⁶³ De acordo com Donald LACH, *Asia...*, II, 1, pp. 33-34, os produtos exóticos não são tão comuns na Inglaterra Tudor como no sul da Europa. Um visitante alemão, Leopold von Wedel, regista no seu diário (1584-85): «Rare objects are not to be seen in England, but it is a very fertile country [...]» (Leopold von WEDEL, «Journey through England and Scotland Made by Leopold von Wedel in the Years 1584-1585», *Transactions of the Royal Historical Society*, tradução de G. von Bülow, IX, 1895, p. 268.)

¹⁶⁴ A descrição continua, listando todos os bens encontrados no interior da embarcação e a dimensão desta: «To give you a taste (as it were) of the commodities, it shall suffice to deliver you a generall particularity of them, according to the catalogue taken at Leaden hall the 15

A Inglaterra isabelina desperta assim para uma nova realidade cultural e para um mercado a explorar que teria de ser partilhado pelos portugueses, nem que para tal se tivesse que procurar incessantemente uma rota mais rápida e longínqua do Cabo da Boa Esperança onde as frotas ibéricas são uma ameaça constante.

2.2. Oceano Atlântico

2.2.1. Madeira

Viajantes e mercadores ingleses dirigem-se para os territórios povoados pelos reinos ibéricos, quer para aí permanecerem quer apenas para comercializarem mercadorias, e enquanto aí interagem com europeus e nativos apr(e)endem muito do saber transmitido através de relatos de viagem ou descrições minuciosas, como é o caso do texto de Thomas Nicols, que, tendo vivido nas ilhas Canárias durante oito anos, descreve esse mesmo arquipélago, bem como o da Madeira, fazendo eco das disputas luso-espanholas: «The Spaniards holde opinion, that they discovered the same [Iland of Canaria] in their navigation toward America, but the Portuguese say, that their nation first found the sayd Ilands in their navigation toward Aethiopia and the East Indies.»¹⁶⁵ No capítulo intitulado «A description of the Iland of Madera», o autor afirma que a lucrativa ilha foi descoberta pelo inglês Macham, mas conquistada e povoada pelos portugueses, devendo-se o seu nome à grande variedade e quantidade de árvores aí existentes. Descreve, igualmente, a flora¹⁶⁶, as ilhas de Porto Santo, as Desertas, as Selvagens

of September 1592. [...] the principal wares after the jewels (which were no doubt of great value, though they never came to light) consisted of spices, drugges, silks, calicos, quilts, carpets and colours, &c. The spices were pepper, cloves, maces, nutmegs, cinamon, greene, ginger: the drugs were benjamim, frankincense, gallingale, mirabolans, aloes zocotrina, camphire: the silks, damasks, taffatas, saracenet, altobassos, that is, counterfeit, cloth of gold, unwrought China silke, sleaved silke, white twisted silke, curled cypresse. The calicos were book-calicos, calico-launes, broad white calicos, fine starched calicoes, course white calicos, browne broad calicos, brown course calicos. There were also canopies, and course diapertowels, quilts of course saracenet and of calico, carpets like those of Turkey; whereunto are to be added the pearle, muske, civet, and amber-greece. The rest of the wares were many in number, but lesse in value; as elephants teeth, porcellan vessels of China, coco-nuts, hides, ebenwood as black as jet, bedsteds of the same, cloth of the rindes of trees very strange strange for the matter, and artificial in workmanship» [all worth] «150 000 li. Sterling [although when it arrived in Darthmouth it was said to be worth 500 000 li]» («A true report of the honourable service at sea performed by Sir John Burrough...», pp. 66-67.)

¹⁶⁵ Thomas NICOLS, «A description of the fortunate Islands...», vol. 4, p. 23.

¹⁶⁶ Outros documentos descrevem a geografia e beleza natural da ilha, tal como o olhar do viajante as filtra ao longe: «The second voyage to Guinea...», vol. 4, p. 48: «[...] in the West part, many springs of water running downe from the mountaine, and many white fieldes like unto corne fields & some white houses [...].»

(«[...] onely good for Goates [...]») ¹⁶⁷, a vila de Machico, cujo nome deriva do descobridor inglês da ilha – e a capital da ilha:

[the] faire citie called Fouchall, which hath one faire port or harbour for shippes, and a stronge bulwarke, and a faire Cathedral church, with a bishop and other dignities thereunto appertaining. There is also justice and government according to the Portugall use. [...] There are also sixteene sugar houses called Ingenios, which make excellent good sugar ¹⁶⁸.

A Madeira é também, em inúmeros relatos recolhidos por Hakluyt, descrita como uma plataforma-cruzamento onde as frotas e embarcações europeias adquirem mantimentos. O vinho da ilha espalha-se desta forma pelos quatro cantos do globo, marcando presença em diversas obras literárias inglesas que ficcionalizam os Descobrimentos portugueses ¹⁶⁹. Na descrição da primeira viagem inglesa à Guiné e ao Benim ¹⁷⁰, a compra de vinho madeirense é uma das razões pelas quais o barco atraca no porto da ilha, altura em que embarcações portuguesas intimidam a frota inglesa, pois o rei português fora avisado de que esta última se dirigia daí para o castelo da Mina. Uma curiosa descrição de Porto Santo apresenta esta mesma ilha como sendo habitada por velhos soldados que o rei português aí colocara como recompensa, adiantando: «[...] this yland is rich in corne, wine & oile: and hath good store of sheep, asses, goats & kine: they have also plenty of foules, fishes and fruites.» ¹⁷¹ O arquipélago da Madeira é normalmente descrito de forma agradável pelos viajantes ingleses, pois é a primeira terra que avistam desde que partem das costas da Inglaterra ¹⁷².

2.2.2. Açores

Tal como a Madeira, também o arquipélago dos Açores é um referente geográfico e local de acção para *sea dogs* constantemente referido nos relatos de viagem europeus ¹⁷³. Desde o século XV que mercadores ingleses comer-

¹⁶⁷ Thomas NICOLS, «A description of the fortunate Islands...», vol. 4, p. 32.

¹⁶⁸ *Idem, ibidem*, p. 31.

¹⁶⁹ Veja-se Rogério Miguel PUGA, «A imagem dos navegadores portugueses na literatura inglesa setecentista: Robinson Crusoe, Captain Singleton e Gulliver na senda das rotas marítimas portuguesas», *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*, n.º 8, 1999, pp. 55 e 59-60.

¹⁷⁰ «A voiage made out of England unto Guinea and Benin...», vol. 4, p. 40.

¹⁷¹ Robert DAVIE, «The victorious voyage of Captaine Amias Preston...», vol. 7, p. 173.

¹⁷² Cf. «The first voyage made by Master William Towrson...», vol. 4, p. 67.

¹⁷³ A propósito dos ataques corsários dos ingleses no século XVI ao largo dos Açores veja-se Carlos Guilherme RILEY, «Afinidades atlânticas: as relações entre os Açores e a Grã-Bretanha», *Insulana*, n.º 48, 1992, pp. 99-119. A respeito do curso português veja-se Luís Filipe THOMAZ, «Do Cabo Espichel a Macau: vicissitudes do curso português», in *As Relações entre a Índia Portuguesa, a Ásia do Sueste e o Extremo Oriente: Actas*, Lisboa, 1993, pp. 437-568. Sobre a presença inglesa no arquipélago veja-se: Maria Pereira FERREIRA, «Ingleses atacam o Faial: do que aconteceu na dita ilha no ano de 1589», in *Actas do Colóquio O Faial e a Periferia nos Sécs. XV a XIX*, Horta, 1993, pp. 109-114; Maria Olímpia da Rocha GIL, *O Arquipélago dos Açores*

ciam com o arquipélago, desempenhando um papel importante no desenvolvimento do comércio do mesmo ¹⁷⁴, cujas terras são visitadas e referidas em inúmeros textos de viajantes publicados por Hakluyt. No regresso da viagem de George Fenner à Guiné e Cabo Verde ¹⁷⁵, a frota visita a maioria das ilhas do arquipélago açoriano, descrevendo Walter Wren cada uma delas, sofrendo a frota estrangeira um ataque de embarcações portuguesas, medidas necessárias devido às crescentes actividades dos corsários ao largo do arquipélago. A imagem do «inimigo» português, obstáculo para os desígnios dos mercadores isabelinos é portanto recorrente ao longo das fontes inglesas. Em 1586, Raleigh envia uma expedição ao arquipélago, que toma uma embarcação em que se encontra o governador da ilha de São Miguel. Após terem tomado outras cinco embarcações, bem como os seus haveres, regressam a Inglaterra onde Raleigh recompensa a tripulação. Também Sir Francis Drake ataca embarcações portuguesas e espanholas ao largo dos Açores, nomeadamente em 1587, após Isabel I ter tomado conhecimento de que o rei de Espanha formava uma armada para invadir a Inglaterra ¹⁷⁶. A frota de Drake ataca vários barcos e um forte no Cabo de Sagres, dirigindo-se para Cascais, de onde foge o Marquês de Santa Cruz. Já ao largo dos Açores, a frota inglesa depara com a nau portuguesa São Filipe carregada de preciosos bens, a primeira embarcação vinda das Índias Orientais a ser tomada pelos ingleses, em Junho de 1587: «[...] which the Portugals tooke for an evil signe, because the ship bare the Kings owne name.» ¹⁷⁷ À semelhança do que já afirmámos

no Século XVII. Aspectos Sócio-económicos (1575-1675), Castelo Branco, 1979, Arquipélago, número especial: *Relações Açores-Grã-Bretanha*, Ponta Delgada, 1988; Consuelo VARELA, *Ingleses en España y Portugal...*, p. 41, n. 2, refere um episódio de pirataria espanhola ao largo dos Açores, no século xv: «Pol. Int. I, 460. Toledo, 8 de marzo de 1840. Comisión de los Reyes Católicos a Diego de Merlo, sobre la queja que Juan de Solana y Guillermo Papin (William Papenham), ingleses, presentaron contra ciertos marinos de Huelva y Palos que los robaron en la isla Tercera, las mercancías que llevaban en la carabela, *Santa María de la Luz*, de la que un cuarto era propiedad de los portugueses, vecinos de Lisboa [...]» Veja-se também Artur Teodoro de MATOS, *Las relaciones de los Azores con America Española y las Canarias durante los siglos XVI y XVII*, Gran Canaria, 1982; *idem*, «As escalas do Atlântico no século XVI», *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. xxxiv, 1988, pp. 157-183.

¹⁷⁴ Cf. José Damião RODRIGUES, «De mercadores a terratenentes: percursos ingleses nos Açores (séculos xvii-xviii)», *Ler História*, n.º 31, Lisboa, 1996, p. 41. Veja-se ainda neste artigo a descrição de comerciantes açorianos quinhentistas que se estabelecem em Londres, nomeadamente Manuel Martins Soares, que priva com Francis Drake.

¹⁷⁵ Walter WREN, «The voyage of M. George Fenner...», vol. 4, pp. 151-153.

¹⁷⁶ Cf. «A briefe relation of the notable service performed by Sir Francis Drake...», vol. 4, p. 281.

¹⁷⁷ *Idem, ibidem*, p. 285. A propósito da tomada de embarcações portuguesas de regresso das Índias Orientais ao largo dos Açores, entre outros locais, veja-se «A true report of the honourable service at sea perfourmed by Sir Jihn Burrough Knight...», vol. 5, pp. 57-68; Nicholas DOWNTON, «The firing and sinking of the stout and warre-like Carack called Las Cinque Liagas...», vol. 5, pp. 68-72. Sobre este assunto veja-se Paulo GUINOTE *et alii, op. cit.*, p. 87: «[...] após 1585 e, em termos gerais, até 1635 assiste-se ao assalto holandês e inglês ao monopólio português da rota do Cabo, que conduz à irremediável decadência da Carreira da Índia que, a

sobre a *Madre de Dios*, os efeitos da descoberta da luxuosa mercadoria transportada nesta embarcação fazem-se sentir de imediato em Inglaterra:

And here by the way it is to be noted, that the taking of this Carack wrought two extraordinary effects in England: first, that it taught others, that Caracks were no such bugs but that they might be taken (as since indeed it hath fallen out in the taking of the Madre de Dios and fyreing and sinking of others) and secondly in acquainting the English nation more generally with the particularities of the exceeding riches and wealth of the East Indies: whereby themselves and their neighbours of Holland have bene encouraged, being men as skilfull in Navigation and of no lesse courage then the Portugals to share with them in the East Indies: where their strength is nothing so great as heretofore hath bene supposed ¹⁷⁸.

Segundo Hakluyt, a tomada da nau São Filipe tem duas importantes consequências, a longo prazo, que contribuem para o abalar da supremacia e comércio portugueses no Oriente, a saber:

- 1) prova aos ingleses e holandeses que as embarcações portuguesas não são invulneráveis, contendo riquezas impensáveis que devem ser partilhadas;
- 2) estimula a coragem e vontade dos ingleses e holandeses de partirem à aventura para o Oriente, onde o poder dos portugueses não é tão forte como se havia pensado até então. Aliás, os ingleses afirmam ser tão bons navegadores quanto os portugueses.

Uma das fontes publicadas que mais detalhadamente descreve o arquipélago dos Açores é o relato da viagem de George, conde de Cumberland, redigida pelo matemático e engenheiro inglês Edward Wright ¹⁷⁹. O texto refere as actividades de espionagem, a presença de barcos ingleses no arquipélago e os ataques portugueses aos transgressores, bem como a tomada de embarcações espanholas e de mercadorias, como vinho da Madeira e seda. O intérprete português da frota inglesa faz-se valer da amizade de D. António Prior do Crato – «[...] King of Portugal in England [...]» ¹⁸⁰ – para se abas-

partir de cerca de 1620, se mostra já perfeitamente incapaz de se opor com sucesso à concorrência.» A perda de naus portuguesas provocada por acção inimiga dos ingleses torna-se, para estes últimos, cada vez mais, uma forma fácil e barata de obter lucro fácil e perturbar o comércio ibérico em locais estratégicos.

¹⁷⁸ «A briefe relation of the notable service performed by Sir Francis Drake...», vol. 4, p. 285.

¹⁷⁹ Edward WRIGHT, «The voiage of the right honorable George...», vol. 4, pp. 355-380. Hakluyt publica igualmente um extenso relato sobre estas vitórias do conde de Cumberland, da autoria de LINSCHOTEN («A large testimony of John Huighen van Linschoten Hollander, concerning the worthy exploits atchieved by the right honorable the earle of Cumberland...», vol. 5, pp. 21-43), visões estrangeiras que descrevem os feitos marítimos ingleses contra a Espanha, conferindo-lhes desta forma um escopo europeu.

¹⁸⁰ Edward WRIGHT, «The voiage of the right honorable George...», vol. 4, p. 362.

tecer na ilha das Flores, e, na vila de Santa Cruz o autor do relato observa ainda as ruínas fruto da destruição do fogo posto pela tripulação de barcos de guerra ingleses, dois anos antes ¹⁸¹. A vila do Faial, atacada pelos ingleses que exigem o pagamento de um resgate, é descrita por entre apontamentos (proto)etnográficos, como

the principall towne in all that island, & is situated directly over against the high and mighty mountaine Pico [...] The towne conteyned some three hundred houtholds, their houses were faire and strongly builded [...]. Every house almost had a cisterne or well in a garden on the backe side: in which gardens grew vines [...], and Tabacco nowe commonly knowen and used in England, wherewith their women there dye their faces reddish, to make them seeme fresh and young [...] ¹⁸².

As ilhas do arquipélago são minuciosamente descritas em diversos relatos, de forma a serem facilmente identificadas pelos demais viajantes, dando lugar a comparações entre os diferentes locais do Império Português:

The Island called Fayal upon the Southwest side, maketh an high hill or loafe like to the top of Brasilla in the Island of Terzera [...] And from this Island being one of the Azores, you may shape your course to which of the Islands you please, or to any other place which you know. Markes to know the Isles of Flores. If you happen to fall with Flores first, by this you shall know it: [...] the West ende thereof maketh a rocke or cliffe like the cliffe of Tiburon [...] ¹⁸³.

São igualmente relatadas a defesa dos ilhéus perante as inúmeras ameaças estrangeiras, bem como a tomada de riquezas vindas do Brasil («[...] The prize of Brasile [...]» – «[...] sugar and Brasile [...]») ¹⁸⁴ a bordo de embarcações portuguesas. Também o corsário Walter Raleigh, três anos após a derrota da Armada Invencível, redige um relato de uma luta naval de vingança, ao largo dos Açores, entre embarcações inglesas e uma frota do rei de Espanha que, por todo o mundo, apregoa as suas falsas vitórias contra a Inglaterra e que o autor tenta desmentir neste seu texto. O tom de inimizade e rivalidade premeia toda a narrativa através de um sentimento anti-espanhol. Relativamente à situação de subjugo de Portugal em realção a Espanha, o navegador exorta os católicos («papistas») ingleses a consciencializarem-se da tirania espanhola ¹⁸⁵. A religião, intimamente associada à

¹⁸¹ Os ataques e destruição em várias ilhas do arquipélago são referidos por diversos outros autores, nomeadamente «The third voyage made by a ship...», vol. 6, p. 164.

¹⁸² Edward WRIGHT, *op. cit.*, pp. 360-361.

¹⁸³ «A voyage of Master William Parker of Plimmouth...», vol. 7, pp. 262-263.

¹⁸⁴ *Idem, ibidem*, p. 371.

¹⁸⁵ Sobre esta questão veja-se William R. TRIMBLE, *The Catholic Laity in Elizabethan England 1558-1603*, Cambridge, 1964. A questão da religião, nomeadamente da (Contra-)Reforma, encontra-se presente em algumas das fontes publicadas por Hakluyt, também ele um religioso. No relato da viagem de Robert Thomason ao México em 1555, via Lisboa, encon-

empresa das Descobertas, é um dos alvos de ataque do autor protestante, que afirma: «For matter of religion I would require a particuler volume, if I should set downe how irreligiously they cover their greedy and ambitious pretences, with that veile of pietie [...] as if the Kings of Castile were the naturall heires of the world [...] seeking by those and by their runnagate Jesuits to winne parts.»¹⁸⁶

Os ataques aos arquipélagos portugueses são portanto uma forma eficaz que a Inglaterra encontra, quer de desequilibrar as rotas de Filipe II quer de recolher fácil e economicamente mercadorias transportadas desde o Oriente e da América.

tramos descrito um episódio de confronto religioso entre católicos e protestantes no Novo Mundo: «The talke [of the English] was perceived to be prejudiciall to the Romish doctrine, and therefore it was commanded to be no more entreated of, and all remained unthought upon, had it not bene for a villanous Portugal that was in the company, who said, Basta ser Ingles para saber todo esto y mas: who the next day [...] went to the Bishop of Mexico, and his Provisor, and said, that in a place where he had bene the day before, was an Englishman, who had said, that there was no need of saints in the Church, nor of any invocation of saints [...].» («The voyage of Robert Thomason...», vol. 6, p. 259.) Esta descrição apresenta alguns dos princípios da igreja protestante, bem como uma interessante frase escrita em português, a acusação do padre lusitano ao herege inglês. Um outro texto enumera os insultos que os espanhóis dirigem aos navegadores ingleses: «[...] Ingleses perros, Luterianos, enemigos de Dios [...] these English dogs, Lutherans, enemies to God, and all the way as they went there were some of the Inquisitors [...].» (Miles PHILIPS, «A discourse...», vol. 6, pp. 314 e 323, respectivamente.) Em relação à acção da Inquisição no Ultramar, na primeira página do sétimo volume da edição que consultámos encontra-se o extenso título das «principal voyages» à América espanhola que termina da seguinte forma: «Besides the manifold and tyrannical oppressions of the Inquisition inflicted on our nation upon most light and frivolous occasions.», vol. 7, p. 1. Também no Brasil a igreja portuguesa proíbe a visita de marinheiros ingleses a determinadas zonas devido aos conflitos religiosos entre a Inglaterra e Roma, à excepção da Bahia: «[...] the Padres of Santos, they (our men being ready to go to the River of Jenero) tolde them, that they were sorry for our banishment from the Church, and that the Ministrador had written from Rio de Jenero, that foreasmuch as these twentie yeres or more the English nation had denied the Church of Rome and her proceedings, therefore the Ministrador commanded that none of us should come to their Church [...].» (Thomas GRIGS, «Certaine notes of the voyage to Brasil...», vol. 8, p. 23). Sobre as origens ideológicas do império britânico veja-se David ARMITAGE, *The Ideological Origins of the British Empire*, Cambridge, 2000, pp. 61-124. Em «The fift voyage into Persia made by Thomas Banister...», vol. 2, p. 122, é ainda referida a fogueira da Inquisição em Ormuz, e, em África, o resgate de cativos cristãos em poder dos muçulmanos fez também parte das relações luso-inglesas, ao longo dos mares e dos tempos. No cabo de São Vicente, Domingos Rodrigues, natural da Irlanda, “[...] embarcou-se na sua terra num navio francês com destino a Cádiz, no intuito de aprender a lingua d’ Espanha pera ser mercador [...]”. Porém os Turcos alteraram-lhe as intenções.» (Cf. Isabel M. R. Drumond BRAGA, *Entre a Cristandade e o Islão (séculos XV-XVII): Cativos e Renegados nas Franjas de duas Sociedades em Confronto*, Ceuta, 1998, p. 33.) Muitos destes cativos em terras muçulmanas acabam por renegar a fé cristã, tornando-se renegados, desculpando-se, quando resgatados por portugueses e julgados pela Inquisição, que o haviam feito devido às torturas dos inimigos.

¹⁸⁶ Walter RALEIGH, «A report of the trueth of the fight...», vol. 5, p. 12. Seguem-se outros relatos de sucessos ingleses ao largo dos Açores: «A report of Master Robert Flicke...», vol. 5, pp. 16-21.

2.3. «Scramble for Africa»¹⁸⁷

A política externa portuguesa no século XVI prende-se, em grande medida, com a defesa dos interesses ultramarinos. Hakluyt transcreve o capítulo 33 da *Crónica de D. João II* (terminada em 1533 e publicada em 1545) de Garcia de Resende (1470?-1536), referindo-se este excerto à embaixada enviada em 1481 a Inglaterra por D. João II, sendo embaixadores Rui de Sousa e o Doutor João de Elvas, acompanhados pelo secretário Fernando de Pina¹⁸⁸. A viagem diplomática tem como objectivo convencer Eduardo IV (1461-83) a proibir a partida, para o Golfo da Guiné, de uma armada organizada pelo duque de Medina Sidónia, que a encomendara a dois mercadores ingleses, John Tintam e William Fabian¹⁸⁹.

A Berberia¹⁹⁰ é uma das zonas pelas quais os portugueses têm que enfrentar os ingleses sobretudo a partir de 1551, medindo forças e possessões para poderem repelir intrusos a todo o custo, como podemos verificar através do tom com que James Thomas se refere ao confronto de interesses entre ingleses e portugueses na Berberia¹⁹¹. Tal como noutras ocasiões, da frota da viagem comandada por Thomas Windham, que parte do Tamisa, faz também parte uma caravela portuguesa «[...] bought of certain Portugals in

¹⁸⁷ Para um estudo da presença inglesa na África Ocidental até ao reinado de D. João III a partir sobretudo das fontes publicadas por Hakluyt, veja-se Rogério Miguel PUGA, «The “scramble for Africa”: As viagens inglesas à África Ocidental no reinado de D. João III», in *Actas do Congresso Internacional Comemorativo do Nascimento de D. João III, realizado em Lisboa e Tomar, 4 a 8 de Junho de 2002*, Lisboa, Centro de História de Além-Mar (F. C. S. H. da Universidade Nova de Lisboa) e Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa (Universidade Católica Portuguesa), no prelo, do qual esta secção é uma síntese e complemento uma vez que refere viagens posteriores a esse mesmo reinado.

¹⁸⁸ Este mesmo episódio diplomático encontra-se também descrito na *Crónica de D. João II* (1504) de Rui de Pina (1440?-1522): «Capítulo VII: Embaixadas que el-rei enviou a Castela e Inglaterra [...]: A substância da embaixada foi irem em nome de el-rei confirmarem as ligas antigas com a Inglaterra [...]. E também para mostrarem o direito e o título que el-rei tinha no senhorio de Guiné para que, visto, el-rei de Inglaterra defendesse e não desse lugar que em seu reino se fizessem armadas, nem favorecessem, nem consentissem algumas pessoas armar contra Guiné [...]. E a tudo el-rei de Inglaterra satisfez na forma e maneira [...]» (Rui de Pina, *Crónica de D. João II*, comentário de Luís de ALBUQUERQUE, Lisboa, 1989, p. 18).

¹⁸⁹ «The Ambassage which King John the second, king of Portugall, sent to Edward the fourth, king of England...», vol. 4, pp. 21-22. A. L. ROWSE, *op. cit.*, p. 172, afirma, em relação ao Tratado de Tordesilhas: «Papal confirmation had no validity, however, for the Protestant English: another of the imponderable, inestimable benefits of the Reformation.» Se os portugueses tentam defender os seus domínios ultramarinos, também os ingleses fazem o mesmo em relação à «invasão» holandesa no comércio com a Rússia no final do século XVI (*idem, ibidem*, p. 173). Sobre as fontes utilizadas por Hakluyt relativas à Rússia veja-se J. S. G. SIMMONS, «Hakluyt's use of the material available to him: Russia», in *H. H.*, 1, pp. 161-167.

¹⁹⁰ A respeito das fontes relativas à Berberia a que Hakluyt tem acesso veja-se P. E. HAIR, «Hakluyt's use of the material available to him: Morocco, the Saharan coast, and the neighbouring Atlantic Islands», in *H. H.*, 1, pp. 190-196.

¹⁹¹ James THOMAS, «The second voyage to Barbary in the yeere 1552», vol. 4, pp. 33-35.

Newport in Wales, and fraughted for this voyage, of summe sixtie tunnes»¹⁹². Os portugueses vendem portanto os seus serviços a navegadores-comerciantes ingleses, rentabilizando assim o seu saber e os seus meios técnicos. Após uma feroz luta naval contra embarcações espanholas na ilha de Lanzarote, esta frota enfrenta uma imponente e ameaçadora armada do rei de Portugal:

[...] and here by the way is to be understood that the Portugals were much offended with this our new trade into Barbary, and both in our voiage the yeere before, as also in this they gave out in England by their merchants, that if they tooke us as their mortall enemies, with great threates and menaces. But by God and good providence wee escaped their handes¹⁹³.

A Guiné¹⁹⁴ e o Benim¹⁹⁵ são também, desde cedo, destinos dos mercadores ingleses que aí tentam a sua sorte. Antes de transcrever e descrever as primeiras viagens inglesas a África, Hakluyt informa o leitor (menos informado) da geografia do continente e dos motivos que o levam a incluir estas mesmas fontes na sua obra, glorificando, mais uma vez, as iniciativas dos seus compatriotas, ao criticar a atitude defensiva dos Ibéricos, através de uma série de significativos argumentos:

[...] that some memorie thereof might remaine to our posteritie [...] so much the greatlier to bee esteemed, as before never enterprised [...] by Englishmen [...] our marchants, if the same be not hindered by the ambition of such, as for the conquering of fortie or fiftie miles here and there, and erecting certaine fortresses, thinke to be Lordes of halfe the

¹⁹² *Idem, ibidem*, p. 33.

¹⁹³ *Idem, ibidem*, p. 35. O tom com que o episódio é narrado sugere o conflito anglo-português de interesses comerciais, sendo que esta realidade se estende a todo o império ibérico.

¹⁹⁴ A respeito da Guiné veja-se: Luís Filipe THOMAZ, «Le Portugal et l'Afrique au X^{ème} siècle: les débuts de l'expansion», *Arquivos do Centro Cultural Português*, Lisboa-Paris, 1989, e João BARRETO, *História da Guiné: 1418-1918*, Lisboa, 1938. Relativamente às fontes sobre a Guiné a que Hakluyt tem acesso, P. E. HAIR, «Hakluyt's use of the material available to him: Guinea», in *H. H.*, 1, p. 197, afirma: «Before Lancaster's voyage, the coast of southern and eastern Africa were virtually unknown to English seamen: in his first edition, Hakluyt's only references to these coasts were to ships passing, and sometimes sighting, the Cape of Good Hope.» Na página 198, o autor enumera as viagens cujos relatos contêm informações sobre a Guiné, a saber: c. 1530 (William Hawkins), 1553-4 (Wyndham), 1554-5 (Lok/Gaynsh), 1555-56-57-58 (Towerson), 1562-3 (Baker/Rutter), 1562-3, 1564-5, 1567-9 (Hawkins), 1563-4 (Baker), 1564-5 (Carlet), 1566-7 (Fenner), 1577-80, 1585-6 (Drake), 1582-3 (Fenton), 1583 (Cotton), 1586-7 (Cumberland), 1586-8 (Cavendish), 1588-9 (Newton/Walsh), 1590 (Newton), 1591 (Rainolds/Dassel) e 1596 (Shirley). O autor enumera ainda diversos outros relatos e fontes que Hakluyt não publica, informando: «The English were late arrivals in Guinea, and their activities between 1550 and 1600 were limited [...] compared to those of the Portuguese [...] or even compared with those of the French, who began visiting the coast in strength in the 1530s» (p. 204).

¹⁹⁵ A respeito do reino do Benim veja-se: A. F. C. RYDER, *Benim and the Europeans 1485-1897*, Londres, 1969; Vítor RODRIGUES, s.v. «Benim», in *Dicionário de História dos Descobrimientos*, vol. 1, pp. 129-131.

world, envying that other should enjoy the commodities, which they themselves cannot wholly possess¹⁹⁶.

A crítica aos invasores ibéricos continua, uma vez que estes mesmos cristãos se apoderam de domínios de terceiros, não autorizando que outras nações aí comerciem, servindo estes textos igualmente para exortar os ingleses a levarem a cabo honestas actividades ultramarinas¹⁹⁷. Com o intuito de contextualizar o leitor, o geógrafo insere na sua obra uma descrição de África redigida por Richard Eden, abrangendo a geografia, os diferentes reinos, a religião e o reino do Preste João¹⁹⁸, «[...] well knowen to the Portugales in their voyages to Calicut [...]. Some write that the King of Portugall sendeth him yeerly eight ships laden with marchandize»¹⁹⁹.

A primeira viagem à Guiné e ao Benim conta com dois capitães, um deles português, «[...] Anthoine Anes Pinteado, a Portugall, borne in a towne named The Port of Portugall [Porto], a wise discreet, and sober man [...]»²⁰⁰.

¹⁹⁶ «A voiage made out of England unto Guinea and Benin...», vol. 4, p. 35. Mais uma vez, Hakluyt exprime o seu conceito de memória intimamente relacionado com a escrita, a redacção de grandiosos feitos nacionais.

¹⁹⁷ *Idem, ibidem*. Hernâni CIDADE, s.v. «Portugal e as letras portuguesas nas literaturas estrangeiras», in Jacinto Prado COELHO (dir.), *Dicionário da Literatura Portuguesa*, vol. III, Porto, 1992, p. 856, afirma: «[...] Na Inglaterra são Robert Willis, Hakluyt e Purchas, os quais, publicando as narrativas e descrições das nossas viagens, procuram estimular o espírito prático dos seus compatriotas, para a exploração do mundo que nós abrimos às suas iniciativas e onde muito ficava ainda para as aventuras das suas audácias.»

¹⁹⁸ A respeito da lenda e dos relatos em torno da figura e do reino de Preste João vejam-se: Luís Filipe THOMAZ, s.v. «Preste João», in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, vol. 2, pp. 918-923; *idem*, «Portugal et l'Afrique au X^e siècle: les débuts de l'expansion», *Arquivos do Centro Cultural Português*, Lisboa-Paris, vol. xxvi, 1989; *idem*, «O projecto imperial joanino (tentativa de interpretação global da política ultramarina de D. João)», in *Congresso Internacional Bartolomeu Dias e a sua Época – Actas*, vol. 1 (5 vols.), Porto, 1989; *idem*, «L'idée impériale manueline», in *La Découverte. Le Portugal et l'Europe*, Paris, 1990; Manuel João RAMOS, «Ensaio sobre a reversibilidade simbólica: Análise transformacional de mitologia cristã», Dissertação de Doutoramento na área da Antropologia Social, I.S.C.T.E., Lisboa, 1995; *Cartas do Preste João das Índias: versões medievais latinas*, prefácio e notas de Manuel João RAMOS e tradução de Maria Leonor BUESCU, Lisboa, 1998.

¹⁹⁹ «A voiage made out of England unto Guinea and Benin...», vol. 4, p. 38.

²⁰⁰ *Idem, ibidem*, p. 39. Mais tarde, a sabedoria do prestável capitão português será novamente reconhecida: «[...] the counsell and experience of Pinteado [...]» (*idem, ibidem*, p. 41), sendo posteriormente o guia português ofendido pela tripulação inglesa que deseja entrar no continente africano o mais rapidamente possível. O navegador, acusado de traidor, acabará por falecer na viagem de regresso, sendo, no entanto, o seu valor reconhecido pelos ingleses: «A man worthy to serve any prince, and most vilely used.» (*Idem, ibidem*, p. 44.) Nelson VERÍSSIMO, «Piratas e corsários nos mares do arquipélago da Madeira na segunda metade do século XVI», in *Portos, Escalas e Ilhéus no Relacionamento entre o Ocidente e o Ocidente: Actas do Congresso Internacional Comemorativo do Regresso de Vasco da Gama a Portugal*, vol. II, Açores, 2001, pp. 13-151, refere a acção de Penteado, natural de Vila do Conde, no arquipélago da Madeira. Vejam-se também *idem*, «O ataque do Penteado», in *Diário de Notícias*, «Revista», Funchal, 01-11-1998, p. 13, e Gaspar FRUTUOSO, *Livro Segundo das Saudades da Terra*, Ponta Delgada, 1968, pp. 11 ss.

O *editor* apresenta a história do navegador português que, sendo muito chegado ao rei de Portugal pelos excelentes serviços ao manter os franceses afastados das costas do Brasil e da Guiné, se torna alvo de invejas, vendo-se forçado a ir para a Inglaterra na pobreza, onde persuade diversos mercadores a viajarem até à Guiné. A forma e a linguagem com que todo este processo é descrito torna o episódio curioso: «But as fortune in maner never favoureth but flattereth, never promiseth but deceiveth, never raiseth but casteth downe againe: and as great wealth & favour have alwaies companions, emulation and envie, he was after many adversities & quarels made against him [the king of Portugal], inforced to come to England.»²⁰¹ Durante a viagem dos ingleses são retirados todos os poderes e estatuto ao capitão português, facto que dá lugar a um juízo de valor sobre um dos traços da personalidade ibérica: «[...] leaving him [captain Pinteado] as a common mariner, which is the greatest despite and grief that can be to a Portugale or Spaniard, to be diminished of their honor, which they esteem above all riches.»²⁰² Já em África, o português servirá de intérprete entre os ingleses e os governantes nativos, voltando, mais uma vez, os súbditos de Isabel I a tirar partido do saber e da experiência dos portugueses em terras já destes últimos conhecidas. Hakluyt transcreve ainda as cartas que o rei de Portugal e o infante, seu irmão, enviam a António Pinteado, ao perceberem a ameaça que este representa ao trabalhar para mercadores ingleses. Tal arrependimento dá-se tarde demais, como afirma o próprio Hakluyt, informando a carta do rei, datada de 22 de Setembro de 1551, em Almeirim, o navegador português que fora investido cavaleiro, que usufrui de uma pensão vitalícia e que poderá regressar a Portugal quando o desejar²⁰³.

As viagens à costa da Guiné sucedem-se e quando da segunda expedição, já sem qualquer capitão português, os viajantes ingleses trazem consigo robustos africanos que estranham o clima europeu, frio e húmido, mas não as exóticas carnes e bebidas da tripulação²⁰⁴. Também William Towerson se aventura pelas costas africanas no ano de 1555, espiando os movimentos das caravelas portuguesas. Ao contactar com as gentes nativas, os ingleses vão identificando as comunidades que estão em guerra com os portugueses, apresentando-nos o autor do relato a imagem dos portugueses que um jovem autóctone ex-escravo lhes transmite: «[...] he tolde us that

²⁰¹ *Idem, ibidem.*

²⁰² *Idem, ibidem*, p. 40.

²⁰³ «The copie of Anthonie Anes Pinteado his letters patents...», vol. 4, p. 45. Hakluyt informa, mais uma vez, o leitor que transcreve as cartas originais na casa do seu amigo Nicholas Liese, com quem Pinteado as deixara, comentando que, ao receber todas estas amáveis palavras, «[...] Pinteado durst not attempt to goe home, neither to keepe companie with the Portugals his countrey men, without the presence of other: forasmuch as he had secreete admonitions that they intended to slay him, if time and place might have served their wicked intent» (*idem, ibidem*, pp. 46-47).

²⁰⁴ «The second voyage to Guinea...», vol. 4, p. 65.

the Portugales were bad men, and that they made them slaves if they could take them, and would put yrons upon their legges, and besides he told us, that as many Frenchmen or Englishmen, as they could take (for he could name these two very well) they would hang them [...].»²⁰⁵ Noutras localidades, os autóctones da fralda do mar africana – que se dirigem aos europeus utilizando os poucos vocábulos que sabem em português – recusam vender ou trocar quaisquer mercadorias com os ingleses devido ao medo que confessam ou demonstram ter dos portugueses – «[...] their subjection is so great to the Portugales [...]»²⁰⁶ – a quem se aliam nas lutas contra o novo invasor-inimigo. Começa então a intensificar-se a imagem de rivalidade entre os portugueses e os mercadores ingleses que tentam penetrar nesse mesmo mercado. William Towerson leva ainda a cabo uma segunda viagem à costa da Guiné, um ano após a primeira, aliando-se estrategicamente a uma frota francesa para assim fazerem frente às embarcações portuguesas, a caminho da feitoria e fortaleza da Mina²⁰⁷ – então sede dos estabelecimentos lusos na costa do golfo da Guiné – enquanto estabelecem contactos comerciais com as populações costeiras, prometendo-lhes defesa em relação aos lusitanos. Os nativos são portanto essenciais para o estabelecimento de rotas das frotas inglesas, fornecendo informações sobre as estratégias e os movimentos dos portugueses, sendo fomentadas alianças locais entre ingleses e alguns nativos contra os portugueses, temidos quer por uns quer por outros; existindo, no entanto, mercadores ingleses, como por exemplo Robert Gaynsh, que atacam na feitoria da Mina. Contudo, os portugueses continuam a perseguir e a tentar assustar as frotas estrangeiras, atirando contra as embarcações: «To see if they could feare [them] and so make [them] to leave [their] traffique.»²⁰⁸ Em 1577, Towerson embarca na sua terceira e última viagem à costa da Guiné, acompanhado de um intérprete, «[...] Francisco the Portugall [...]»²⁰⁹, uma vez que o português é *lingua franca*. Após a recolha dos conhecimentos que os mercadores ingleses vão conquistando, surgem listas de mercadorias europeias procuradas na Guiné, essenciais para futuras viagens²¹⁰. África dentro, através de um rio, a tripulação de Towerson depara com «[...] a Negro, which was borne in Lisbone, left there

²⁰⁵ «The first voyage made by Master William Towrson...», vol. 4, pp. 85-6.

²⁰⁶ *Idem, ibidem*, p. 89.

²⁰⁷ A respeito da feitoria da Mina veja-se: J. W. BLAKE, *European Beginnings in West Africa (1454-1578)*, Londres, 1937; C. R. BOXER, *O Império Colonial Português*, Lisboa, 1977.

²⁰⁸ «The second voyage made by Maister William Towrson to the coast of Guinea...», vol. 4, p. 102.

²⁰⁹ «The third and last voyage of M. William Towrson to the coast of Guinie...», vol. 4, p. 115.

²¹⁰ Veja-se a lista nas páginas 129-130 (vol. 4). Hakluyt inclui também, logo após esta fonte, uma lista de conselhos úteis relativamente ao comércio na costa da Guiné, recomendando um conhecimento exaustivo da geografia e das mercadorias desejadas pelos nativos, bem como a construção de um forte na costa da Mina («Certaine Articles delivered to M. John Lok...», vol. 4, pp. 130-31).

by a ship of Portugal which was burned the last yere at this river in fighting with three Frenchmen [...]»²¹¹.

Uma outra estratégia de estabelecimento dos ingleses é a luta contra as populações amigas dos portugueses, chegando, inclusive, a destruir aldeias inteiras como forma de represália e ameaça. Relativamente aos contactos luso-ingleses na costa africana, para além do medo²¹² das frotas de defesa portuguesas que é constantemente negado pelos viajantes do Norte da Europa, o campo semântico que envolve as descrições dos ibéricos é precisamente o da inimizade e da traição²¹³. As fontes seleccionadas por Hakluyt sintetizam assim todo o processo de estabelecimento gradual das relações comerciais inglesas na costa africana, sendo as viagens planeadas de acordo com a presença e/ou ausência de forças portuguesas nos diferentes pontos da mesma.

O arquipélago de Cabo Verde é igualmente destino de viagem e na ilha do Fogo os súbditos de Isabel I encontram uma capela que serve a comunidade portuguesa: «The inhabitants are Portugals which have commandment from the king to traffike neither with Englishmen nor Frenchmen for victuall or any other thing, except they be forced so to doe.»²¹⁴ A resistência aos contactos comerciais por parte dos lusitanos continua a observar-se, intensificando-se à medida que as viagens de outros europeus se tornam mais sistemáticas, prova da determinação inglesa em se estabelecer na costa africana, tal como acontecera anteriormente com a chegada de concorrentes franceses²¹⁵ no período conhecido como da «tripla rivalidade»²¹⁶, ou seja,

²¹¹ «The third and last voyage of M. William Towrson to the coast of Guinie...», vol. 4, p. 118.

²¹² «A letter of M. John Lok to the worshipfull company of Marchants...», vol. 4, p. 133.

²¹³ Veja-se Walter WREN, «The voyage of M. George Fenner to Guinie and the Islands of Cape Verde...», vol. 4, pp. 149-50: «villanous treacheries». Inúmeras outras fontes relatam estes mesmos episódios de traição e jogos de interesse, nomeando («The voyage of Richard Rainolds and Thomas Dassel to the rivers of Senega and Gambra...», vol. 5, pp. 44-52).

²¹⁴ Walter WREN, «The voyage of M. George Fenner...», vol. 4, p. 151. De acordo com P. E. HAIR, «Marocco...», p. 193, n.º 2, a maioria da informação sobre o arquipélago encontra-se nos relatos das seguintes viagens: viagem de Towerson à Guiné (1558), viagem de Fenner à Guiné (1566-7), viagem de Baker à América (1576-7), viagens de Drake (1577-80; 1585-6), viagem do barco *the Edward Cotton* à Guiné (1583) e viagem de Sherley (1596-7). Em relação a estas mesmas fontes, Hair, *op. cit.*, p. 196, afirma: «[...] we must expect that the progressive exploitation of Portuguese and Spanish archives will render Hakluyt's documentatation of slight importance.»

²¹⁵ Relativamente à intervenção francesa na África ocidental entre 1530-53 veja-se John W. BLAKE, *West Africa: Quest for God and Gold 1454-1578. A survey of the first century of white enterprise in West Africa, with particular reference to the achievement of the Portuguese and their rivalries with other European powers*, Londres, 1977 [1.ª edição: *European Beginnings in West Africa*, 1937], pp. 106-37. São inúmeras as referências à presença francesa, a par da portuguesa, pela costa africana. Nas fontes recolhidas por Hakluyt veja-se: «The first voyage mad by Master William Towrson Marchant of London, to the coast of Guinea, with two Ships, in the yeere 1555», vol. 4, p. 70.

²¹⁶ Alessandro MAURO, s.v. «Ouro, Costa do», in *D. H. D. P.*, vol. II, pp. 840-1. A expressão «tripla rivalidade» é cunhada por John William BLAKE, *West Africa...*, 1977, p. 138.

da «corrida a África», expressão inglesa que dá título a este capítulo do nosso estudo, embora designe normalmente a «corrida» do século XIX. Como afirma Pedro Sottomayor, para além dos ataques por terra à feitoria e fortaleza da Mina, «[...] também no oceano os Portugueses se confrontam com uma situação nova a partir da segunda metade do século XVI. Se até então tinha sido possível garantir um exclusivo quase total na navegação e no comércio da costa de África, gerindo as rivalidades com Castela²¹⁷ através da partilha *do mare clausum*, em meados do século XVI os navios franceses, ingleses e holandeses tornam-se uma presença constante no golfo da Guiné, empenhados já não num comércio clandestino e ocasional mas em manterem contactos comerciais regulares, muitas vezes auxiliados por portugueses fatigados do monopólio e desejosos de poderem participar neste comércio [...]»²¹⁸, tendência esta que se começa a esboçar no período de que aqui nos ocupamos.

Como mais uma etapa de todo um processo que terá o seu ponto áureo com a fundação da Companhia Inglesa das Índias Orientais em 31 de Dezembro de 1600, Isabel I envia até África, no ano de 1577, embaixadores da sua nação com o intuito de estabelecer relações cordiais de comércio com os governantes dos diferentes reinos africanos, nomeadamente os de Marrocos, Fez e Suz, onde também os portugueses defendem interesses²¹⁹. Um ano mais tarde, tem lugar no Norte de África um episódio com largas repercussões nas literaturas portuguesa e inglesa²²⁰: a morte de D. Sebastião na Batalha de Alcácer-Quibir, na qual participa o inglês Thomas Stukeley. Hakluyt inclui na sua obra um breve excerto da tradução do relato da batalha do cronista Frei Luís Nieto, *Relacion de las guerras de Berberia y del suceso y muerte des Rey Don Sebastian (que N. S. haya en su gloria)...* (1579), obra traduzida para latim por Thomas Freijio (Nuremberga, 1579), e para a língua inglesa por Munday e Chettle, em 1601. No título que atribuí ao excerto traduzido, o geógrafo indica, desde logo, que Stukeley é erroneamente inti-

²¹⁷ Vide Rui de PINA, *Crónica de D. João II*, comentário de Luís de ALBUQUERQUE, Lisboa, 1989, pp. 18-22 (Embaixada a Castela), e sobretudo p. 26: «[...] concordaram que, porquanto na capitulação das pazes fora defeso que os Castelhanos, sob graves penas, não fossem tratar às partes da Guiné, o que os reis de Castela não podiam fazer por ser o bem comum de seus reinos, cujos tratos, prestaças e proveitos não eram aos portugueses denegados, pagando os seus direitos, antes com isso podiam ir e vir livremente, que assim, com imposição de algum justo tributo e direito, dessem lugar que a seus naturais o semelhante trato da Guiné por el-rei se não denegasse.»

²¹⁸ Pedro SOTTOMAYOR, s.v. «Mina, feitoria e fortaleza», in *Dicionário de História dos Descobrimientos Portugueses*, vol. II, p. 740.

²¹⁹ Edmund HOGAN, «The Ambassage of M. Edmund Hogan...», vol. 4, p. 158.

²²⁰ A respeito deste tema veja-se: Maria Leonor Machado de SOUSA, *D. Inês e D. Sebastião na Literatura Inglesa*, Lisboa, 1979; Miguel ALARCÃO, «O aparecimento do tema em Inglaterra», in Maria Leonor Machado de SOUSA (coord.), *D. Sebastião na Literatura Inglesa*, Lisboa, 1985, pp. 21-64; Rogério Miguel PUGA, «A representação do cavaleiro português no teatro isabelino: “The Spanish Plays” de Thomas Kyd e *The Battle of Alcazar* de George Peele», *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*, n.º 9, 2000, pp. 7-42.

tulado «Marquês da Irlanda»²²¹, referindo o texto ainda os soldados ingleses que participaram na batalha ao lado de D. Sebastião, bem como a morte destes, quer durante a mesma quer posteriormente no mar, de regresso a casa.

A costa africana é visitada por navegadores ingleses a caminho das Índias Orientais que tomam, à força, inúmeras embarcações portuguesas em que passam a navegar²²². Por sua vez, os lusitanos, já familiarizados com os povos nativos, tiram partido dessa mesma relação para afastar estes últimos dos mercadores recém-chegados que afirmam: «These Moores informed us of the false and spitefull dealing of the Portugals towards us, which made them beleeve that we were cruell people and men-eaters, and willed them if they loved their safetie in no case to come neere us. Which they did only to cut us off from all knowledge of the state and traffique of the countrey [Zanzibar].»²²³ Tal situação teria portanto que ser ultrapassada: «[...] [their] care was to get into our hands some one or two of those countreys to learne the languages and states of those partes where [they] touched»²²⁴, até porque será também em África, nomeadamente na costa da Guiné, que os mercadores ingleses a caminho das Índias Ocidentais tentam comprar escravos africanos para transportar rumo ao Novo Mundo²²⁵.

O conhecimentos sobre o tráfico de mercadorias nas diferentes zonas costeiras do continente africano é também essencial para os viajantes da velha Albion, pelo que Hakluyt publica um relato que descreve esse mesmo movimento de bens no castelo e ilha de Arguim²²⁶, próximo do cabo Branco²²⁷. O texto refere o ouro que os nativos trocam pelas mercadorias, também elas enumeradas, afirmando que o comércio inglês nesta zona deve ser intensificado. As políticas portuguesas de sigilo e de defesa são também a alma do negócio que evita presenças rivais e competição, como afirma Petoney:

The Frenchmen never use to go into the river of gambra: **which is a river of secret trade and riches conclaed by the Portugals.** [...] The Spaniards and Portugals though they be dissemblers and not to be trusted [...]. And the most part of the Spaniards and Portugals that be resident in these places be banished men or fugitives, for committing most hainous crimes and incestuous acts, their life & conversation being agreeable; and they are of the basest behaviour that we have ever seene of these nations in any other countrey²²⁸.

²²¹ Johannes Thomas FRELIUS, «The voyage of Thomas Stukeley...», vol. 4, p. 163.

²²² Cf. «A voyage whith three tall ships...», vol. 4, p. 242. Este texto é redigido por Hakluyt a partir do relato oral de Edmund Baker.

²²³ «A voyage with three tall ships...», vol. 4, p. 246.

²²⁴ *Idem, ibidem*, p. 247.

²²⁵ Cf. John HAWKINS, «The third troublesome voyage...», vol. 7, p. 53.

²²⁶ Sobre Arguim veja-se Théodore MONOD, *L'Île d'Arguim (Mauritanie). Essai historique*, Lisboa, 1983.

²²⁷ Melchior PETONEY, «A relation sent by Melchior Petoney to Nigil de Moura at Lisbon...», vol. 5, pp. 43-44.

²²⁸ *Idem, ibidem*, pp. 45, 50 e 52, respectivamente, negrito nosso.

As fontes inglesas relativas às viagens a África revelam ser um complemento importante para a documentação portuguesa, quer pelo facto de apresentarem um olhar protestante e rival da presença e influência portuguesas na costa ocidental africana, sobretudo na década de 50, quer pelo facto de reflectirem o processo de descoberta de uma nova dimensão civilizacional, já conhecida dos portugueses, mas exótica para o observador-viajante inglês que relata a pitoresca vivência nativa, por entre anotações geográficas, climáticas, antropológicas, linguísticas, bem como as relações e o contacto dos povos europeus com o(s) nativo(s) Outro(s). O ponto de vista, ou a focalização, presentes nestas fontes é, portanto, a de navegadores ingleses, que se aventuram além-Bojador, encontrando outros rivais europeus em África que é necessário ultrapassar para gerar e manter lucros comerciais, face aos interesses franceses e ao monopólio português cada vez mais enfraquecido. Os textos em questão, complementando-se entre si, bem como os documentos portugueses, apresentam ainda a progressiva «infiltração» inglesa (de iniciativa privada) na costa ocidental africana, sobretudo com o apoio inicial de renegados e/ou exilados portugueses na Inglaterra²²⁹, como o Conde de Penamacor ou António Penteado. Quer Hakluyt quer os autores das restantes fontes que estudámos relativizam o poder e a legitimidade da presença portuguesa em África²³⁰ que tenta fazer oposição à actividade comercial «estrangeira», apresentando estes documentos um ponto de vista filtrado por interesses, vantagens e estereótipos que se tornam discursos interessantes de estudar, sobretudo, em comparação com a leitura portuguesa desta mesma realidade.

2.4. *Brasil: «Ingenios and salvages»*

A América espanhola e o Brasil são igualmente destinos comuns para os mercadores e viajantes ingleses no século XVI²³¹, sendo os barcos carregados de mercadorias do Brasil um alvo apetecido de frotas e corsários no Oceano Atlântico, nomeadamente ao largo do arquipélago dos Açores²³²; tomando

²²⁹ V. M. SHILLINGTON e A. B. Wallis CHAPMAN, *The Commercial Relations of England and Portugal*, Londres, s/d, p. 131, afirmam que Henrique VIII emprega construtores navais portugueses.

²³⁰ Cf. *idem, ibidem*, p. xii: «The later relations of England and Portugal [...] appear to fall into four parts. From 1487 to 1580 the dominating motive is mainly colonial, and England is at once the inferior and aggressive power.»

²³¹ Cf. «A voyage with three tall ships...», vol. 4, p. 255; «Certaine remembrances of an intended voyage to Brasill...», vol. 4, pp. 259-260; «A direction as well for the captaine...», vol. 4, p. 261. O Rio da Prata é também um destino no qual os navegadores ingleses encontram quer portugueses quer espanhóis, que ora os apoiam ora os tentam afastar dos seus territórios. Vejam-se os relatos: «Instructions given by the right honourable the Lordes of the Counsell, to M. Edward Fenton Esquire...», vol. 8, pp. 99-132; «The voyage set out by the right honourable the Earle of Cumberland...», vol. 8, pp. 132-153.

²³² Cf. Jan LINSCHOTEN, «A large testimonie...», vol. 5, pp. 32-33.

os exploradores isabelinos as viagens ibéricas como exemplo de perseverança e resolução a seguir, rumo ao Brasil:

The Portugals also at their first footing in Madera, as John Barros writes in his first Decade, found nothing there but mighty woods for timber, whereupon they called the Island by that name. Howbeit the climate being favourable, they enriched it by their own industry with the best wines and sugars in the world. The like maner of proceeding they used in the Açores [...]. So dealt they in S. Thomas [São Tomé] under the Equinoctial, and in Brasil, and sundry other places. And if our men will follow their steps, by your wise direction I doubt not but in due time they shall reape no lesse commoditie and benefit²³³.

A conquista e colonização do Brasil serve ainda de exemplo concreto para a ação futura dos ingleses: «The like conquest of Brasilia, and annexing the same to the kingdome of Portugall was first begun by meane and private men, as Don Antonio de Castillio²³⁴, Ambassadour here for that realme, and by office keeper of all the records and monuments of their discoveries, assured me in this city in the yere 1581.»²³⁵ As ilhas no sul do continente americano são fonte de disputa entre os reinos ibéricos, conforme informa Henry Hawkes: «[...] for the Portugals disturbe them [Spanish] much, and combate with them every day, saying it is a part of their conquest, and to the maine land they cannot come at any hand.»²³⁶ O Brasil é visitado por frotas inglesas, sendo a possibilidade de uma invasão por parte de Drake levantada por Álvaro de Bazán, Marquês de Santa Cruz, após os ataques do corsário à Galiza, em 1585. Em 26 de Outubro do mesmo ano, o militar espanhol avança vários cenários de ataque possíveis, bem como medidas a tomar, uma vez que também D. António Prior do Crato poderá voltar para invadir Portugal, sendo curioso o cenário virtual avançado pelo texto: «[...] at the entry of the bay of the river of Jenero there is a flat low Island where a fort may very easily be made [by the English], wherein above 500 men may be left: and placing his [Drake] artillery therein, he may keepe the haven, & the fort [...].»²³⁷

A secção intitulada «Certaine Voyages: Navigations and traffiques both ancient and of late, to divers places upon the coast of Brasil: together with a Ruttier for all that coast...»²³⁸ agrupa um conjunto significativo de relatos

²³³ Richard HAKLUYT, «To the right honourable...», vol. 6, p. 229.

²³⁴ De acordo com D. B. e A. M. QUINN, «A Hakluyt Chronology», in *H. H.* 1, pp. 274, António de Castilho, embaixador português em Londres, terá dado conhecimento a Hakluyt de uma viagem portuguesa à passagem do Noroeste em 1574 e possivelmente ter-lhe-á fornecido material cartográfico relativo à América do Norte.

²³⁵ Richard HAKLUYT, «To the right honourable...», vol. 6, p. 231.

²³⁶ Henry HAWKES, «A relation of the commodities of Nova Hispania...», vol. 6, p. 292.

²³⁷ Alvaro BAÇAN, «The opinion of Don Alvaro Baçan, Marques de Santa Cruz...», vol. 7, p. 74.

²³⁸ Secção de título completo: «Navigations and traffiques both ancient and of late, to divers places upon the coast of Brasil: together with a Ruttier for all that coast, and two inter-

referente à colónia portuguesa no sul do continente americano, funcionando o título genérico como sumário da tipologia, importância e proveniência das fontes, como aliás acontece com os demais títulos que Hakluyt atribui aos documentos que publica. O primeiro, um relato de duas viagens ao continente americano, informa que «[...] the] voyages unto the coast of Brasil, [were] a thing in those days very rare, especially to our Nation»²³⁹. A política (eficaz) do navegador William Hawkins por terras de Vera Cruz consiste sobretudo na descrição aliada à conquista da amizade dos índios costeiros. Na sua segunda viagem, um dos chefes («king») nativos disponibiliza-se a vir para Inglaterra, onde permanece um ano, vindo a morrer na viagem de regresso do Brasil. A descrição da recepção do ameríndio na corte de Londres, bem como da aparência deste, reveste-se de uma importância capital devido ao facto de ser das primeiras descrições de um nativo brasileiro na capital inglesa. A alteridade marca presença no texto, tendo o seu autor o cuidado de tentar explicar a razão pela qual o chefe brasil utiliza adornos corporais:

This Brazilian king being arrived, was brought up to London and presented to K. Henry the 8, lying as then at White-hall: at the sight of whom the King and all the Nobilitie did not a little marvaile, and not without cause: for in his cheekes were holes made according to their savage maner, and therein small bones were planted, standing an inch out from the said holes, which in his owne Countrey was reputed for a great braverie. He had also another hole in his nether lip, wherein was set a precious stone about the bignes of a pease: All his apparel, behaviour, and gesture, were very strange to the beholders²⁴⁰.

Este episódio remete, mais uma vez, para o fenómeno do exotismo antropológico-literário pelas mãos dos portugueses. O estranho e até então

cepted letters which reveale many secrets of the state of that countrey: the rest of our voyages to Brasil which have bene either intended or performed to the River of Plate, the streight of Magellan, the South Sea, or farther that way, being reserved for the genrall heades next insuing.» (Vol. 7, p. 13.) Esta mesma secção agrupa relatos de viagens inglesas ao Brasil desde 1540 (Robert Reniger e Thomas Borey, vol. 8, p. 15); 1542 (Pudsey): «a voyage [...] 62 yeeres agoe to Baya de todos los santos the principall towne of all Brasil, and the seate of the Portugall vice-roy and of the bishop, and that he built a fort not farre distant from that place.» («A voyage of one Pudsey to Baya in Brasil...», vol. 8, p. 15); Francis Pretty, «The admirable and prosperous voyage of the Worshipfull Master Thomas Candish...», vol. 8, pp. 206-255.

²³⁹ «A briefe relation of two sundry voyages made by the worshipful M. William Haukins of Plimmouth...», vol. 8, p. 14.

²⁴⁰ *Idem, ibidem*. Também John JANE, no relato da última viagem de Thomas Candish, descreve a aparência dos índios brasileiros através de uma comparação e referência clássica: «[...] wee found many Salvages there: notwithstanding the extreme colde of this place, yet doe all these wilde people goe naked, and live in the woods like Satyrs, painted and disguised, and flie from you like wilde deere.» (John JANE, «The last voyage of the worshipfull M. Thomas Candish...», vol. 8, p. 222.) De acordo com R. R. SELLMAN, *The Elizabethan Seamen*, 1962, p. 35: «[Hawkins'] plan was to take the Guinea negroes, who could be captured or bought for a trifle, and sell them in the Spanish colonies of the Caribbean.»

longínquo é gradualmente familiarizado, tal como o próprio nome de alguns navegadores ingleses que permanecem durante algum tempo em domínios lusitanos: «Here in this countrey [Brazil] instead of John Whithall they have called me John Leitoan: so that they have used this name so long time, that at this present there is no remedie but it must remaine so. When you write unto me, let the superscription be unto John Leitoan.»²⁴¹ Dos contactos ultramarinos entre portugueses e ingleses surge também a cooperação militar, nomeadamente com o objectivo de lutar contra embarcações francesas, defesa que se estende ao resto do império quando de invasões espanholas. Em Pernambuco, a frota inglesa é informada de que «[...] the Islands, Indies, and Portugall it selfe was molested and troubled by the Spaniards, and that the Portugales had both English and Frenchmen to Lisbonne to defend them against Spaine [...]»²⁴², informações referentes à invasão de Filipe II de Espanha, contra quem a Inglaterra luta nos quatro cantos do globo.

Os mercadores ingleses retiram igualmente partido do comércio do açúcar no Brasil, através de alianças locais com os administradores e religiosos ao longo da costa marítima²⁴³. As lutas e alianças entre colonos

²⁴¹ John WHITHAL, «A letter written to M. Richard Staper by John Whithal from Santos in Brasil...», vol. 8, p. 19. Richard Staper, destinatário desta missiva remetida desde o Brasil, recebe também um relato sobre o comércio inglês no Brasil, como se pode verificar pelo título de uma outra fonte publicada: Robert FLICKE, «A report of Master Robert Flicke directed to Master Thomas Bromley, master Richard Staper, and Master Cordall concerning the successe of a part of the London supplies sent to my Lord Thomas Howard to the Isles of the Azores, 1591», vol. 5, pp. 16-21. A troca de correspondência torna-se uma forma eficaz de intercâmbio de informação e melhoria da rede inglesa de transacções comerciais no Brasil, nomeadamente em Santos. De Londres, partem também missivas que agradecem a chegada de informações relativas a carregamentos de açúcar e à construção de engenhos ingleses por terras de Vera Cruz: «Wee have sent you copper cauldrons for your Ingenios with iron and all other necessaries for your purpose [...] We have given order to our factors to use your counsell and helpe in their affaires, and to gratifie you for the same as to your courtesie and faithfull friendship [...]» («A copie of the letters of the Adventurers for Brasill sent to John Whitall dwelling in Santos...», vol. 8, p. 21).

²⁴² Thomas GRIGS, «Certaine notes of the voyage to Brasill with the Minion of London», vol. 8, p. 23.

²⁴³ As fontes portuguesas referem igualmente a rival presença inglesa no Brasil. O Padre Francisco SOARES, *Coisas Notáveis do Brasil* [1590], in Luís ALBUQUERQUE (dir.), *O Reconhecimento do Brasil*, Lisboa, 1989, p. 181, afirma: «Tubarões: há muitos e de muitas castas [...] e assim se achou em mau tempo aí dentro na Baía, na barriga de um que um homem pescou, uma perna com uma meia calça de um inglês, e foi que, indo aí ingleses à Baía, uma nossa embarcação arremeteu a uma sua lancha e a meteu no fundo e matou seis ou sete dos ingleses, e quatro ficaram vivos, e de algum daqueles foi a perna que se achou na barriga do tubarão [...]» Também Gabriel Soares de SOUSA, *Notícia do Brasil* [1587], Lisboa, 1989, pp. 85-86, informa: «Capítulo XIV: Que trata de como se pode defender a Baía com mais facilidade. [...] Assim pode ser socorrida por mar e por terra [...] o que Deus não permita que aconteça pelo desaperecimento que esta cidade tem; do que sabem a certeza os ingleses, que a ela foram já, donde podem tirar grande presa da maneira que está, se a acometerem com qualquer armada, porque acharão no porto muitos navios carregados de açúcar e algodão [...]» Uma das fontes publicadas por

e nativos²⁴⁴ são também descritas pelos ingleses que contactam com os índolas, de quem conseguem valiosas informações estratégicas, nomeadamente o facto de determinadas tribos se aliarem aos colonos, auxiliando-os a lutar contra os demais rivais europeus que²⁴⁵ a todo o custo tentam tomar navios de mercadorias:

About twentie leagues from Santos there is a certaine kinde of wilde savages, lying in the mountaines, which are in friendship with the Portugales, and they have continuall warres with certaine other Savages that dwell towards the borders of Peru [...]. Looke what Savages of their enemies they take, they sell them to the Portugales for knives, combes, axes or hatchets, and other trifles [...]. This people have also continuall warres with the Spaniards: and this was tolde us by one of those Savages, which hath dwelt among the Portugales these seven yeeres, with his master called Sennor Manoel Veloso²⁴⁶.

Tendo em mente a diversidade de fontes analisadas, bem como os interesses nelas espelhados, não será de admirar que navegadores-autores isabelinos como *Sir* Humphrey Gilbert defendam a partilha de lucros, mercadorias e espaços entre os ingleses e a coroa ibérica, avançando inclusive a

Hakluyt refere os planos ingleses e as tentativas falhadas de tomar a Baía, bem como outros ataques e pilhagens nas costas brasileiras e no Rio da Prata: «The voyage set out by the honourable the earle of Cumberland, in the yere 1586...», vol. 8: «[...] Besides, it is given us here to understand by the Portugals which we have taken, that there is no doubt but that by Gods helpe and our endeavour, wee shall bee able to take the towne of Baya, at our pleasure [...]. [...] The 16 day we went to cartaine Ingenios of the Portugals, where we found the poeple fled and we entered their houses without resistance. We found [...] 1000 pots of sugar [...] so that every man tooke his pot of sugar for their provision, and set all the rest on fire.» (*Idem, ibidem*, pp. 140 e 148, respectivamente.)

²⁴⁴ A respeito da presença portuguesa no Brasil veja-se Jorge COUTO, *A Construção do Brasil...*, e Jaime CORTESÃO, *A Colonização do Brasil*, Lisboa, 1968. Os ingleses tiram ainda partido da informação redigida pelos portugueses, pois quando da tomada de navios lusos traduzem as fontes neles capturadas. O padre Fernão Cardim, vindo do Brasil e tendo-se deslocado a Roma, é raptado na viagem de regresso por piratas ingleses, sendo libertado em 1603, após a confiscação de alguns dos seus bens, entre os quais se encontram dois dos seus manuscritos sobre o Brasil que são traduzidos para a língua inglesa e introduzidos nas colectâneas *Purchas his Pilgrimage* (1614) e *Pilgrimes* (1625). Hakluyt compra, em 1601, a Francis Cooke, um texto do Padre Fernão Cardim, referindo-se *Purchas* ao documento como «[...] a discourse of Brasil... taken from a Portugal Frier, and by Francis Cooke, sold to Master Hakluyt [...]» (*Pilgrimage*, 1614). No entanto na edição de 1625 de *Pilgrimes* afirma que o documento «[...] was taken by one Frances Cooke of Dartmouth in a Voyage outward bound for Brasil, An. 1601. Who sold the same to Mater Hacket [a misprint for Hakluyt] for twenty shillings; by whose procurement it was translated out of Portugall into English [...]» (*apud* D. B. e A. M. QUINN, «A Hakluyt Chronology», p. 317).

²⁴⁵ «The well governed and prosperous voyage of M. James Lancaster...», vol. 8, p. 34. James Lancaster vive alguns anos em Portugal, abandonando o país após a subida ao trono de Filipe II de Espanha, participando posteriormente em expedições às Índias Orientais (1591) (cf. A. L. ROWSE, *op. cit.*, p. 200).

²⁴⁶ Thomas GRIGS, «Certaine notes of the voyage to Brasil with the Minion of London», vol. 8, p. 25.

possibilidade do monopólio inglês de determinadas rotas e espaços geográficos, por oposição aos impérios da Península Ibérica:

[...] we should share with the Portugall in the East, & the Spaniard in the West, by trading to any part of America, thorow Mar del Sur; where they can no maner of way offend us. [...] Also we might sayle to divers very rich countreys, both civill and others, out of both their jurisdictions, trades and traffikes, where there is to be found great abundance of golde, silver, precious stones [...] and other kind of merchandize of an inestimable price, which both the Spaniard and Portugall, through the length of their journies, cannot well attaine unto. [...] Also we might inhabite some part of those countreys, and settle there such needy people of our countrey [...] and that without depending either upon France, Spaine, Flanders, Portugall, [...] or any other part of Europe ²⁴⁷.

O explorador inglês, ao advogar a expansão inglesa tenta prever o futuro em forma de exortação a Isabel I, recorrendo a uma sugestiva metáfora para caracterizar a relação da nação inglesa com os reinos ibéricos:

[...] the Queenes Majestie having so good opportunitie, and finding the commoditie which thereby might ensue to the common wealth, would cut them off, and enjoy the whole traffique to her selfe, and thereby the Spaniards and Portugals, with their great charges, **should beate the bush, and other men catch the birds**: which thing they foresseing, have commanded that no pilot of theirs upon pain of death, should seke to discover the Nortwest [...] ²⁴⁸.

Opinião igualmente partilhada, entre outros, por Richard Willis, num texto semelhante ao de Gilbert, em termos de argumentos, ao defender a procura dessa mesma passagem a Norte, afirmando que a Sul da Europa, na «[...] Southeast passage the Portugals doe hold as Lords of those Seas» ²⁴⁹.

²⁴⁷ Humphrey GILBERT, «A discourse..., chapter 10», vol. 5, p. 116. O autor de *Discourse on a North-West Passage to India* (1566) apoia energeticamente a expansão ultramarina e colonização inglesas, como se pode verificar através do excerto acima reproduzido. Isabel I rejeita o projecto de Gilbert, enviando-o, não para as Índias, mas para a Irlanda. Em 1583, durante a sua segunda viagem à América do Norte, o navegador acaba por reclamar a Terra Nova para a Inglaterra, vindo a falecer na viagem de regresso (cf. J. P. KENYON, s.v. «Humphrey Gilbert», *op. cit.*, p. 151). Sobre a acção portuguesa na Terra Nova veja-se Consuelo VARELA, «O controlo das rotas do bacalhau nos séculos XV e XVI», in *Oceanos: Terra Nova – A Epoeia do Bacalhau*, n.º 45, Janeiro-Março de 2001, Lisboa, pp. 22-32. Filipe Nunes de CARVALHO, s.v. «Terra Nova», in *Dicionário de História dos Descobrimientos Portugueses*, vol. 2, p. 1026, afirma que «[...] o redescobrimento posterior da Terra Nova e das regiões vizinhas é matéria muito menos pacífica [...]. São diversos os historiadores ingleses que defendem que marinheiros da Inglaterra terão atingido a Terra Nova, talvez entre 1460 e 1480, sob a orientação de um piloto português de apelido Fernandes [...]».

²⁴⁸ Humphrey GILBERT, *op. cit.*, p. 119, negrito nosso.

²⁴⁹ Richard WILLES, «Certaine other reasons...», vol. 5, p. 124. O documento intitulado «The course which Sir Francis Drake held...», vol. 6, p. 241, refere também o «[...] course of the Portugales by the cape of Bona Speranza [...]».

Diversos outros exploradores e autores de relatos referem que, com o início das navegações, a Inglaterra, tal como acontecera com os reinos vizinhos de Espanha e Portugal, aumentará quer a sua frota naval quer os seus domínios e riquezas ²⁵⁰, pelo que a nação deverá ser estimulada a seguir as rotas e o exemplo de Portugal ²⁵¹, cuja notariade e população «[...] is scarce comparable to some three shires of England» ²⁵². Todo este vasto conjunto de fontes europeias constitui um acervo representativo quer da opinião quer dos interesses e argumentos da nação inglesa no que diz respeito ao início da sua expansão marítima e imperial, representando, pela sua diversidade, um «espaço de memória» ²⁵³ escrito que muito revela sobre a mentalidade não só inglesa, mas também europeia em torno dos Descobrimentos portugueses. Por seu lado, Richard Hakluyt apresenta-nos uma imagem que supõe ser a visão dos escritores portugueses acerca dos viajantes europeus que percorrem os mares desbravados pelos lusos, tratando-se portanto de uma representação/caracterização mútua:

But whosoever is conversant in reading the Portugall and Spanish writers of the East and West Indies, shall commonly finde that they account all other nations for pirats, rovers and theeves, which visite any heathen coast that they have once sayled by or looked on. Howbeit their passionate and ambitiuos reckoning ought not to be prejudiciall to other mens chargeable and painefull enterprises and honourable travels in discoverie ²⁵⁴.

Os argumentos do geógrafo são significativos no contexto histórico-cultural de produção da obra, ou seja, no início da (afirmação da) expansão inglesa, afirmando o autor que os ambiciosos portugueses se consideram donos de todas as costas e terras:

- 1) por onde já navegaram, e inclusive
- 2) que já avistaram;

não devendo tal facto ser encarado como critério para travar a acção de outros navegadores – piratas e ladrões segundo os portugueses – que desejem aventurar-se por essas mesmas paragens. A coragem e o orgulho ingleses começam, portanto, a ser exaltados e equiparados ou até mesmo considerados superiores aos ibéricos, como afirma Laurence Keymis:

²⁵⁰ Cf. George PECKHAM, «A true Report...», vol. 6, p. 61.

²⁵¹ *Idem, ibidem*, p. 74. O explorador enumera os avanços e as conquistas dos portugueses, referindo os feitos marítimos de «[...] Vasques da Gama, Peter Alvares, Thomas Lopes, Andrew Corsale, John de Empoli, Peter Sintra [...], and that noble and worthy gentleman Alonzo de Albuquerque [...]» (p. 75), na sua totalidade heróis que os navegadores ingleses deverão igualar.

²⁵² *Idem, ibidem*, p. 77.

²⁵³ Expressão/conceito de Pierre NORA (ed.), *Les lieux de mémoire*, tomo I: *La République*, Paris, 1984, pp. vii-xlii.

²⁵⁴ Richard HAKLUYT, «The voyage of Sir Thomas Pert...», vol. 7, p. 4.

In summe: it seemeth unto me, that whereas the difficultie of performing this enterprise hath bene produced produced for a discouragement: it were a dull conceite of strange weaknes in our selves, to distrust our own power so much, or ast least, our owne hearts and courages; as valewing the Spanish nation to be omnipotent; or yeelding that the poor Portugal hath that mastering spirit and conquering industrie, above us; as to bee able to seate himselfe amongst the many mightie princes of the East Indies, to frontiere China, to holde in subjection the Philippinas, Zeilan, Calecut, Goa, Ormus, Mozambique, and the rest; the navegation being so tedious and full of perill: to suffer our selves to bee put backe for worthlesse cyphers, out of place, without account. All of which Regions being nowe also by the late conquest of Portugall, entituled to the Spanish king; to whom the Colonies of those parts doe yet generally refuse to sweare fealtie and allegiance: [...] not onely in governing them in the East, so farre off; [...] scattered, & ill guarded empires and provinces in the West ²⁵⁵.

Quer o exotismo antropológico-literário quer as rotas, os lucros e os segredos marítimos portugueses povoam o imaginário colectivo de *The Principal Navigations*, obra na qual os Descobrimentos marcam uma presença singular, uma vez que seria pouco provável que viajantes europeus quinhentistas se aventurassem ou quisessem aventurar por qualquer parte do globo sem encontrar uma embarcação ou um domínio do império ultramarino português. Toda esta informação recolhida e partilhada por Hakluyt, em colaboração com os navegadores/mercadores ingleses, será vital para a expansão inglesa, contribuindo, como já afirmámos, no século XVII para o desequilíbrio da Carreira da Índia.

Fontes ²⁵⁶

HAKLUYT, Richard, *Voyages in Eight Volumes*, 8 volumes, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962:

ADAMS, Clement, «The newe Navigation and discoverie of the kingdome of Moscovia, by the Northeast, in the yeere 1553: Enterprised by Sir Hugh Willoughbie knight, and perfourmed by Richard Chancellor Pilot major of the voyage: Written in Latine by Clemet Adams», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 1, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 266-279.

«An ancient voyage of M. Robert Reniger and M. Thomas Borey to Brasill in the yeere of our Lord 1549», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 8, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, p. 15.

«Another letter of Master Newberie to the aforesaid M. Poore, written from Babylon.», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 3, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 274-275.

²⁵⁵ Laurence KEYMIS, «A Relation of the second Voyage to Guiana...», vol. 7, pp. 390-391.

²⁵⁶ Optámos por citar, na bibliografia final, apenas as fontes que servem de base a este trabalho, ou seja, as narrativas publicadas por Hakluyt, encontrando-se os estudos e as demais fontes coevas referidos em nota de rodapé.

- «Another letter of the said M. Arthur Edwards, written the 26. Of April 1566. In Shamaki in Media, to the right worshipful Sir Thomas Lodge Knight and Alderman: and in his absence to M. Thomas Nicols, Secretarie to the right worshipfull companie trading into Russia, Persia, and other the North and East partes, touching the successe of Richard Johnson in the third voiage into Persia», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 2, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 35-40.
- «Another letter of the said M. Newberie, written to Master Leonard Poore of London, from Alepo», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 3, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 272-274.
- BAÇAN, Alvaro, «The opinion of Don Alvaro Baçan, Marques of Santa Cruz, and high Admirall of Spaine, touching the armie of Sir Francis Drake lying at the Isles of Bayona in Galicia, written in Lisbon the 26 of October after the account of Spaine in the yere 1585», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 7, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 73-77.
- BARRET, Will.(iam), «The money and measures of Babylon, Balsara, and the Indies, with the customes, &c. written from Aleppo in Syria, An. 1584. By M. Will. Barret», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 3, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 328-339.
- «(A) briefe relation of the notable service performed by Sir Francis Drake upon the Spanish Fleete prepared in the Road of Cadiz: and of his destroying of 100. Saile of barks; Passing from thence all along the coast to Cape Sacre, where also hee tooke certaine Forts: and so to the mouth of the River of Lisbon, and thence crossing over to the Isle of Sant Michael, supprized a mighty Carrack caled the Sant Philip comming out of the East India, which was the first of that kinde that ever was seene in England: Performed in the yeere 1587», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 4, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 281-285.
- «(A) briefe relation of two sundry voyages made by the worshipful M. William Haukins of Plim-mouth, father to Sir John Haukins knight, late Treasurer of her Majesties Navie, in the yeere 1530 and 1532», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 8, col. «Every-man's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 13-15.
- «Certaine articles delivered to M. John Lok, by Sir William Gerard Knight, M. William Winter, M. Benjamin Gonson, M. Anthony Hickman, and M. Edward Castelin the 8 of September 1561, touching a voyage to Guinea», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 4, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 130-131.
- «Certaine remeberances of an intended voyage to Brasill, and the river of Plate, by the Edward Cotton, a ship of 260 Tunnes of Master Edward Cotton of Southhampton, which perished through extreme negligence neare Rio grande in Guinie, the 17 of July 1583», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 4, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 259-261.
- COLUMBUS, Fernand, «The offer of the discovery of the West Indies by Christopher Columbus to king Henry the seventh in the yeere 1488 the 13 February: with the kings acceptation of the offer, & the cause whereupon hee was deprived of the same: recorded in the thirteenth chapter of the history of Don Fernand Columbus of the life and deeds of his father Christopher Columbus», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 5, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 80-82.
- «(The) copie of Anthonie Anes Pinteado his letters patents, whereby the king of Portugall made him knight of his house, after all his troubles and imprisonment, which, by wrong infor-mation made to the king, he had sustained of long time, being at the last delivered, his cause knowen and manifested to the king by a gray Frier the kings Confessor», in Richard

- HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 4, col. «Everyman's Library», introdução de John Masfield, Dent, Londres, 1962, p. 45.
- «(The) copie of the letter of Don Lewes the infant, and brother to the king of Portugall, sent into England to Anthoine Anes Pinteado», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 4, col. «Everyman's Library», introdução de John Masfield, Dent, Londres, 1962, p. 46.
- «(A) copie of the letters of the Adventurers for Brasill sent to John Whithall dwelling in Santos, by the Minion of London. Anno 1580. the 24. Of October in London», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 8, col. «Everyman's Library», introdução de John Masfield, Dent, Londres, 1962, pp. 19-21.
- «(The) course which Sir Francis Drake held from the haven of Guatulco in the South sea on the backe side of the Nueva Espanna, to the North-west of California as far as fourtie three degrees: and his returne back along the said Coast to thirtie eight degrees: where finding a faire and goodly haven, he landed, and staying there many weekes, and discovering many excellent things in the countrey and great shewe of rich minerall matter, and being offered the dominion of the countrey by the Lord of the same, hee tooke possession thereof in the behalfe of her Majestie, and named it Nova Albion», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 6, col. «Everyman's Library», introdução de John Masfield, Dent, Londres, 1962, pp. 240-245.
- DAVIE, Robert, «The victorious voyage of Captaine Amias Preston now kight, and Captaine George Sommers to the West India, begun in March 1595. Wherein the yle of Puerto Santo, the yle of Coche neere Margarita, the fort and towne of Coro, the stately city of S. Iago de Leon were taken sacked and burned, and the towne of Cumana ransomed, & Jamaica entered. Written by Robert Davie one of the company», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 7, col. «Everyman's Library», introdução de John Masfield, Dent, Londres, 1962, pp. 172-183.
- «(A) declaration of the places from whence the goods subscribed doe come», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 3, col. «Everyman's Library», introdução de John Masfield, Dent, Londres, 1962, pp. 341-343.
- «A direction as well for the Captaine, and other my friends of the ship, as especially for William Cheesman Marchant, for the voyage to the river of Plate», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 3, col. «Everyman's Library», introdução de John Masfield, Dent, Londres, 1962, pp. 261-262.
- DOWNTON, Nicholas, «The firing and sinking of the stout and warre-like Carack called Las Cinque Llaguas, or, The five Wounds, by three tall Ships set foorth at the charges of the right honorable the Erle of Cumberland and his friends: Written by the discreet and valiant captaine M. Nicholas Downton», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 5, col. «Everyman's Library», introdução de John Masfield, Dent, Londres, 1962, pp. 68-72.
- ELDRED, John, «The voyage of M. John Eldred to Trypolis in Syria by sea, and from thence by land and river to Babylon and Balsara. 1583», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 3, col. «Everyman's Library», introdução de John Masfield, Dent, Londres, 1962, pp. 321-328.
- «(The) famous voyage of Sir Francis Drake into the South sea, and therence about the whole Globe of the earth, begun in the yeere of our Lord, 1577», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 8, col. «Everyman's Library», introdução de John Masfield, Dent, Londres, 1962, pp. 48-75.
- «(The) first voyage made by Master William Towrson Marchant of london, to the coast of Guinea, with two Ships, in the yeere 1555», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 4, col. «Everyman's Library», introdução de John Masfield, Dent, Londres, 1962, pp. 66-95.

- FITCH, Ralph, «The voyage of M. Ralph Fitch marchant of London by the way of Tripolis in Syria, to Ormus, and so to Goa in the East India, to Cambaia, and all the kingdome of Zelabdim Echebar the great Mogor, to the mighty river Ganges, and downe to Bengala, to Bacola, and Chonderi, to Pegu, to Omahay in the kingdome of Siam, and backe to Pegu, and from thence to Malacca, Zeilan, Cochin, and all the coast of the East India: begunne in the yeere of our Lord 1583, and ended 1591, wherein the strange rites, maners, and costumes of those people, and the exceeding rich trade and commodities of those countries are faithfully set downe and diligently described, by the aforesaid M. Ralph Fitch», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 3, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 281-315.
- FLICKE, Robert, «A report of Master Robert Flicke directed to Master Thomas Bromley, master Richard Staper, and Master Cordall concerning the successe of a part of the London supplies sent to my Lord Thomas Howard to the Isles of the Azores, 1591», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 5, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 16-21.
- «(The) fourth voyage made to Virginia with three ships, in the yeere 1587. Wherein was transported the second Colonie», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 6, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 196-211.
- FREDERICKE, Caesar, «The voyage and travell of M. Caesar Fredericke, Marchant of Venice, into the East India, and beyond the Indies. Wherein are contained the costumes and rites of those countries, the merchandises and commodities, aswell of golde and silver, as spices, drugges, pearles, and other jewels: translated out of Italian by M. Thomas Hickocke», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 3, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 198-269.
- FRELIUS, Johannes Thomas, «The voyage of Thomas Stukeley, wrongfully called Marques of Ireland, into Barbary 1578. Written by Johannes Thomas Freigius in Historia de caede Sebastiani Regis Lusitaniae», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 4, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, p. 163.
- FULLER, Thomas, «Certaine rare and special notes most properly belonging to the voyage of M. Thomas Candish next before described; concerning the heights, soundings, lyings of lands, distances of places, the variation of the Compasse, the just length of time spent in sayling betweene divers places, and their abode in them, as also the places of their harbour and anckering, and the depths of the same, with the observation of the windes on severall coastes: Written by M. Thomas Fuller of Ipswich, who was Master in the desire of M. Thomas Candish in his foresaid prosperous voyage about the world», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 4, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 255-278.
- GILBERT, Humphrey, «A discourse written by Sir Humphrey Gilbert, to prove a passage by the Northwest to Cathaia, and the East Indies», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 5, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 92-120.
- «(The) great Charter granted unto forreine marchants by king Edward the first, in the 31 yeere of his reigne commonly called Carta mercatoria, Anno Domini 1303», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 1, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 112-117.
- GRIGS, Thomas, «Certaine notes of the voyage to Brasill with the Minion of London aforesaid, in the yeere 1580. Written by Thomas Grigs Purser of the said ship», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 8, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 21-26.

- HAKLUYT, Richard, «(The) antiquitie of the trade with English ships into the Levant», in *Voyages in Eight Volumes*, vol. 3, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 2-3.
- (The) Epistle Dedicatorie in the First Edition, 1589: To the Right Honourable Sir Francis Walsingham Knight, Principall Secretarie to her Majestie, Chancellor of the Duchie of Lancaster, and one of her Majesties most honourable Privie Councill», in *Voyages in Eight Volumes*, vol. 1, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 1-5.
- «(The) Epistle Dedicatorie in the First Volume of the Second Edition, 1598: To the right honorable my singular good Lord, the Lord Charles Howard, Erle of Notingham, Baron of Effingham, Knight of the noble Order of the Garter, lord high Admirall of England, Ireland, and Wales, &c. one of her Majesties most honourable privie Counsell», in *Voyages in Eight Volumes*, vol. 1, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 13-18.
- «(The) Epistle Dedicatorie in the Second Volume of the Second Edition, 1599: To the Right Honorable Sir Cecil Knight, principall Secretarie to her Majestie, master of the Court of Wardes and Liveries, and one of her Majesties most honourable privie Counsell», in *Voyages in Eight Volumes*, vol. 1, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 37-46.
- «(The) Epistle Dedicatorie in the Third Volume of the Second Edition, 1600: To the Right Honourable Sir Robert Cecil Knight, principall Secretary to her Majesty, master of the Court of Wards and Liveries, and one of her Majesties most honourable privie Counsell», in *Voyages in Eight Volumes*, vol. 1, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 47-52.
- «Notes in writing, besides more privie by mouth, that were given by Mr. Richard Hakluyt of Eiton in the Countie of Hereford, esquire, Anno 1580: to M. Arthur Pet, and to M. Charles Jackman, sent by the Merchants of the Moscovie companie for the discovery of the Northeast straight, not altogether unfit for some other enterprises of discovery, hereafter to be taken in hand», in *Voyages in Eight Volumes*, vol. 2, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 214-223.
- «(The) Preface to the First Edition: Richard Hakluyt to the favourable Reader», in *Voyages in Eight Volumes*, vol. 1, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 6-12.
- «(The) Preface to the Second Edition, 1598: A preface to the Reader as touching the principall Voyages and discourses in this first part», in *Voyages in Eight Volumes*, vol. 1, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 19-36.
- *The Principall Navigations & Voiages & Discoveries of the English Nation*, a photo-litographic facsimile of the 1589 edition, introdução de David Beers Quinn e Raleigh Ashlin Skelton, Cambridge University Press for the Hakluyt Press, Cambridge, 1965.
- «The principal voyages of the English Nation to the Isles of Trinidad, Margarita, Dominica, Deseada, Monserate, Guadalupe, Martinino, and all the rest of the Antilles; As likewise to S. Juan de Puerto Rico, to Hispaniola...», in *Voyages in Eight Volumes*, vol. 7, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, p. 1.
- «To the right honourable Sir Walter Raleigh Knight, Captaine of her Majesties Gard, Lor Warden of the Stanneries, and her Highnesse Lieutenant generall of the County of Cornwall, R. H. wisheth true felicitie», in *Voyages in Eight Volumes*, vol. 6, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 227-232.

- «(The) voyage of Master Andrew Barker of Bristol, with two ships, the one called the Ragged staffe, the other the Beare, to the coast of Terra firma, and the Bay of Honduras in the West Indies, in the yeere 1576. Wherein the reasons are premised which mooved him to st forth this voyage against the Spaniards: collected out of certaine notes and examinations touching this enterprise by M. Richard Hakluyt», in *Voyages in Eight Volumes*, vol. 7, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 68-73.
- «(The) voyage of Sir Thomas Pert, and Sebastian Cabot, about the eight yeere of King Henry the eight, which was the yeere 1516. To Brasil, Santo Domingo, and S. Juan de Puerto rico», in *Voyages in Eight Volumes*, vol. 7, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 2-4.
- «(A) voyage with three tall ships, the Penelope Admirall, the Marchant royall Viceamirall, and the Edward Bonaventure rereadmirall, to the East Indies, by the Cape of Buona Speransa, to Quitangone neere Mosambique, to the Iles of Comoro and Zanzibar on the backside of Africa, and beyond cape Comori in India, to the Iles of Nicubar and of Gomes Polo within two leagues of Sumatra, to the Ilands of Pulo Pinaom, and thence to the maine land of Malacca, begunne by M. George Raymond, in the yeere 1591, and performed by M. James Lancaster, and written from the mouth of Edmund Barker of Ipswich, his lieutenant in the sayd voyage, by M. Richard Hakluyt», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 4, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 242-259.
- HAKLUYT, Richard (of Middle Temple), «Notes formed by M. Richard Hakluyt of the middle Temple esquire, given to certaine Gentlemen that went with M. Frobisher in his Northwest discoverie, for their directions: And not unfit to be committed to print, considering the same may stirre up considerations of these and of such other things, not unmeete in such new voyages as may be attempted hereafter», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 5, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 165-170.
- HAWKINS, John, «The third troublesome voyage made with the Jesus of Lubeck, the Minion, and foure other ships, to the parts of Guinea, and the West Indies, in the yeeres 1567 and 1568 by M. John Hawkins», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 7, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 53-62.
- HAWKS, Henry, «A relation of the commodities of Nuova Hispania, and the maners of the inhabitants, written by Henry Hawks merchant, which lived five yeeres in the sayd countrey, and drew the same at the request of M. Richard Hakluyt Esquire of Eiton in the county of Hereford, 1572», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 6, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 279-296.
- «His [John Newberry] third Letter to Maister Leonard Poore, written from Goa», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 3, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 276-280.
- HOGAN, Edmund, «The Ambassage of M. Edmund Hogan, one of the sworne Esquires of her Majesties person, from her Highnesse to Mully Abdelmelech Emperour of Marocco, and king of Fes and Sus: in the yeere 1577, written by himselfe», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 4, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 156-162.
- HOLINSHEAD, Raphael, «An ambassade from Don Ferdinando, brother to the emperor Charles the 5. Unto the king henry the 8. In the yere 1527. Desiring his aide against Solyman the great Turke. Holinshead. pag. 894», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 3, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 1-3.

- «Instructions given by the right honourable the Lordes of the Counsell, to M. Edward Fenton Esquire, for the order to be observed in the voyage recommended to him for the East Indies and Cathay. April 9. 1582», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 8, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 99-132.
- JANE, John, «The last voyage of the worshipfull M. Thomas Candish esquire, intended for the South sea, the Philippinas, and the coast of China, with 3. tall ships, and two barks: Written by M. John Jane, a man of good observation, imployed in the same, and many other voyages», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 8, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 289-312.
- JENKINSON, Anth.[ony], «A compendious and briefe declaration of the journey of M. Anth. Jenkinson, from the famous citie of London into the land of Persia, passing in this same journey thorow Russia, Moscovia, and Mare Caspium, aliás Hircanum, sent and imployed therein by the right worshipfull Societie of the Merchants Adventurers, for discoverie of Lands, islands, &c. Being begun the foureteenth day of May, Anno 1561, and in the third yere of the reigne of the Queenes Majestie that now is: this present declaration being directed and written to the foresayd Societie», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 2, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 9-29.
- «The names of such countries as I Anthony Jenkinson have travelled unto, from the second of October 1546, at which time I made my first voyage out of England, untill the yeere of our Lord 1572, when I returned last out of Russia», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 2, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 157-158.
- KEYMIS, Laurence, «A Relation of the second Voyage to Guiana, performed and written in the yeere 1596. By Laurence Keymis Gent», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 7, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 358-400.
- LAUDONNIERE, «A notable historie containing foure voyages made by certaine French Captaines into Florida: Wherein the great riches and fruitfulness of the Countrey with the maners of the people hitherto concealed are brought to light, written all, saving the last, by Mion-sieur Laudonniere, who remained there himselfe as the French Kings Lieutenant a yeere and a quarter: Translated out of French into English by M. Richard Hakluyt», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 6, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 232-239.
- «(A) letter of M. John Lok to the worshipfull company of Marchants adventures fro Guinie, written 1561, shewing reasons for his not proceeding in a voyage then intended to the fore-sayd countrey», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 3, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 131-133.
- «(A) letter of M. John Newberry, written from Alepo, to M. Richard Hakluit of Oxford, the 28. Of May, Anno 1583», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 3, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 271-272.
- «(A) letter of M. Thomas Candish to the right honourable the Lord Hunsdon, Lord Chambar-laine, one of her Majesties most honourable Privy Councell, touching the successe of his voyage about the world», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 1, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 278-280.
- «(A) letter of the king of England Henry the eight, to John king of Portugal, for a Portingale ship with the goods of John Gresham and Wil. Locke with others, unladen in Portugale from Chio», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 3, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 3-5.

- «(A) letter of Thomas Alcocke to the worshipfull Richard Gray, and Henrie Lane Agents in Moscovia from Tirwill in Polonia, written in Tirwill the 26. Of April 1558», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 1, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 395-397.
- «(A) Letter written from Goa by Master Ralph Fitch to Master Leonard Poore abovesaid», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 3, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 280-281.
- «(A) letter written to M. Richard Staper by John Whithal from Santos in Brasil, the 26. Of June 1578», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 8, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 15-19.
- LINSCHOTEN, Jan Huygen van, «A large testimony of John Huighen van Linschoten Hollander, concerning the worthy exploits atchieved by the right honourable the earle of Cumberland, By Sir Martine Frobisher, Sir Richard Greenvile, and divers other English Captaines, about the Isles of the Açores, and upon the coasts of Spaine and Portugall, in the yeeres 1589, 1590, 1591, &c. recorded in his excellent discourse of voiaages to the east and West Indies. Cap. 96. 97. and 99», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 5, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 21-43.
- «The report of John Huighen van Linschoten concerning M. Newberies and M. Fitches imprisonment, and of their escape, which happened while he was in Goa», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 3, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 315-321.
- LISBON, Frey Peter of, «A briefe relation of the great magnificience and rich traffike of the kingdome of Pegu beyond the East India, written by Frey Peter of Lisbon, to his cousin Frey Diego of Lisbon, from Cochin», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 4, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 240-241.
- LOCKE, John, «The voyage of M. John Locke to Jerusalem», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 3, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 12-38.
- «(A) mandate of king Edward the first concerning outlandish marchants», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 1, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 112.
- «Master Newberie his letter from Ormus, to M. John Eldred and William Shals at Balsara», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 3, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 275-276.
- METERAN, Emanuel van, «The miraculous victory atchieved by the English Fleete, under the discreet and happy conduct of the right honourable, right preudent, and valiant lord, the L. Charles Howard, L. high Admirall of England, &c. Upon the Spanish huge Armada sent in the yeere 1588. For the invasion of England, together with the wofull and miserable successe of the said Armada afterward, upon the coasts of Norway, of the Scottish Westerne Isles, or Ireland, of Spaine, of France, and of England, &c. Recorded in latine by Emanuel van meteran in the 15. Booke of his history of the low Countreys», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 2, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 369-401.
- MOLEYNS, Adam(?), «Here beginneth the Prologue of the processe of the Libel of English policie, exhorting all England to keepe the sea, and namely the narrow sea: shewing what profite coometh therof, and also what worship and salvation to England, and to all English-men», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 1, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 174-202.

- NICOLS, Thomas, «A description of the fortunate islands, otherwise called the Ilands of Canaria, with their strange fruits and commodities: composed by Thomas Nicols English man, who remained there the space of seven yeeres together», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 4, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 23-32.
- «(A) note of charges from Aleppo to Goa, as followeth», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 3, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 339-341.
- PECKHAM, George, «A true Report of the late discoveries, and possession taken in the right of the Crowne of England of the Newfound Lands, By that valiant and worthy Gentleman, Sir Humfrey Gilbert Knight», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 6, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 42-78.
- PETONEY, Melchior, «A relation sent by Melchior Petoney to Nigil de Moura at Lisbon, from the Iland and castle of Arguin, standing a little to the Southward of Cape Blanco, in the Northerly latitude of 19 degrees, concerning the rich and secret trade from the inland of Africa thither: Anno 1591», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 5, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 43-44.
- PHILIPS, Miles, «A discourse written by one Miles Philips Englishman, one of the company put on shoare Northward of Panuco, in the West Indies by M. John Hawkins 1568. Containing many special things of that countrey and of the Spanish government, but specially of their cruelties used to our Englishmen, and amongst the rest to him selfe for the space of 15. or 16. yerres together, until by good and happy meanes he was delivered from their bloody hands, and returned into his owne Countrey. An. 1582», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 6, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 296-336.
- PRETTY, Francis, «The admirable and prosperous voyage of the Worshipfull Master Thomas Candish of Trimley in the Countie of Suffolke Esquire, into the South sea, and from thence round about the circumference of the whole earth, begun in the yeere of our Lord 1586, and finished 1588. Written by Master Francis Pretty lately of Ey in Suffolke, a Gentleman employed in the same action», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 8, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 207- 255.
- RALEIGH, Walter, «A report of the trueth of the fight about the Isles of Açores, the last of August 1591. Betwixt the revenge. One of her Majesties shippes, and an Armada of the king of Spaine; Penned by the honorable Sir Walter Raleigh knight», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 5, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 1-14.
- «(The) relation of a Voyage made by a Pilot called Nuno da Silva for the Vice-roy of new Spaine, the 20. Of May, in the yere of our Lord 1579. In the citie of Mexico, from whence it was sent to the Vice-roy of the Portugall-Indies: wherein is set downe the course and actions passed in the Voyage of Sir Francis Drake that tooke the aforesayd Nuno da Silva at S. iago one of the Islands of Cabo Verde, and carried him along with him through the Streights of Magellan, to the Haven of Guatulco in new Spaine, where he let him goe againe», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 8, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 75-87.
- RESENDE, Garcia de, «The Amabassage which king John the second, king of Portugall, sent to Edward the fourth king of England, which in part was to stay one John Tintam, and one William Fabian English men, from proceeding in a voyage which they were preparing for Guinea, 1481, taken out of the booke of the workes of Gracias [*sic.*] de Resende, which intreateth of the life and acts of Don John the second, king of Portugall. Chap. 33», in

- Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 4, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 21-22.
- SANDERS, Thomas, «The voyage made to Tripolis in Barbarie, in the yeere 1583. With a ship called the Jesus, wherein the adventures and distresses of some Englishmen are truely reported, and other necessary circumstances observed. Written by Thomas Saunders», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 3, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 139-155.
- SARRACOLL, John, «The voyage set out by the right honourable the earle of Cumberland, in the yere 1586. Intended for The South sea, but performed no farther then the latitude of 44. Degrees to the South of the Equinoctial, Written by M. John Sarracoll marchant in the same voyage», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 8, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 132-153.
- «(The) second voyage made by Maister William Towrson to the coast of Guinea, and the castle of Mina, in the yeere 1556. with the Tiger of London, a ship of 120 tunnes, the Hart of London of 60 tunnes, and a Pinnesse of sixteene tunnes», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 4, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 95-111.
- «The second voyage to Guinea set out by Sir George Barne, Sir John Yorke, Thomas Lok, Anthonie Hickham and Edward Castelin, in the yeere 1554. The Captaine whereof was M. John Lok», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 4, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 47-66.
- SEQUANUS, Joannes Metellus, «Another testimonie of Joannes Metellus Sequanus concerning the same Navigation and Discoveries in his Preface prefixed before Osorius de rebus gestis Emanuelis Regis Portugalliae, written about the yeere, 1574», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 2, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, p. 369.
- STEVENS, Thomas, «A Letter written from Goa, the principall City of all the East Indies, by one Thomas Stevens an English man, and sent to his father, M. Thomas Stevens: Anno 1597», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 4, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 233-240.
- «(The) third and last voyage of M. William Towrson to the coast of Guinie, and the Castle of Mina, in the yeere 1577», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 4, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 111-130.
- «(The) third voyage made by a ship sent in the yeere 1586, to the reliefe of the Colony planted in Virginia, at the sole charges of Sir Walter Raleigh», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 6, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 162-164.
- THOMAS, James, «The second voyage to Barbary in the yeere 1552. Set foorth by the right worshipfull Sir John Yorke, Sir William Gerard, Sir Thomas Wroth, Master Frances Lambert, Master Cole, and others; Written by the relation of Master James Thomas then page to Master Thomas Windham chiefe Captaine of this voyage», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 4, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 33-35.
- THORNE, Robert, «A declaration of the Indies and lands discovered, and subdued unto the Emperour, and the King of Portingal: And also of other partes of the Indies and rich countries to be discovered, which the worshipfull M. Robert Thorne merchant of London (who dwelt long in the citie of Sivil in Spaine) exhorted king Henrie the eight to take in hand», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 1, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 212-216.

- , «The Booke made by the right worshipful M. Robert Thorne in the yeere 1527. In Sivil, to Doctour Ley, Lord ambassadour for king Henry the eight, to Charles the Emperour, being an information of the parts of the world, discovered by him and the king of Portingal: and also of the way to the Molluccaes by the North», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 1, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 216-230.
- «(The) times or seasonable windes called Monsons, wherein the ships depart from place to place in the East Indies», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 3, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 343-349.
- «(The) travailes of Jo Hortop, which John Hawkins set on land within the Bay of Mexico, after his departure from Haven of S. John de Ullula in Nueva Espanna, the 8. Of October 1568», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 6, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 336-354.
- «(A) true discourse of the three Voyages of discoverie, for the finding of a passage to Cathaya, by the Northwest, under the conduct of Martin Frobisher Generall: Before which, as necessary Preface is prefixed a twofold discourse, conteining certaine reasons to prove all partes of the Worlde habitable. Penned by Master George Best, a gentleman employed in the same voyages», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 5, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 170-199.
- «(A) true report of the honourable service at sea performed by Sir John Burrough Knight, Lieutenant generall of the fleet prepared by the honor. Sir Walter Raleigh Knight, Lord warden of the Stanneries of Cornwall and Devon. Wherin chiefly the Santa Clara of Biscay, a ship of 600 tunnes was taken, and the two East Indian caraks, the Santa Cruz and the Madre de Dios were forced, the one burnt, and the other taken and brought into Dartmouth the seventh of September, 1592», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 5, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 57-68.
- VAZ, Lopez, «A discourse of the West Indies and South sea written by Lopez Vaz a Portugal, borne in the cite of Elvas, continued unto the yere 1587. Wherein among divers rare things not hitherto delivered by any other writer, certaine voyages of our Englishmen are truely reported: which was intercepted with the author thereof at the river of Plate, by captaine Withrington and captaine Christopher Lister, in the fleete set forth by the right Honorable the erle of Cumberland for the South sea in the yeere 1586», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 8, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 153-206.
- «An extract out of the discourse of one Lopez Vaz a Portugal, touching the fight of M. Fenton with the Spanish ships, with a report of the proceeding of M. John Drake after his departing from him to the river of Plate», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 8, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 45-47.
- «(The) first voyage attempted and set forth by the expert and valiant captaine M. Francis Drake himselfe, with a ship called the Dragon, and another ship and a Pinnesse, to Nombre de Dios, and Dariene, about the yeere 1572, Written and recorded by one Lopez Vaz a Portugall borne in the cite of Elvas, in maner follow: which Portugale, with the discourse about him, was taken at the river of Plate by the ships set forth by the right Honorable the Earle of Cumberland, in the yeere 1586», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 7, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 62-64.
- «The voyage of John Oxnam of Plimmouth, to the West India, and over the straight of Dariene into the South sea. Anno 1575. Written by the foresaid Lopez Vaz in the said

- discourse», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 7, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 64-73.
- «The voiage made by Sir Richard Greenvile, for Sir Walter Raleigh, to Virginia, in the yeere 1585», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 6, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 132-140.
- «(A) voiage made out of England unto Guinea and Benin in Affrike, at the charges of certaine marchants Adventurers of the Citie of London, in the yeere of our Lord 1553», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 4, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 35-45.
- «(A) voyage of Master William Parker of Plimmouth gentleman, to Margarita, Jamaica, Truxillo, Puerto de Cavallos situate within the bay of Honduras, and taken by Sir Anthony Sherley and him, as likewise up Rio dulce: with his returne from thence, and his valiant and happie enterprize upon Campeche the chiefe towne of Yucatan, which he tooke and sacked with sixe and fifty men, and brought out of the harbour a Frigat laden with the kings tribute, and surprized also the towne of Sebo», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 7, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 222-271.
- «(A) voyage of one Pudsey to Baya in Brasill anno 1542», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 8, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, p. 15.
- «(The) voyage of Richard Rainolds and Thomas Dassel to the rivers of Senega and Gambra adjoyning upon Guinea, 1591, with a discourse of the treasons of certain of Don Antonio his servants and followers», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 5, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 44-52.
- «(The) voyage of Robert Tomson Marchant, into Nova Hispania in the yeere 1555. With divers observations concerning the state of the Countrey: And certaine accidents touching himselfe», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 6, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 246-263.
- «(The) voyage of the Susan of London to Constantinople, wherein the worshipfull M. William Harborne was sent first Ambassadour unto the Sultan Murad Can, the great Turke, with whom he continued as her Majesties Ligier almost sixe yeeres», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 3, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 101-113.
- «(A) voyage to the Azores with two pinases, the one called the Serpent, and the other the Mary Sparke of Plimouth, both of them belonging to Sir Walter Raleigh, written by John Evesham Gentleman, wherein were taken the governour, of the Isle of Saint Michael, and Pedro Sarmiento, governour of the Straits of Magalanes, in the yeere 1586», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 4, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 278-281.
- WALSINGHAM, Thomas, «The note following, concerning the aide and assistance of the English Marchants, given to King John the first of Portugal, for the winning of Ceut in Barbarie, which was the first occasion of all the Portugall discoveries, is taken out of Thomas Walsinghams Latine Chronicle. Anno 1415», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 2, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, p. 455.
- «(The) well goverened and prosperous voyage of M. James Lancaster, begun with three ships and a galley-frigat from London in October 1594, and intended for Fernambuck, the port-towne of Olinda in Brasil. In which voyage (besides the taking of nine and twenty ships

and frigats) he surprized the sayd port-towne, being strongly fortified and manned: and held possession thereof thirty dayes together (notwithstanding many bolde assaults of the enemy both by land and water) and also providently defeated their dangerous and almost inevitable fireworks. Heere he found the cargazon or freight of a rich East Indian carack; which together with great abundance of sugars, Brasil-wood, and cotton he brought from thence; lading therewith fiteene sailes of tall ships and barks», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 8, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 26-44.

WILLES, Richard, «Certaine other reasons, or arguments to proove a passage by the Northwest, learnedly written by M. Richard Willes Gentleman», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 4, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 120-131.

WINKFIELD, Antonie, «A true discourse written (as is thought) by Colonel Antonie Winkfield employed in the voiage to Spaine and Portugall, 1589. sent to his particular friend & by him published for the better satisfaction of all such as having bene seduced by particular report, have entred into conceits tending to the discredite of the enterprise and Actors of the same», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 4, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 307-355.

WREN, Walter, «The voyage of George Fenner to Guinie and the Islands of Cape Verde, in the yeere of 1566, with three ships, to wit, the Admirall called the castle of comfort, the May Flower, and the Goerge, and a Pinnasse also: Written by Walter Wren», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 4, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 139-155.

WRIGHT, Edward, «The voiage of the right honorable George erle of Cumberland to the Azores, &c. Written by the excellent Mathematician and Enginier master Edward Wright», in Richard HAKLUYT, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 4, col. «Everyman's Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 355-380.